



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
CAMPUS I MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS - MPEJA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
MESTRADO PROFISSIONAL



JOÃO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA

REVISTA DIGITAL:
ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA DO COLÉGIO ESTADUAL
MANOEL DEVOTO

Salvador

2024

JOÃO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA

**REVISTA DIGITAL:
ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA DO COLÉGIO ESTADUAL
MANOEL DEVOTO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do Mestrado Profissional no Programa Pós Graduação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia — UNEB.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Flávia Lorena de Souza Araújo

Salvador
2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E

ADULTOS - MPEJA

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

**“REVISTA DIGITAL: ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA
DO COLÉGIO ESTADUAL MANOEL DEVOTO”**

JOÃO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, em 20 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Flávia Lorena de Souza Araújo (UNEB)
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira (UNEB)
Doutorado em educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Documento assinado digitalmente



PRISCILA BRASILEIRO SILVA DO NASCIMENTO

Data: 15/01/2025 09:36:53-0300

Profa. Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento (UFRB)
Doutorado em Educação E Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

O48r

Oliveira, João Augusto Lima de

REVISTA DIGITAL: ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA DO
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL DEVOTO / João Augusto Lima de Oliveira.
Orientador(a): Flávia Lorena de Souza Araújo. Araújo. Salvador, 2024.
180 p.

Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA,
Salvador. 2024.

Contém referências, anexos e apêndices.

1.Educação de Jovens e Adultos. 2.Evasão escolar. 3.Escola pública.
4.História de Vida. I. Araújo,Flávia Lorena de Souza. II. Universidade do Estado
da Bahia. Salvador. III. Título.

CDD: 607



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
CAMPUS I MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS - MPEJA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS MESTRADO
PROFISSIONAL



JOÃO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA

**REVISTA DIGITAL:
ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA DO COLÉGIO ESTADUAL
MANOEL DEVOTO**

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Flávia Lorena de Souza Araújo — Orientadora

Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira — Membro interno

Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento — Membro externo

Salvador

2024

A minha amada mãe, Alzira Lima de Oliveira e meu pai Agnaldo, minha avó Amália (*in memoriam*), meus irmãos e a minha esposa Marta Alencar Matos de Oliveira, bem como aos demais familiares que sempre acreditaram em meu potencial e me incentivaram a buscar meus ideais independente das circunstâncias.

AGRADECIMENTOS

A minha família e amigos, em especial a minha grande esposa e companheira Marta Alencar de Matos Oliveira, que sempre estiveram ao meu redor, alicerçando minha caminhada e dando todo o suporte necessário para o alcance de meus objetivos. Obrigada pela compreensão, dedicação. Ao meu grande professor e amigo incentivador Ibecê Araújo. Foi com o apoio de vocês que consegui dar conta da jornada tripla de trabalho, associada aos estudos e pesquisa, sem comprometer a qualidade de vida.

À Universidade do Estado da Bahia pela acolhida e preocupação contínua em promover um curso de qualidade.

Aos professores, tutores e mestres, tão responsáveis e cheios de saberes. Vocês nos ensinaram que é possível socializar o conhecimento e ser humilde e solidário com as pessoas ao redor. Meu eterno obrigado a todos e todas. Um grande obrigado ao meu amigo novo, mas com grande conhecimento Ricardo Oliveira.

Em especial a minha orientadora Flávia Lorena de Souza Araújo a quem devo muito, obrigado pelo seu conhecimento acadêmico, pela sua demonstração de paciência que foram capazes de apresentar orientações tão pertinentes, numa contínua parceria rumo à finalização dessa dissertação, bem como as professoras doutoras Priscila Brasileiro Silva do Nascimento e Maria da Conceição Alves Ferreira.

Aos colegas de curso sempre tão parceiros, humanos e comprometidos com o compartilhamento de saberes. Sem dúvidas vivemos momentos de angústia, cansaço extremo, mas também muitas alegrias e aprendizagens. Esses momentos jamais foram esquecidos. Em especial ao meu amigo José Wilson de Siqueira São Thiago.

Um grande obrigado aos meus sócios Ricardo, Claudio, Sales obrigado pela paciência e compreensão comigo.

Aos parceiros de trabalho do Colégio Estadual Manoel Devoto, que sempre apoiaram, incentivaram e compreenderam a árdua caminhada que estava sendo traçada, em especial ao diretor Luciano Eloi.

E por fim, aos alunos do EJA, meu “Muito Obrigado” por se disponibilizarem a participar do estudo e contribuir para a construção e transformação de uma realidade de práticas que impactam na vida dos sujeitos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos na Bahia.

RESUMO

A presente pesquisa se insere na linha 3: Gestão Educacional e Tecnologias da Comunicação do Mestrado Profissional em Educação de jovens e Adultos tem como objetivo geral compreender os motivos que contribuem para que os estudantes permaneçam na EJA do Colégio Estadual Manoel Devoto, culminando na criação de uma revista digital que apresente por que os educandos permanecem na EJA no colégio estadual Manoel Devoto. Tem como objetivos específicos: mapear as razões e circunstâncias que provocam a evasão na EJA; analisar os relatos da história de vida dos estudantes pesquisados; identificar os motivos que contribuem para que estudantes permaneçam e concluam o curso; apresentar revista virtual com histórias de vida dos estudantes, com propostas para a aproximação dos jovens e adultos para o curso da EJA. A presença do fenômeno da evasão escolar nas instituições de educação públicas do Brasil é um problema que tem desafiado a comunidade escolar há muito tempo, portanto, queremos estudar os motivos que contribuem para o sucesso dos estudantes que permanecem. Para tanto, utilizamos os conceitos de permanência, bem como: discussão sobre trabalho, sentido da escola e esperança. A metodologia que fundamenta este estudo é a pesquisa participante e por técnica utilizamos História de Vida, por meio da narrativa de si focalizada na EJA no CEMD, nos apropriamos da formação de grupos em sala de aulas. Utilizamos também questionários em dois momentos, onde coletamos um total de 169 questionários respondidos, e mais uma entrevista gravada com seis alunos onde relatam suas impressões sobre vida e a escola e a EJA. E por fim a construção de um produto final em forma de uma revista virtual. O período estudado vai de 2022 a 2024. Este estudo apresenta como referencial teórico as contribuições de Josso (2007; 2010), Nòvoa (2010), Dominicé (2010), Souza (2010), Freire (2005). Como resultados da pesquisa obtivemos uma compreensão dos fatores que contribuem para a permanência dos educandos, como: a descrição de um futuro melhor, a busca por emprego formal, o convívio e a interação social com os estudantes, a possibilidade de se alimentar na escola e o entendimento que a escola é a instituição que pode mudar a suas vidas destes alunos, entre outros.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos – EJA; Evasão escolar; Escola pública; História de Vida.

ABSTRACT

The objective of this research is to gain insight into the factors that influence students' decisions to remain in the Youth and Adult Education (EJA) at the Colégio Estadual Manoel Devoto (CEMD). This study culminates in the creation of a digital magazine that presents the reasons why students choose to remain in the EJA at the Colégio Estadual Manoel Devoto. The specific objectives of this study are threefold: firstly, to map the reasons and circumstances that cause students to drop out of the EJA; secondly, to analyse the life stories of the students surveyed; and thirdly, to identify the reasons that contribute to students staying and completing the course. The findings will be presented in the form of a virtual magazine, which will include the students' life stories and proposals for improvements to the EJA course. The objective is to facilitate closer ties between young people and adults and the EJA course. The issue of school dropout is a long-standing challenge for the school community in Brazil, and our aim is to identify the factors that contribute to the success of students who remain in education. In order to achieve this, the concepts of permanence, as well as discussions about work, the meaning of school, and hope, were employed. The methodology employed in this study is participant research, utilizing life history as a technique. This entailed a self-narrative focused on the EJA at CEMD, incorporating the formation of groups in the classroom. Additionally, questionnaires were employed in two stages, yielding a total of 169 completed questionnaires and a recorded interview with six students, in which they articulated their perceptions of life, education, and the EJA. In conclusion, the project culminated in the production of a final deliverable in the form of a virtual magazine. The period under investigation spans the years 2022 to 2024. This study is theoretically informed by the work of Josso (2007; 2010), Nòvoa (2010), Dominicé (2010), Souza (2010), and Freire (2005). The research yielded insights into the factors influencing students' decisions to remain in school. These include aspirations for a brighter future, the pursuit of formal employment, social interaction with peers, and the availability of meals.

Keywords: Youth and Adult Education — EJA; School dropout; Public school; Life History.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEMD	Colégio Estadual Manoel Devoto
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNDEF	Fundo de manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBN	Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério de Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNE	Plano Nacional de Educação
PNUD	Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento
PPP	Projeto Político Pedagógico
Proeja	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SEC	Secretaria de Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1 Metodologia: dialogando com a bibliografia.....	21
1.3 Pesquisa: passo a passo.....	35
1.4 Etapas da pesquisa.....	35
1.5 Pesquisa participante.....	36
1.6 Pesquisa de campo.....	38
1.7 Lócus da pesquisa.....	39
1.7.1 Os Professores.....	40
1.8 Objeto de estudo.....	41
1.9 Universo da pesquisa.....	42
1.11 Descrição dos instrumentos para coleta de dados.....	44
2. Breve Contextualização Histórica, Social e Político e Documentos na Educação de Jovens a Adultos.....	46
2.1 Tópicos constitucionais.....	47
2.2 Campanhas de educação de jovens e adultos.....	47
2.3 Programas educacionais no transcurso da história.....	51
3. Um panorama sobre a evasão da EJA no CEMD.....	56
4. Análise da Pesquisa e Resultados.....	62
4.1. Dados da Pesquisa.....	63
4.2. A visão dos educandos.....	63
4.3. Passamos a analisar a EJA 7.....	91
4.4. Sobre o Questionário 02.....	92
4.4.1. Questionário 02.....	93
5.1. Infância.....	126
5.2. Adolescência.....	126
5.3. Família.....	127
5.4. Escola.....	127
5.5. Trabalho.....	127
6. Análise das entrevistas.....	129
Considerações Finais.....	143
Referências.....	149
ANEXO 1 — Revista EJA Devoto (RED).....	152
ANEXO 2 — DOCUMENTAÇÃO.....	153
ANEXO 3 — Entrevistas na íntegra.....	166

1. Introdução

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional na Gestão do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia — UNEB. O caso de gestão estudado buscou compreender os motivos que levam os alunos da EJA a permanecer no Colégio Estadual Manoel Devoto, uma das muitas escolas públicas da cidade de Salvador, entre os anos de 2022 e 2024.

O interesse pela temática surgiu ao perceber as grandes dificuldades dos profissionais e alunos que atuam no segmento da Educação de Jovens e Adultos. E em identificar os diversos fatores que contribuem para a evasão destes alunos do espaço escolar, correspondentes a taxas mais elevadas do que a evasão das séries regulares. A taxa da EJA é 20% maior que a evasão das outras modalidades, segundo relatórios dos governos, estaduais e federal, além dos próprios boletins de chamadas — colocados nos anexos desta dissertação — que demonstram maior evasão da EJA.

Porém, por outro lado, apesar dos fatores que implicam em uma grade desistência por parte dos alunos da EJA, percebemos que existe um percentual, de alunos que se mantêm presentes e frequentes ao longo do curso; o objetivo do nosso estudo é levantar os motivos, fatores, que levam esses alunos a permanecerem ao longo do curso diante das muitas adversidades. Portanto, o nosso estudo tem por objetivo compreender os motivos que contribuem para que os estudantes permaneçam na EJA do Colégio Estadual Manoel Devoto.

Partindo da percepção dos alunos nos anos de 2022 a 2024, no Colégio Estadual Manoel Devoto na cidade de Salvador, Bahia, localizado no bairro do Rio Vermelho, uma questão norteia essa pesquisa: por que os estudantes das turmas da EJA permanecem na escola?

Problematizando a questão acima, precisamos identificar os desafios enfrentados por esses alunos na trajetória do curso. Mesmo diante da realidade brutal da evasão, um grupo de alunos se mantêm firmes e permanentes e terminam os estudos iniciais, é preciso conhecer esta realidade e torná-la pública para que atinja a outros alunos. Assim, os objetivos específicos deste trabalho foram:

- Mapear as razões e circunstâncias que provocam a evasão na EJA;
- Analisar os relatos da História de Vida dos alunos pesquisados;

- Identificar os motivos que contribuem para que estudantes permaneçam e concluam o curso;
- Apresentar uma revista virtual com histórias de vida dos estudantes, com propostas para a aproximação dos jovens e adultos para o curso da EJA.

Para tanto, utilizamos como metodologia a pesquisa participante dos sujeitos históricos da EJA com abordagem qualitativa, perpassando pela fase exploratória, trabalho de campo, análise e interpretação dos dados coletados, tendo como instrumento de coleta um questionário direcionado aos alunos do ano de 2022 a 2024; e, finalmente, por uma construção coletiva de uma cartilha ou revista feita a várias mãos, contendo os relatos dos próprios alunos.

Para subsidiar as análises estão entre os referenciais teóricos: Arroyo (2006), Josso (2007, 2010), Nóvoa (2010), Dominicé e Abrahão (2010), Souza (2010), Freire (2005) e Miranda (2003), que abordam a EJA em seus aspectos políticos, pedagógicos e sociais. Os resultados encontrados nortearão o produto final deste trabalho, que visa dar visibilidade e voz a esses alunos na tentativa de apontar caminhos para minimizar os devastadores problemas da evasão escolar na EJA do Colégio Estadual Manoel Devoto.

No ambiente escolar, a presença de práticas pedagógicas vivenciadas em seus cotidianos em nada contribui para apreender a atenção dos estudantes da EJA, devido ao fato de não possuir vínculo com as práticas de vida e uma total desvinculação da realidade dos alunos. Outro ponto marcante é o despreparo dos discentes, que não recebem da SEC cursos ou orientações para lidar com a realidade dos alunos da EJA. Os professores, apesar da imensa vontade de ajudar a construir um ambiente propício para lidar com a EJA, não encontram na gestão da escola elementos que tragam subsídios para atender às necessidades cabais desse grupo de sujeitos. A escola não possui salas profícuas para atender esse grupo, tais como: salas com recursos de audiovisual, jogos, artesanato, multimídia, apoio logístico para professores; portanto, os docentes estão incapacitados de lidar com essas questões de aprendizagem diferenciada no tocante aos alunos da EJA, além da presença de conflitos entre professores e alunos; carga horária inadequada etc.

Como se não bastasse as questões evidenciadas dentro da escola acima citados, os alunos participantes da pesquisa vivem em situação vulnerável quanto à moradia, renda, inserção precoce no mercado de trabalho ou desemprego, necessidade de manutenção própria e da família, falta de segurança, fome (no sentido explícito da palavra), e sujeitos a todo tipo de violência simbólica e física, pois 100% dos estudantes

da EJA são moradores das regiões circunvizinhas do Colégio Estadual Manoel Devoto como: Chapada do Rio Vermelho, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Nordeste de Amaralina e Federação, regiões dominadas pelo tráfico de drogas, assaltantes, membros de gangues, e por batidas policiais sem nenhum respeito aos seus direitos civis e humanos. Lamentavelmente, muitos alunos do CEMD vão para a escola no intuito de merendar, porque passam fome; outros vão passar o tempo na escola para fugir momentaneamente da sua comunidade e do seu lar devido aos problemas vivenciados neles. Diante de tais constatações, foram propostas ações voltadas para a formação continuada da equipe escolar (gestor, docentes e demais profissionais), bem como a construção de propostas para manter o aluno na escola, de modo que ele se sinta útil e venha a aprender algo que tenha sentido para o seu dia a dia de trabalhador e estudante.

A educação de jovens foi abordada em uma lei brasileira no ano de 1934, ainda no governo Vargas, quando foi inserida no Plano Nacional de Educação como uma etapa de ensino gratuita e de frequência obrigatória, que ganhou uma sistematização maior, após ser diagnosticado um alto índice de analfabetismo no país. Assim, foram criados diversos programas no intuito de amenizar a problemática.

Em 1949, após a realização da I Conferência Internacional na Dinamarca, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil passou a ser direcionada por diferentes profissionais de forma voluntária, e fora da escola, demonstrando a ausência de políticas públicas voltadas à formação desses cidadãos. Somente com os movimentos populares influenciados pelas ideias de Paulo Freire a Educação de Jovens e Adultos ganhou um caráter crítico-transformador, pois passou a reconhecer a realidade cultural dos sujeitos embasada num processo dialógico reflexivo, incorporado aos processos metodológicos de aprendizagem.

Apesar da existência do modelo educacional disseminado por Paulo Freire, passados alguns anos foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL, experiência totalmente contrária ao que preconizava a educação popular no que se refere à conscientização política e erradicação do analfabetismo.

Os programas de educação de jovens e adultos foram impulsionados pelos debates acerca da melhoria da educação vivenciados na sociedade brasileira que, em processo de democratização, incluiu na Constituição Federal de 1988, o artigo nº 208, que contempla a obrigatoriedade da EJA como dever do Estado. Assim, o governo precisa garantir a oferta gratuita do ensino para todos que não tiveram acesso em idade própria, que pode ser no turno noturno a fim de atender às condições do educando.

Aponta o educador Miranda (2003) que essa preocupação com o analfabetismo e as dificuldades educacionais se tornou parte marcante das discussões mundiais, quando os organismos internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a Organização das Nações Unidas para Educação (UNESCO) e o Banco Mundial colocaram em pauta incentivos e estratégias para auxiliar os países que enfrentavam tal problemática em sua realidade educacional, resultando em campanhas e práticas de inserção de políticas voltadas ao atendimento do referido público. Diante disso, destaca-se que as políticas públicas brasileiras dentro da EJA se respaldam na Constituição Federal de 1988 (Art. 208), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9394/96 (Art. 4º, Inciso I e VII), no Parecer nº 11 do Conselho Nacional de Educação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (Resolução nº 01/2000).

As instituições educativas que ofertam a EJA precisam atender também às orientações presentes no artigo 3º, nos incisos I a XI, da LDB nº 9394/96, que preconiza que o ensino deve ter por base a igualdade de condições, liberdade, tolerância, pluralismo de ideias, gratuidade do ensino, valorização do profissional e da experiência extraescolar do aluno, gestão democrática, garantia do padrão de qualidade e vinculação entre práticas escolares, de trabalho e sociais, sendo fundamental aos educadores prover alternativas capazes de viabilizar a melhoria da aprendizagem dos alunos da EJA. Entretanto, analisando o funcionamento da EJA o que percebemos é uma luta constante e histórica no sentido de simplesmente implantar o curso nas escolas, renunciando a todos os critérios acima indicados pela lei da LDB, ignorada pelas instituições de ensino bem como pelo governo. Ficando aos alunos da EJA os porões da educação pública e aumentando o sentimento de que a EJA não é bem-vinda a escola.

A fim de responder às nossas indagações iniciais abordaremos essa questão a partir de conversas e escutas, e construção de questionários e entrevistas com os alunos que se comprometerem em narrar as suas histórias de vida relacionada com a sua trajetória educacional, de como eles percebem o papel da escola, de como a escola recebe e trata estes alunos, e quais os fatores preponderantes que levam esses sujeitos históricos a abandonarem as salas de aulas; bem como e em especial, conhecer as razões dos que permanecem na escola.

A partir destas informações, bem como análises dos documentos oficiais da escola (matrícula inicial e final), obtidas na secretaria da escola por meio do Projeto

Político Pedagógico — PPP, cadernetas de chamadas e trancamento ou evasão do aluno, foi possível estabelecer contato com os alunos presentes na EJA, a fim de verificar se aceitariam participar do estudo. Aqueles que colaboraram responderam ao questionário no momento indicado pela pesquisa e se tornaram alunos participantes. O método se deu em todas as salas da EJA, e de cada sala (de um total de três) foram escolhidos dois alunos em entrevistas gravadas, nas quais falaram de suas experiências de vida e a respeito de suas visões sobre a escola e a educação.

De acordo com a linha três (3) do MPEJA, que representa a Gestão Educacional e Tecnologias da Informação e da Comunicação: que abrange os estudos sobre gestão educacional em EJA e as novas tecnologias, observando os limites e as possibilidades da inovação pedagógica na ação dos gestores da EJA, e a disseminação do conhecimento por meio das novas tecnologias. Ligamos o anteprojeto à área de concentração 3, que trata de Gestão Educacional e Tecnologias da Informação e Comunicação. Segundo a descrição disposta no edital, a área de concentração 3 investiga a gestão e seus vínculos não só com a organização da escola, mas com as políticas de gestão, neste lugar acreditamos que esteja a questão da permanência dos na EJA. É nosso intuito problematizar as políticas de gestão e centrar o foco na permanência. Espera-se que, conhecendo as histórias de vida, possamos extrair elementos que auxiliem o controle da evasão na modalidade, que muito afeta o cotidiano da escola. E intensifique a permanência dos estudantes. Queremos abordar a questão da autoformação e a construção inditória de um estudante da EJA, que narre suas dificuldades e que assim ajudará outros a superarem desafios e alcançarem a meta formativa de aprender a aprender, a ser e a fazer.

Analizando, assim, as modalidades de gestão em EJA, destacando a gestão participativa e democrática, estabelecer vínculos entre a organização do trabalho, a organização social, política e econômica na gestão de EJA, investigando a organização da escola e as políticas de gestão da EJA no Brasil e na Bahia, problematizando impactos das políticas educacionais no cotidiano da vida escolar e nas identidades dos atores escolares de EJA.

Configuram prioridades analisar os relatos da História de Vida dos alunos pesquisados para entender quais motivos contribuem para que alguns alunos permaneçam e concluam o curso; mobilizar estudantes para a permanência e promover a difusão das estratégias formativas pela memória e história de si, a fim de apresentar uma cartilha ou

revista física e virtual com histórias de vida deles e propostas para a aproximação dos jovens e adultos para o curso da EJA.

A revista digital RED — Revista EJA Devoto, foi idealizada a partir de um conjunto de seis (6) entrevistas com os estudantes da EJA onde eles responderam sobre: estudo/escola e a EJA; trabalho e vida em sociedade. Tivemos essa ideia acreditando que seria uma forma mais adequada para fazer um apanhado das ideias dos estudantes, seus sentimentos e ao mesmo tempo ser um veículo de fácil acesso ao público em geral.

Por objetivo central, a ideia da revista parte da visão que os estudantes têm de si, da EJA, da escola no passado e do presente, do trabalho. A partir da História de vida dos estudantes: Ana Maria, Bruna, Debora, Josie. Leandro e Michele. A concepção da revista foi pensada da seguinte forma: retirar das entrevistas contidas na dissertação os fragmentos mais significativos sobre os aspectos da vida, do trabalho e do ensino da EJA.

A revista é composta por um texto do professor Luciano Eloi, diretor da escola, e sua visão sobre a EJA no CEMD; um texto da professora orientadora desta dissertação a Dra. Flávia Lorena de Souza Araújo, do pesquisador Prof.Me. João Augusto Lima de Oliveira; como fragmentos das seis (6) entrevistas; e um conjunto de fotografias de estudantes, professores, e áreas físicas da escola, como também alguns gráficos.

Por que optamos em redigir uma revista digital? Pelos motivos que um grande número de estudantes inicialmente ficaram entusiasmados, pelo fato também de inserir os estudante ao mundo digital, levando-os a pesquisarem na internet como se constrói uma revista, além do mais, a revista tem fácil acessibilidade, interatividade, sustentabilidade e não promove nenhum impacto ambiental.

Para sistematizar esta pesquisa, o trabalho foi organizado em seções, sendo o primeiro embasado na descrição da realidade selecionada para estudo, momento em que são apresentados elementos fundamentais para que o leitor consiga vislumbrar a veracidade das informações obtidas na EJA, através de documentos oficiais da escola como: boletins, atas, cadernetas, campanhas de educação de jovens e adultos, etc., documentos do governo estadual da Bahia via SEC, e leis como: a Constituição Federal 1988, a LDB, e diversos pareceres da Educação. Ainda nesta seção inaugural, notadamente, trouxemos os aspectos históricos da educação de jovens e adultos, para tangenciar e contextualizar nosso trabalho monográfico.

Quanto à segunda seção, foram analisados aspectos da evasão escolar na EJA com base na revisão da literatura existente sobre a temática, fazendo um paralelo com os elementos apresentados nos questionários respondidos pelos alunos da EJA, bem

como as escutas. Esses alunos participantes trazem suas experiências para dentro da pesquisa por meio da escuta, questionário e entrevista.

A terceira seção apresenta um breve panorama sobre a evasão do EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto, retomando temas cruciais, já de posse de informações críticas e arcabouço teórico necessário para discutir a fundo os resultados trazidos pelas entrevistas.

Por fim, na seção quatro, baseados nas entrevistas e escutas dos educandos, bem como as respostas dos questionários, e fundamentados nos teóricos que discutem a evasão escolar e em especial da EJA, tentamos chegar a uma resposta às nossas dúvidas e questionamentos, e por fim, lançaremos uma revista construída pelos alunos com as suas respectivas histórias de vida relatando porque evadem, além da análise destes aspectos (infância, família, trabalho etc.), que destaca a quinta seção.

Metodologicamente, a pesquisa que se delineia terá abordagem qualitativa e valoriza a história, memória e o direito humano à educação e cultura. Desde a concepção, a perspectiva da pesquisa é interdisciplinar e voltada para construção de uma estratégia de formação que utilize as narrativas de si para reconstruir e difundir histórias de vida que mobilizem a autoestima, esperando que estimule a permanência escolar. A investigação dará centralidade à memória de si e tem seu lastro na pesquisa autobiográfica e narrativas de si, que são fatores fundamentais nesta pesquisa.

A metodologia de pesquisa, utilizando a pesquisa autobiográfica, por meio da narrativa de si, focaliza a EJA no CEMD, mas pretende ser útil de modo geral ao sistema escolar, por suas características comuns. O universo da pesquisa foi o conjunto daqueles que se dispuseram a conceder a entrevista narrativa, ou seja, História de Vida. A entrevista foi gravada e transcrita para análise e posterior construção dos mecanismos formativos para prevenir a evasão, junto às novas turmas de ingressos. O passo inicial foi montar o processo investigativo para submeter ao comitê de ética na pesquisa e construir roteiro de trabalho para a realização da experiência pedagógica, antecedida por uma atividade diagnóstica que demonstra o quadro de interesse dos estudantes antes de iniciar o trabalho de mobilização para a permanência. Ou seja, dois questionários foram aplicados, bem como as entrevistas.

Após essa experiência, foi aplicada uma entrevista gravada para reconhecer as narrativas dos estudantes a partir das Histórias de Vida. Acreditamos que esta experiência contribuirá para uma mobilização no sentido de efetivar a permanência dos educandos a partir dos relatos dos próprios alunos, partir-se-á do pressuposto de

pesquisa que a realização da experiência formativa construída com as narrativas de si poderá evitar processos de evasão ou, pelo menos, entendermos por que evadem. E, por fim, vamos desenvolver uma revista digital com os relatos dos estudantes da EJA pesquisados, que foi o nosso produto final, disponibilizado nos meios digitais, bem como a possibilidade de ter uma versão desta revista digital impressa pela própria instituição Colégio Estadual Manoel Devoto.

No primeiro momento, nos inscrevemos na seleção do MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB para o mestrado profissional em educação de jovens e adultos. bem como os motivos que causam a evasão da EJA, que é bem maior que a evasão do curso regular no CEMD, nos remetendo a pensar no conjunto de problemas que envolvem a formação do estudante na EJA, ao longo de sua vida escolar. No transcurso das disciplinas estudadas, e conversando com os professores e a orientadora, chegamos à conclusão de que seria mais proveitoso não estudar a evasão, mas sim o sucesso, ou seja, a permanência dos alunos que conseguem concluir os estudos iniciais.

Acreditamos que a permanência, mesmo que de poucos alunos, é motivo de comemoração e de festejo diante da realidade tão impositiva que retira da escola centenas de educandos da EJA. Os que resistem devem ser vistos como vitoriosos e exemplo para outros tantos alunos.

Como professor de História há 24 anos no CEMD, e atuando na EJA desde sua gênese, no ano de dois mil e dezenove, venho acompanhando as dificuldades dos estudantes que, em geral, acabam evadindo da escola, mantendo um ciclo de fracasso sócio familiar. Desta forma, acreditamos ser de fundamental importância para a sociedade, conhecer a lógica educacional estabelecida pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia, que tanto reforça essa estrutura de exclusão de alunos, em especial da EJA, modalidade de ensino que sempre foi legado ao segundo plano na esfera da educação do Brasil.

A pessoa que evade tem sido representada como um número, um dado estatístico, quando muito. Não há estudos registrando as razões, as narrativas de abandono do curso, na tentativa de diminuir a incidência, de superar as dificuldades que elas carregam. As estatísticas revelam os altos índices de evasão, mas não se tem registros de ações preventivas ou estimuladoras da continuidade dos estudos. Os que evadem viram números frios demarcados em uma estatística governamental, mas o que foi que esses números revelam da pessoa que evadiu? Nada!

Infelizmente, não encontramos nenhuma estatística governamental, nem mesmo de institutos particulares, que demonstrasse os índices de permanência dos alunos nas unidades de ensino, em especial da EJA, que é o epicentro desta pesquisa, todas as estatísticas apontam para as distorções, evasões, abandonos e fracassos.

Assim sendo, é pertinente a realização de um projeto de pesquisa que investigue nas narrativas e autobiografias de estudantes da EJA, que não tenham evadido, para contar as suas histórias de vida, revelando as dificuldades nos processos de aprendizagem, desta forma entendemos melhor as razões pelas quais evadem a partir da investigação dos alunos que permanecem. Este estudo justifica-se pelo desejo de auxiliar na superação do problema de evasão, considerando que toda a História de Vida dos estudantes passa pela falta de oportunidade de estudar na idade certa. É possível que o estudo possa fazer uma radiografia da realidade da EJA que encontramos no CEMD.

Para desenvolver qualquer pesquisa que envolva a atividade humana e lide com o fazer, o viver, o sentir-se ativo sócio culturalmente, o pesquisador e o pesquisado acabam se encontrando naturalmente no âmago da pesquisa desenvolvida a várias mãos. O que justifica a minha escolha pelo tema da pesquisa é, sem dúvidas, o meu próprio envolvimento com a comunidade do CEMD, onde fui aluno nos anos finais da década de 70, cursando entre a quinta e a oitava séries do Ensino Fundamental, e voltei para ser professor de História no ano de 2002, completando cerca de 24 anos de pleno exercício do magistério.

Desde 2019, venho desenvolvendo junto a EJA o ensino de História e percebendo que os sujeitos da EJA conseguem interpretar com muito mais clareza os meandros da História do que eu supunha, e eles conseguem se colocar na História como partícipe na construção da sociedade brasileira.

Percebo-me como EJA, pois, apesar de ter cursado o ensino regular, a realidade atual deles é igual a minha no passado. Sou filho de pais que não tiveram a oportunidade de estudar, minha mãe fez até a oitava série e meu pai até o quarto ano primário. Por sua vez, os meus irmãos mais velhos não concluíram os estudos superiores e apenas eu e minha irmã caçula concluímos o ensino superior, com muita luta. Hoje tenho dois diplomas universitários: um em licenciatura em História e o outro de Bacharel em Direito; também sou concursado e professor da Rede Estadual da Educação Pública do Estado da Bahia, além de atuar como advogado na cidade de Salvador.

1.1 Metodologia: dialogando com a bibliografia

Para iniciarmos esta seção tomaremos emprestado o conceito de educação da professora Flávia Lorena de Souza Araújo, utilizado em sua tese de doutorado *Educação, juventude e agricultura familiar agroecológica: o caso do território de identidade de Irecê* (2012), na qual ela esclarece que Educação é uma tomada de consciência de si e do mundo:

Educação implica reconhecer que se trata de um processo de tomada de consciência de si, do outro e do mundo, em uma busca realizada por um sujeito que é o próprio homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação, e enquanto sujeito de sua própria educação, constantemente, transforma a si e é transformado por quem está ao seu redor; nesta relação, também transforma o mundo, baseado em uma ética da solidariedade humana. Trata-se, portanto, de uma busca permanente de si mesmo e do outro, inacabada, inconclusa (Araújo, 2012, p. 27).

Acompanhada da brilhante citação do educador Paulo Freire, que aponta para a construção sempre inacabável e inconclusiva do ser humano, no sentido de que estamos sempre em transformação; portanto, mudando a todo instante:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e Homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade (Freire, 1996, p. 64).

Para desenvolver o nosso estudo, utilizou-se como recurso a pesquisa qualitativa com enfoque na investigação da Pesquisa Participante, utilizando a técnica da História de Vida. Por pesquisa participante entende-se, como o próprio nome diz ou sugere, que implica a participação do pesquisador no contexto, no grupo ou na cultura que está a estudar, tanto quanto os sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa, trabalhando na práxis com perspectiva inserindo muito da ciência popular na produção do conhecimento científico. Girando em torno do problema coletivo que aflige a escola pública que, em nosso caso, é a permanência dos alunos da EJA, que estudamos.

Por “História de Vida”, sabemos que foi criada em 1920 pela Escola de Chicago — termo genérico para designar um grupo de professores e pesquisadores da Universidade de Chicago nos Estados Unidos da América:

[A] História de Vida busca compreender a articulação que existe entre a história individual e a história coletiva. Isso significa que a pesquisa estabelece uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social. [...]

[O]s seres humanos não são “dados” que possamos conhecer a partir do olhar exterior e objetivo, [...] os humanos “são processos em devir”, ancorados no espaço e no tempo, “sujeitos instáveis e incertos” (Ferrarotti, 2014, p. 19).

Desta forma, possibilitando uma visão mais precisa da realidade estudada, tendo em vista um conhecimento mais abrangente a respeito do tema e, a partir do mesmo, executar as intervenções necessárias. O presente estudo perpassou pela pesquisa bibliográfica, de campo e, ainda, aspectos da pesquisa descritiva, que pretende aqui descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade:

São exemplos de pesquisa descritiva: estudo de caso, análise documental, pesquisa ex-post-facto. Bem como História de Vida. Os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos (Triviños, 1987, p. 12)

A pesquisa qualitativa “proporciona ao longo do desenvolvimento do estudo, descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda” (Alvarenga, 2011, p. 10). “Ademais, é pertinente descrever que o método da investigação com abordagem qualitativa refere-se a dados subjetivos do universo estudado” (Alvarenga, 2011). Deste modo, segue a contribuição de Oliveira (2008) de forma didática e explicativa para a compreensão da importância da pesquisa qualitativa:

O pesquisador que utiliza o método qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupado com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. As contribuições desse tipo de investigação estão presentes na sua capacidade de compreensão dos fenômenos relacionados à escola, uma vez que retrata o dia a dia da escola. Os investigadores que tomam o ambiente de educação como o objeto de pesquisa entendendo que nesse lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas (Oliveira, 2008, p. 1).

E mais, no que preconizam as ideias de Minayo:

A pesquisa qualitativa responde à questão muito particular. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que corresponde a um aspecto mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21 e 22).

Fica evidente que a pesquisa qualitativa se apropria de aspectos da essência humana. Triviños (2011) corrobora, afirmando que a metodologia desse tipo de pesquisa é fundamentalmente descrita com a profundidade que abrange todos os aspectos

psicossociais capazes de afetar as condutas dos seres humanos dos casos estudados. Portanto, compreende-se que esse método pode proporcionar confiança e fidedignidade, pois interpreta e retrata aquilo que ocorreu no campo estudado e busca descrever a realidade de forma completa e profunda.

Como a pesquisa teve um período de observação *in loco* por cerca de dois anos dentro do Colégio Estadual Manoel Devoto, esta apropriou-se de técnicas como: a observação, entrevistas, conversas informais, questionários, histórias de vida e análise documental.

Pois como a investigação abordou um determinado grupo em particular, alunos da EJA, onde buscamos ouvir as suas histórias de vida na tentativa de entender como esses sujeitos observam a vida, como eles se veem, se relacionam e como a escola pode ajudá-los na sua formação como sujeitos da História.

Os estudos de História de Vida podem ser classificados como particular quando procuram compreender melhor um caso em si, em seus aspectos intrínsecos; instrumental, ao contrário, quando examina um caso para se compreender melhor outra questão, algo mais amplo, orientar estudos ou um instrumento para pesquisas posteriores; e coletivos quando estende o estudo a outros casos.

No entendimento de Cohen e Manion (1980), pode-se pensar na investigação como o processo ideal na busca pela solução de um problema. Afinal, a investigação pressupõe uma série de etapas e métodos de eficiência comprovada em circunstâncias diversas; ideia essa corroborada por Lüdke e André (1986).

Como o local da pesquisa é o mesmo onde o pesquisador trabalha há 23 anos, este percebe no cotidiano os problemas que com o passar do tempo se repetem e pior, se agravam. Logo, entende-se que o fato de se trabalhar no local da pesquisa representa um ponto positivo, pois se está também mergulhado nos problemas que afligem a escola.

A pesquisa encontra-se no campo sociológico, pois aborda questões fáticas relacionadas ao fenômeno da evasão escolar e abandono escolar. Entretanto aqui em nosso estudo o que queremos é demonstrar que mesmo diante dos problemas que abrange a evasão escolar desejamos valorizar e enobrecer os alunos que não desistem, os que permanecem e conseguem se formar. E para tal nos apropriamos da abordagem qualitativa. Vale salientar, a intenção de estudar o fenômeno a partir de seus valores sociais de modo amplo, mas de forma científica, é o que visamos.

Entendemos por História de Vida, e concordamos com o que pensa André Lévy (2001), que se trata da criação de saberes entre o pesquisador e o sujeito que se

pesquisa. Desta forma, concordamos com os estudos do professor Arroyo, que aponta para a necessidade de compreensão da condição de excluídos da escola e que nos diz: “É uma das formas que podemos ouvir esse grito de dor é escutando por via de suas próprias bocas” (Arroyo, 2008, p. 221). Josso ainda sentencia de forma brilhante “que a transformação de si a partir da narração de História de Vida” (2007, p. 413).

Portanto, achamos oportuno trazer aspectos do pensamento de dois grandes pensadores para traçarmos um breve diálogo entre o pensamento de Miguel Arroyo com o de Françoise Josso no intuito enriquecer a nossa discussão sobre a educação da EJA. Pois, pensamos que os estudantes da EJA pelas perspectivas dos pensadores podem e devem contribuir em muito para o desenvolvimento de técnicas e procedimentos que resultem no enriquecimento da educação da EJA. Os educadores expõem que só com uma educação libertadora, dialógica, que cultive a cultura popular e que trate de questões sociais possa dar sentido aos estudantes da EJA.

Josso reforça por uma abordagem biográfica, onde repousa este estudo dissertativo que propomos realizar, bem como: estudando o ciclo de vida as relações interpessoais e toda trajetória percorrida pelos alunos da EJA é que possamos chegar a compreendê-los e a oferecer a eles uma educação transformadora de vidas como propõe Josso e Arroyo precedido por Paulo Freire.

Paulo Freire, bem como Arroyo, acreditam que a educação deve ser uma prática libertadora, capaz de promover a conscientização e a transformação social. Ele segue a tradição de Paulo Freire ao enfatizar a importância da educação como um meio de empoderar os indivíduos e as comunidades marginalizadas.

Assim como Freire, Arroyo valoriza o diálogo como uma ferramenta fundamental na educação. Ele enfatiza a importância de ouvir os estudantes e envolvê-los ativamente no processo de aprendizado. A participação ativa dos alunos na construção do conhecimento é vista como uma maneira de tornar a educação mais significativa e contextualizada.

Desta forma, a educação deve ser contextualizada e relevante para a vida dos estudantes, defende a criação de currículos que se conectem com as experiências e necessidades dos estudantes, valorizando a cultura popular como um recurso educacional valioso, respeitar as expressões culturais das comunidades locais, evitando a imposição de valores e normas externas.

Françoise Josso é uma educadora francesa conhecida por suas contribuições no campo da abordagem biográfica e da formação ao longo da vida. Seu trabalho se

concentra em entender como as experiências de vida e aprendizado de uma pessoa moldam sua identidade e desenvolvimento. Propõe uma abordagem que coloca a biografia de uma pessoa no centro do processo educativo. A História de Vida de um indivíduo é fundamental para compreender sua identidade, motivações e trajetória de aprendizado.

A educadora destaca a importância de compreender os diferentes ciclos de vida de uma pessoa e como esses ciclos influenciam seu aprendizado, valoriza a narrativa pessoal como uma ferramenta para reflexão e autoconhecimento. Ela acredita que ajudar os indivíduos a contar suas histórias e refletir sobre suas experiências pode promover uma compreensão mais profunda de si mesmos e de seus percursos educativos, e que o aprendizado pode se dar em todo tipo de lugar e que esses ensinamentos podem ser introduzidos na escola e ressignificado.

Josso reconhece a importância do contexto social e das relações interpessoais no processo de aprendizado e desenvolvimento. Ela enfatiza como as interações com outras pessoas, sejam familiares, amigos, educadores ou colegas, influenciam a formação da identidade e a aquisição de conhecimento promovendo a reflexão crítica e a autonomia do aprendiz. Ela incentiva os indivíduos a refletirem sobre suas escolhas, valores e trajetórias, permitindo-lhes tomar decisões informadas e conscientes ao longo de suas vidas.

Nesta mesma toada, a pesquisa que propomos aqui nesta dissertação monográfica está pautada na pesquisa participante que para o patrono da educação brasileira o professor Paulo Freire: “é fundamentada em uma ação pedagógica com o grupo e para o grupo visando uma mudança na situação problema vivida por ele.” (Pereira, 2019, p. 78).

Ainda em seu livro: *Pesquisa de Intervenção em educação do educador baiano* Antônio Pereira, debruçado nas ideias de Paulo Freire sobre *A Pesquisa Participante*, nos traz:

A pesquisa participante visa a conscientização crítica da situação opressora do coletivo que politicamente busca soluções reais para os seus problemas. Neste contexto, a pesquisa tem uma intenção político-pedagógica e científica, considerando que, no processo de educar, também produz conhecimento e o pesquisador vai se educando também (Pereira, 2019, p. 79).

Segundo Freire, a pesquisa como elemento central de sua pedagogia da libertação, tem que colocar o sujeito na pesquisa com toda a sua construção e produção,

de como ver e sentir o mundo que o cerca, e não negar a sua ação e participação como construtor, Freire seguiu os passos da dialética em sua forma de fazer pesquisa expondo as características que considera relevantes: O local, o grupo étnico-racial, o processo de marginalidade que estão submetidos a opressão que os aflige e quais as soluções. A sua cultura local e os seus reais problemas vividos na comunidade, os quais tentaremos deixar bem explícito ponto a ponto nas seções seguintes.

Uma das hipóteses a que chegamos é que a EJA ainda é tratada como se fosse um curso regular tanto pela SEC como pela direção das escolas, mas queremos tornar claro que esta posição tomada pelas escolas e pela SEC apenas contribui para relegar aos estudantes da EJA a porta de saída da escola no menor sinal de compatibilidade entre o mundo do trabalho e a educação.

Não se tem um estudo profundo para se entender a descontinuidade do estudante da EJA, quais foram os reais motivos que levam a se matricular por diversas vezes, saindo e entrando na escola em processo de desfilamento contínuo, entendemos que não há de fato um abandono da escola ou da educação, mas sim um processo de desfilamento social que leva a esses estudantes a darem prioridade a outros importantes aspectos da sobrevivência e que deixam em segundo plano a manutenção de seus estudos, um longo desfilamento da escola, que se originou na infância atravessou a juventude e vida adulta e que se repete agora nos dias atuais, que para a grande maioria já são idosos, como não gozam de aposentadoria e ainda precisam trabalhar, trocam a sala de aula por dia de trabalho informal dando continuidade ao um longo processo de não pertencimento a escola observado pelo olhar do professor Robert Castel, sociólogo que defendeu a proteção social de todos os cidadãos e um Estado social forte. Ele foi um dos pioneiros da teoria da exclusão social e deixou alguns conceitos que influenciaram muito esse campo de estudo.

Outro ponto que merece uma discussão é a questão pedagógica que tentamos ao longo do texto discutir, a pedagogia aplicada ao EJA ainda é retirada do ensino regular, e transportada de forma engessada para o ensino da EJA, grosso engano, temos que aplicar uma pedagogia própria desenvolvida a luz dos interesses dos estudantes, prática, que ao mesmo tempo os levem a desenvolver um pensamento crítica e científico e os ajudem a ingressar em postos de trabalho, quebrando essa continuidade de um trabalho informal e quase um trabalho análogo a escravidão.

Para realizar esta pesquisa que se delinea na perspectiva da permanência, terá abordagem qualitativa e valoriza a história, memória e o direito humano à educação e

cultura. Desde a concepção, a perspectiva da pesquisa é interdisciplinar e voltada para construção de uma estratégia de formação que utilize as narrativas de si para reconstruir e difundir histórias de vida que mobilizem a autoestima, esperando que estimule a permanência escolar. A investigação dará centralidade à memória de si e tem seu lastro, na pesquisa autobiográfica e narrativas de si, que são fatores fundamentais aqui.

O objetivo geral é buscar compreender porque os estudantes permanecem na EJA do Colégio Estadual Manoel Devoto, bem como os objetivos específicos são, mapear as razões e circunstâncias que provocam a evasão na EJA, analisar os relatos da História de vida dos estudantes pesquisados, identificar os motivos que contribuem para que os estudantes permaneçam e concluam o curso da EJA, apresentar uma revista virtual com as Histórias de vida deles e propostas para a aproximação dos jovens e adultos para o curso da EJA.

A metodologia de pesquisa é qualitativa fundamentada na pesquisa participante com o uso da técnica de História de vida, por meio da narrativa de si, focaliza a EJA no CEMD, mas pretende ser útil de modo geral ao sistema escolar, por suas características. Uma pesquisa para ouvir (os que permaneceram) e trazer suas aprendizagens e estratégias que eles desenvolveram para permanecer na escola.

A abordagem se dará como pesquisa participante nas turmas: 6a, 6b, 6c e 7a, 7b, 7c da EJA, caráter qualitativo, centrado na experiência vivida dos estudantes, a partir de questionários e entrevistas desenvolvidos em sala de aula.

A apropriação desses estudos demonstra a necessidade de um aprofundamento acerca dos diversos conceitos epistemológicos e metodológicos sobre os estudos (auto)biográficos dos discentes, histórias de vida (pessoal e profissional), narrativas de formação, narrativas educativas, memórias de escolarização e processos de formação profissional.

Para Josso (2002) a abordagem biográfica é “um caminhar para si”, e que se articula as diferentes significações que o sujeito constrói de si mesmo em suas narrativas, o que torna a narrativa um meio de reflexão e autoavaliação sobre suas experiências e aprendizagens ao longo da vida. O estudo parte da necessidade de ampliar a pesquisa sobre as narrativas dos discentes da EJA conhecendo as narrativas de si, que tenham evadido, para tratar suas histórias de vida, revelando suas dificuldades e processos de aprendizagem. É por meio da pesquisa (auto)biográfica que pretendemos analisar as narrativas do processo de construção da identidade e da evasão da EJA.

O estudo partiu da necessidade de ampliar o conhecimento sobre as narrativas de

formação e ao mesmo tempo de conhecer e dar voz ao futuro educando da EJA, conhecendo suas estratégias de autoformação durante seu ciclo escolar. Escrever sobre si torna-se um recurso de pesquisa e de formação sobre o cotidiano e a prática do seu dia a dia na sala de aula. Compondo-se como método de construção do conhecimento e de reflexão das significações do próprio fazer pedagógico.

É por meio da pesquisa (auto)biográfica que pretendemos analisar as narrativas de estudantes da EJA no processo de construção da identidade social, e sua evasão escolar, e claro a sua permanência como ponto primordial do nosso estudo.

Os primeiros estudos que envolvem o método (auto)biográfico, como método de investigação sobre as relações sociais e culturais do indivíduo e seu(s) diferente(s) contextos(s) sociais aconteceram na área das Ciências Sociais.

A pesquisa (auto)biográfica no Brasil, na área da Educação, surge por volta da década de 1990, adotando as histórias de vida, como método (auto)biográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, tanto na formação inicial quanto na continuada centrando-se nas memórias e trajetórias de vida.

Na Pesquisa (auto)biográfica na área da Educação, principalmente na opinião de Josso (2007), encontramos autores, em cujos trabalhos a abordagem (auto)biográfica faz parte de projetos de formação, e que tem por objetivo buscar os jovens adultos em formação, no qual desenvolve a abordagem biográfica como pesquisa-formação dos sujeitos. A aprendizagem está ancorada na experiência, entre o conhecimento teórico e a prática (saber-fazer), funcionalidade e a significação, além de descobrir técnicas e valores do indivíduo, tornando-se uma ação reflexiva da formação dos educandos. Josso (2007) denomina o trabalho com narrativas de histórias de vida como uma “abordagem biográfica” ou “abordagem experiencial”, pois traz à tona a totalidade da vida e das experiências pessoais e de formação do indivíduo em sua (re)significações de si mesmo.

Para Josso (2008, p. 19), o estudo sobre histórias de vida é: [...] “uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade que oferece, para a reflexão do seu autor, oportunidades de tomada de consciência dos vários registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a sua formação”. As narrativas de si e das experiências vividas caracterizam-se como “processo de formação” e “processo de conhecimento”.

Para Pierre Dominicé, o estudo autobiográfico na Educação é denominado como “biografia educativa”, pois procura percorrer a trajetória educativa do indivíduo, para a partir dela compreender os elementos significativos para o sujeito, o autor relata o

objetivo do estudo autobiográfico com adultos em formação. O relato autobiográfico é um instrumento cuja utilização depende sempre do objetivo visado pela pesquisa. Ao pedir aos adultos para percorrer sua trajetória educativa, para dela extrair os elementos formadores, eu solicito uma informação muito pessoal, que eles fornecerão de acordo com o modo que lhes convier a descoberta de que a dimensão formadora dos relatos constituir-se-ia numa das condições para a qualidade da pesquisa, convenceu-me definitivamente sobre a necessidade de dar liberdade aos autores na apresentação dos relatos.

A construção da identidade profissional é um processo que se constitui nas relações e nas experiências pessoais e sociais do indivíduo, configurando-se como ator e autor de sua trajetória de vida pessoal e profissional. Neste estudo, pretende-se refletir sobre a construção da identidade discente no processo da formação inicial do estudante, com o objetivo de compreender as significações dos educandos nesse processo da formação e identificação. A identidade é uma construção singular e coletiva ao mesmo tempo, e é construída dentro das relações sociais, dentro do coletivo/grupo.

Para Dubar (1997), “o indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições”. Para Dubar (2005) a construção da identidade apresenta-se como um resultado que acontece em extremos entre o estável e o provisório, o individual e o coletivo, o subjetivo e o objetivo, constituindo-se um processo de socialização que acontece em diversos contextos. A identidade pessoal é uma manifestação do que os sujeitos dizem que são e que desejam vir a ser, por meio das histórias de suas vidas e das memórias de formação pessoal e profissional. O desenvolvimento da identidade caracteriza-se como um processo evolutivo do sujeito, é um processo de interpretação de si mesmo como pessoa nos diversos conexos em que está inserido. A identidade pode ser compreendida quando procuramos responder a pergunta: Quem sou eu nesse contexto? A consciência de reconhecer a identidade de si é através da imagem que o próprio indivíduo vê de si.

Neste estudo, pudemos traçar os caminhos históricos e metodológicos da Pesquisa (auto)biográfica e colaborar para novas discussões sobre este método e trazer contribuições para novas abordagens de pesquisa na área da Educação. Observa-se que a construção da identidade profissional depende de diversos fatores (individual e coletivo) que proporcionarão a construção do perfil do discente, principalmente durante a formação inicial, a abordagem (auto)biográfica torna-se um recurso importante quando envolve a formação do sujeito, pois este a partir de suas reflexões sobre a

própria trajetória de vida traz significados que o próprio sujeito não tinha consciência. A partir das narrativas de si para o outro, o sujeito/narrador passa a compreender sua trajetória e suas escolhas de vida pessoal e profissional. A pesquisa (auto)biográfica permite que possamos estudar, escrever, recompor e compreender as narrativas e trajetórias de vida como processos de investigação e formação que nos permitem (re)pensar quem somos, pensamos, agimos como professores educadores em constante (trans)formação de si. O estudo (auto)biográfico mostra ser um método que permite revelar e compreender o sujeito e suas significações com relação às próprias construções e trajetórias de formação pessoal e profissional, através das narrativas orais ou escritas, documentos pessoais, diários íntimos ou diários de formação.

Esta pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Manoel Devoto, que atua na formação básica, de ensino público, há 70 anos, inaugurou no ano de 2019 o curso para a educação de Jovens e Adultos, no turno noturno, atendendo a demanda de estudantes com mais de 19 anos de idade, que por vários motivos não terminaram o seu ensino básico.

A escola conta com (33) trinta e três salas de aulas, que engloba (2) duas salas de vídeo, (1) uma biblioteca, (1) uma secretaria, (1) uma sala da direção, e (1) uma sala da vice-direção, (1) uma sala dos professores com banheiros, (1) uma sala dos servidores, (2) dois laboratórios, (1) um de química, (1) um de física e biologia, (1) uma sala informática, (1) uma cantina com depósito de gêneros alimentícios, (2) dois banheiros para alunos, sendo (1) um masculino e (1) um feminino, uma quadra poliesportiva coberta com vestiário e banheiros, e (1) uma sala para atender alunos com necessidades especiais, liderada por uma professora da casa, uma atendente e uma psicóloga que dá plantão em (2) dois dias da semana, (1) uma guarita para os vigias, bem como um estacionamento que comporta (20) vinte carros e um pequeno bicicletário.

O Colégio Estadual Manoel Devoto atende a comunidade do Complexo do Nordeste da Amaralina e regiões vizinha como o Engenho Velho da Federação, o Colégio Estadual Manoel Devoto disponibilizou para o ensino da EJA (7) sete salas, sendo (3) três para a EJA 6 e (3) três salas para a EJA 7, bem como uma (1) sala para o Proeja que é o curso profissionalizante da EJA, — curso técnico em Hospedagem, iniciado em agosto de 2024.

Deixamos evidente, em nosso estudo, que o foco das nossas preocupações não é trabalhar a evasão da EJA tão bem discutida por vários autores nas últimas décadas, o esforço aqui é discutir o sucesso, a glória dos que diante de tantos percalços, tantos

atropelos, conseguem se manterem firmes, robustos de propósitos para terminar os seus estudos iniciais e em muitos casos adentrarem aos estudos superiores, aqui o nosso escopo é discutir a permanência que tomamos a liberdade de chamar também de sucesso. Para o entendimento da noção de permanência evocamos os pensadores que trabalham com este conceito ou se aproximam da ideia de permanência.

Tomamos de empréstimo o pensamento de Paulo Freire, distribuído ao longo de sua obra, para nos ajudar a pensar o conceito de permanência na EJA. Freire destaca a importância de uma educação problematizadora e dialógica, que reconhece e valoriza as experiências dos estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa e crítica. Nessa perspectiva, a permanência não é vista apenas como a conclusão de um curso, mas como um processo contínuo de construção do conhecimento, que respeita e envolve os sujeitos em sua totalidade. É desta forma que pensamos os sucessos dos sujeitos da EJA em nosso trabalho monográfico.

A “permanência” na EJA é, portanto, uma porta de entrada que envolve a criação de condições que permitam aos estudantes não apenas frequentar, mas também se apropriar da educação de forma significativa, e levá-la consigo para a vida, implicando necessariamente um compromisso de toda a comunidade escolar, no sentido de oferecer uma educação que seja inclusiva, acolhedora e relevante para a vida dos estudantes.

No entendimento do conceito de permanência buscamos o pensamento do professor e sociólogo Miguel Arroyo (2006), que foi um importante pesquisador na área da EJA onde abordou questões relacionadas à juventude, ao trabalho, e a escola, temas que abordamos também neste trabalho de mestrado sobre: jovens e adultos.

Arroyo enfatiza a necessidade de uma educação que respeite as experiências e os tempos dos estudantes da EJA, destacando a importância de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e a permanência, destaca também a importância de um olhar crítico sobre as trajetórias dos sujeitos da EJA e a necessidade de uma escola que se adapte a essa realidade.

Colaborando com o nosso pensamento sobre permanência, trazemos as ideias de Moacir Gadotti (2011), que não trabalha exclusivamente com o conceito de permanência, mas enfatiza que a educação popular deve ser transformadora e emancipatória, contribuindo para se pensar nos fatores que podem levar os estudantes a permanecerem na instituição de ensino. Gadotti vê a EJA como um espaço de emancipação social, e nós a completamos como um espaço de luta e libertação constante.

Podemos interagir com os diversos pensadores, que a permanência na EJA é um tema multidisciplinar, abordado sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Gadotti, entre outros, fornecem uma base para entender as práticas educativas que podem promover a permanência.

Foi neste sentido que pensamos a permanência e projetamos uma prática diária que abrigasse o estudante e o estimulasse e que as suas experiências fossem colocadas em uma revista virtual e levada ao grande público dentro e fora da escola, demonstrando que a permanência deve ser construída pelas mãos dos nossos próprios estudantes, uma construção coletiva.

Para entender os motivos que levam um número de estudantes a permanecerem firmes e fortes em seus propósitos de concluir os seus estudos, aplicamos (2) dois questionários que juntos somam 169 questionários respondidos o primeiro com 3 perguntas e o segundo com 5 perguntas. Nas análises dos questionários deixamos bem claro esses propósitos, mas podemos aqui trazer um pouco destes detalhes para fortalecer a noção de permanência.

Também foram desenvolvidas seis (6) entrevistas que deixam claro, explícito e latente os motivos que estes estudantes venceram todos os obstáculos, pois acreditam que os estudos podem levá-los a lugares surpreendentes.

Do nosso ponto de vista, e coadunando com os pensadores da Educação de Jovens e Adultos sobre a perspectiva da permanência acreditamos, sim, que é necessária ter uma política pública voltada, em especial, para o sujeito da EJA que não existe, pois ainda se pensa a EJA como uma educação serial como as demais, notadamente no CEMD, que é uma escola para o ensino médio regular. A EJA é tratada como se fosse uma categoria regular, entretanto estudando com mais acuidade a EJA, entendemos a necessidade de um tratamento diferenciado pontificado, adaptado para sujeitos com necessidades diferentes das de um garoto de 16 anos de idade, do curso regular.

A permanência na EJA vai além do mero acesso à escola, ela envolve garantir que os estudantes não apenas ingressem, mas também permaneçam e concluam seus estudos com sucesso. Essa ideia se relaciona a diversos fatores, como a relevância do currículo, a flexibilidade do ensino, a adequação das práticas pedagógicas e a criação de um ambiente acolhedor que responda às necessidades e realidades específicas dos estudantes da EJA.

Essa permanência na EJA carrega uma série de implicações, tendo múltiplas

determinações sociais, políticas, econômicas, bem como da vida pessoal e profissional dos estudantes. Por isso, a permanência nos remete pontualmente à realidade na qual os alunos estão inseridos na nossa pesquisa, decantada nos questionários e entrevistas. As necessidades da existência dos nossos estudantes são pautadas por toda sorte de infortúnios e dificuldades que os levam a desistir dos estudos, e em muitos casos, um eterno ciclo de matrícula e desistência, e o mesmo estudante acaba se matriculando por anos e não consegue concluir os estudos; outros abandonam de vez não mais retornando a escola; e muitos ficam matriculados, mas frequentando de forma irregular, acabando por repetir o ano por diversas vezes.

Não somente a permanência, mas o êxito dos estudos é fundamental para o desenvolvimento intelectual, social e econômico dos estudantes, tendo em vista que a função social da educação é proporcionar aos sujeitos uma formação integral que lhes possibilitem ter uma ampla visão do mundo.

É cediço que a EJA foi concebida como uma modalidade educacional voltada para atender pessoas que, por diversos motivos, não tiveram acesso ou não puderam concluir a educação básica na idade apropriada. Historicamente, a EJA sempre enfrentou desafios relacionados à evasão escolar, devido a questões socioeconômicas, preconceitos, e um sistema educacional que nem sempre é adaptado às realidades dos seus estudantes, onde todos os alunos trabalham, têm responsabilidades familiares, ou enfrentam outras situações que dificultam a frequência regular às aulas como a violência dos locais onde habitam, entre outros tormentos sociais que estes estudantes suportam, levando-os a desmotivação e a baixa autoestima.

Autores citados aqui pensam em estratégias para garantir a permanência dos alunos na EJA e tratam de um currículo relevante e contextualizado, um currículo que valorize os saberes prévios dos estudantes e que se relacione com suas vivências é essencial para engajar e motivar na continuidade dos seus estudos.

No mesmo sentido, os autores tratam também da possibilidade de horários mais flexíveis, a possibilidade da modalidade do ensino a distância, bem como o apoio psicológico, apoio à diversidade, a possibilidade de cursos técnicos, etc. Dito isso, concordamos plenamente com os autores citados por acreditar que só foi possível desenvolver um ambiente propício à permanência dos estudantes da EJA se todos esses elementos aqui relacionados forem implementados, no entanto, foi necessário enviaar esforços para sua efetivação, que se dará a partir de uma construção coletiva de estudantes, direção escolar, coordenação, comunidade, e implementação de políticas

públicas necessárias. Todos esses atores sociais interessados pela democratização da educação. Destarte, o nosso objetivo é refletir sobre a permanência escolar como uma proposta de efetivação do direito à educação dos estudantes da EJA no CEMD, contrapondo à ideia de que a evasão é responsabilidade exclusiva desses sujeitos, a evasão é uma responsabilidade de toda a sociedade e das autoridades governamentais.

Um outro traço que defendemos para que se efetive a permanência dos estudantes da EJA no CEMD é se pensar as lógicas internas e externas da escola que impactam diretamente as trajetórias escolares dos sujeitos da EJA, que estudam no CEMD. Portanto, para se pensar a permanência é preciso pensar para fora da escola, se pensar no sentido de trazer a comunidade para dentro da escola. Ou seja, os traços marcantes, os elos que os unem, as festas, as comemorações, a música feita por eles, a dança, sua forma de pensar agir e existir no mundo.

Desta feita, é preciso compreender a permanência desvinculada da evasão, embora um tema esteja ligado diretamente ao outro, ou seja, o que queremos dizer é que a evasão pode ser entendida e analisada por vários ângulos, que vão desde os elementos sociais e econômicos que contribuem para que o estudante desista de estudar tendo que priorizar outros aspectos de sua vida social e laboral, bem como aspectos sócio-políticos que afetam sua permanência na instituição de ensino, como a violência, doenças, pobreza, gravidez, um rol de problemas que tira do estudante a possibilidade de continuar os seus estudos, levando-os a um ciclo de frequentar e desistir concomitantemente. Por isso, um estudo sobre a permanência escolar nos remete pontualmente à realidade na qual os estudantes estão inseridos e não poderia ser diferente.

Pensando desta forma, buscamos compreender como são construídos os percursos da permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos do CEMD por meio das narrativas desses estudantes onde podemos afirmar que eles criam diversas alternativas no sentido de permanecer na escola e conseguir concluir a escolarização básica.

Diante do que pensam os teóricos acima relacionados chegamos à conclusão que permanência para Freire, Gadotti e Arroyo é um conjunto atitudes metodológicas desenvolvidas pela comunidade escolar no sentido de atender de forma satisfatória aos estudantes da EJA possibilitando uma aprendizagem baseada nos seus conhecimentos e saberes, voltada ao mundo do trabalho, empreendedora, flexível no tocante aos horários, aberta ao diálogo, que permita a participação da comunidade na vida da escola, como

também um conjunto de políticas públicas que favoreçam o bem estar dos estudantes, que os atraiam a seguir os estudos.

Essa permanência, no que relata as falas dos nossos estudantes tanto nos questionários bem como nas entrevistas, é a vontade e o desejo de uma vida melhor, de um futuro para si e sua família, vislumbrando o acesso a um emprego formal, a uma universidade e ser exemplo para filhos, parentes e amigos, tão bem expresso nas falas dos nossos estudantes da EJA no colégio Estadual Manoel Devoto.

1.3 Pesquisa: passo a passo

Seguiremos este passo a passo, como um fio condutor aos nossos propósitos que se verifica a seguir:

Tomamos as salas do turno noturno da EJA (6a, 6b e 6c) e EJA (7a, 7b, 7c), que têm aulas de História nos dias de segunda e quarta-feira. Matriculados nessas turmas temos, em média, 38 sujeitos por sala; entretanto, apenas uma média de 15 alunos por turma as frequenta.

Distribuímos inicialmente um breve questionário que visa sondar sobre aspectos gerais sobre a escola e como o aluno se vê na escola. Deixamos bem claro que iremos trabalhar apenas com as turmas da EJA nos questionários. Sobre a quantidade de entrevistas, por motivos de tempo hábil para fazer a análise dos dados e sua devida interpretação, apenas foram ouvidos 6 alunos, sendo estes da EJA 6 e da EJA 7.

As entrevistas constam com quatro perguntas semiestruturadas flexíveis, gravadas sobre aspectos particulares da vida, do trabalho, da escola, da política regional e educacional, bem como aspectos da vida familiar e da memória. Nessa toada, transcrevemos as entrevistas *ipsis litteris* para a dissertação.

Criamos um ambiente saudável nas salas da EJA com diversas intervenções nas salas sempre no sentido de estabelecer uma sustentável relação entre o pesquisador e os pesquisados para que estes se sintam à vontade para relatar suas impressões sobre a escola, nos cercamos de jogos, filmes, rodas de conversa, enfim, tudo viável no sentido de favorecer essa pesquisa.

1.4 Etapas da pesquisa

A pesquisa divide-se em três momentos: num primeiro momento, a pesquisa se volta à revisão bibliográfica, dados e documentos acerca do tema promovido pela pesquisa bibliográfica, documental e de campo; num segundo momento busca

compreender como os fatos incidem em uma realidade empírica, através da pesquisa de campo, coletando informações de relevância e pertinentes à pesquisa, por meio de entrevistas, audições de relatos de História de Vida, questionários, e no terceiro, compreende a análise de dados e discussão dos resultados obtidos.

1.5 Pesquisa participante

Inicialmente, este tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. Assim, conforme explica Fonseca (2002), a pesquisa participante foi criada por Bronislaw Malinowski para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, ele foi se tornar um deles.

Objetivos da pesquisa participante busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade. Para tanto, se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, busca os interesses da comunidade na sua própria análise visando encontrar problemas reais para serem debatidos e estudados.

Características de uma Pesquisa Participante: conhecer e agir para encontrar uma ação de mudança em busca do benefício do grupo estudado, então, é cercada por várias características próprias, como: Integra um processo de Conhecer e Agir.

É iniciada em uma realidade concreta, mas deve ser flexível e adaptável, porquanto visa reduzir ou eliminar as limitações de uma pesquisa tradicional, é fundamental que a população ou grupo participantes conheça todos os passos metodológicos, sem diferenças entre quem pesquisa e quem é pesquisado e pesquisada, e sem colocar o grupo na situação de “objeto”. Estudo preliminar da região e população envolvida. Na sequência, o segundo passo da pesquisa participante abrange: Primeiramente, identificar a estrutura social da população envolvida; Depois, diferenciar as necessidades e os problemas da população estudada e selecionar a população para a qual se deseja intervir. Na sequência, preparar uma efetiva descentralização da pesquisa ao nível dos grupos sociais mais oprimidos e mais afastados do poder, de modo geral.

É indispensável, portanto, em todo e qualquer trabalho científico, fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão. Cervo e Bervian (1996) afirmam que:

[...] a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas. Como resumo de assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica (Cervo; Bervian, 1996, p. 48).

Ressalta-se que a pesquisa bibliográfica enriquece e fundamenta as pesquisas científicas. Vale evidenciar que esse tipo de investigação proporciona ao pesquisador conhecimento sobre o tema e segurança no campo empírico, na análise dos dados e nos resultados da pesquisa.

Foi fundamental, também, recorrer ao estudo da pesquisa documental nessa investigação. Esse tipo de pesquisa traz contribuições importantes no estudo desse tema. Além disso, os documentos normalmente são considerados extraordinárias fontes de dados, merecendo, portanto, atenção especial. A pesquisa documental é uma forma de recorrer a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias, no que diz Cellard (2008):

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (Cellard, 2008, p. 295).

Assim, é necessário compreender que o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que podem extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização documental, histórica e sociocultural.

Logo, pode-se registrar que a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental tiveram grande valia pois elas embasaram todo o processo da pesquisa de campo. A partir dos autores e documentos estudados, fez-se um paralelo diante do objeto de estudo, dos fatos, da problematização e das questões e hipóteses referentes a esta investigação.

Para subsidiar as análises foram utilizados como referenciais teóricos: Arroyo (2006), Josso (2007, 2010), Nóvoa (2010), Dominicé e Abrahão (2010), Souza (2010), Freire (2005) e Miranda (2003), que abordam a EJA em seus aspectos políticos, pedagógicos e sociais, no ambiente escolar. Todos esses autores, em especial o grande Paulo Freire, trazem luz para os nossos estudos sobre a permanência dos estudantes da EJA no CEMD, no período estabelecido entre 2022 a 2024.

1.6 Pesquisa de campo

A referida etapa envolveu a pesquisa de campo que, para Gil (2008), retrata um problema como ele é vivido, como ele se demonstra na sua realidade:

Pesquisa de Campo considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, contempla um liame indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade da própria pesquisa que não podem ser dissociados quando se trata de um problema circunstancial, sendo o ambiente natural a fonte direta para coleta de dados (Gil, 2008, p. 42).

A comunidade escolar onde está inserida a unidade de ensino pesquisada CEMD atende exclusivamente a estudantes do seu entorno, jovens e adolescentes vindos de comunidades: Complexo Do Nordeste de Amaralina que compreende, Santa Cruz, Chapada do Rio Vermelho, Vale das Pedrinhas, e o Nordeste de Amaralina. Alguns outros alunos são moradores da Vasco da Gama e Federação. São bairros carentes, estigmatizados pela violência e graves problemas sociais dominados pelo tráfico de drogas. Portanto, os estudantes acolhidos pela unidade escolar, CEMD, em sua maioria, convivem sistematicamente com a violência e conhecem, na prática, a lógica e o *modus operandi* do tráfico de drogas em seus bairros. Assim, toda essa carga negativa social contribui para desestimular uma boa e significativa parte dos alunos da EJA ao longo do período escolar.

Um dado que achamos ser bastante significativo é no tocante a resposta escrita aos questionários que entregamos aos alunos da EJA, primeiramente foi proposta que os alunos escrevessem as suas respostas em sala de aula, por mais que tentássemos, certos alunos não respondiam ao questionários, tentando entender apuradamente, percebemos que muitos não dominam a escrita e por terem muita vergonha deste fato, não escreviam as respostas, em especial os mais velhos, sempre atento, perguntávamos por que não respondiam, ouvíamos sempre: “em casa eu vou fazer professor”, depois percebemos que levando as perguntas para suas residências eles tinham o apoio de netos, filhos, parentes, que lhes ajudavam naquela tarefa, é nítida o sentimento de tristeza por parte dos educandos da EJA no tocante ao ato de ler e escrever muitos tem uma grande dificuldade de fazer isso em público, mesmo sendo a escola o local para aprender como ler e escrever, o peso de chegar a uma certa idade sem dominar essas ferramentas causam nestes alunos um sentimento de não pertencer ao mundo das letras. Quando o assunto é o uso da oralidade a história é outra, muitos deles tem uma certa facilidade em se expressar, até pelo fato que a construção de suas identidades sempre passou pela

Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho e Santa Cruz, todos bairros com grande contingente populacional de baixa renda e somente nos anos de 2019 é que a escola abriu 6 turmas para atender alunos da EJA no turno da noite. As turmas são compostas por pessoas com idades variadas a partir dos 18 anos aos 76 anos de idade, moradoras destes bairros supracitados, na documentação das turmas, ou seja, as cadernetas de chamadas e notas apresentam turmas com 45 (quarenta e cinco) alunos matriculados, outras com 33 (trinta e três) ou 35 (trinta e cinco), variando neste sentido. Entretanto, frequentemente temos turmas com 20 (vinte), 17 (dezessete), até mesmo com 9 (nove) ou 8 (oito) alunos. Os alunos mais novos entre 18 a 30 anos são em números menores; a grande maioria são pessoas com mais de 47 anos de idade, na sua maioria se consideram negros ou pardos, moradores dos bairros citados que apresentam um IDH muito insatisfatório às necessidades básicas. Moradores de localidades com baixa infraestrutura, moradias feitas sem as devidas estruturas arquitetônicas, umas amontoadas sobre as outras, ruas estreitas, passeios fora dos padrões arquitetônicos, esgotamento sanitário inadequado, entre outros problemas como a visível violência que ocorre a céu aberto nas ruas e becos do complexo dos quatro grandes bairros de Salvador.

Quem são essas pessoas, sujeitos de direitos, que frequentam o Colégio Estadual Manoel Devoto no turno noturno? Quem são seus professores, diretores e alunos da EJA?

1.7.1 Os Professores

As turmas da EJA são atendidas pelos mesmos professores das séries regulares, que na sua ordem, não tiveram nenhum treinamento para atuarem nas turmas da EJA, não passaram por cursos específicos, seminários, palestras, minicursos, ou seja, a SEC — Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em nada contribuiu para alicerçar os professores a trabalharem com a EJA.

Diferentemente do ensino regular, o ensino da EJA segue uma formação diferenciada pois o curso é de apenas dois anos, dividido em 4 semestre:

Como somos 6 turmas da EJA no CEMD, que abrange as disciplinas: História, geografia, sociologia e filosofia, bem como: matemática, física, biologia, química, artes e linguagem, o ensino da EJA é administrado no primeiro semestre oferecendo apenas humanidades, artes e linguagem, e depois no outro semestre são oferecidas as ciências

exatas.

Em um total de 9 (nove) professores, as aulas são ministradas das 19:00 horas às 21:30 horas, não havendo a última aula da noite. Já que a série regular assiste aulas das 19:00 às 22:00 horas.

A Direção é composta pelo Diretor-Geral e por duas Vice-Diretoras que administram a escola nos três turnos. Há duas coordenadoras para os três turnos também, um colegiado formado por professores, funcionários, alunos e pais, uma espécie de conselho que tem poderes de administrar a escola em conjunto com a direção escolar.

1.7.3 Os alunos da EJA

Em cerca de 240 (duzentos e quarenta) alunos da EJA distribuídos em 6 turmas noturnas neste trabalho monográfico trabalharemos com EJA 6a e EJA 6b e 6c que na sua maioria são compostas por alunos negros ou como se declaram pardos, sempre maiores de 40 anos de idade e trabalhadores formais e informais, moradores dos bairros que circundam a CEMD. A EJA está tão presente nas escolas públicas com uma força tão significativa que se tornou objeto de estudo de inúmeras pesquisas, contudo, com enfoques distintos entre si, que se complementam.

A Instituição conta com 34 salas de aulas, uma quadra poliesportiva, salas de vídeos, dois pátios, biblioteca, teatro com capacidade para quatrocentas pessoas e outras dependências. Está situada em um bairro de classe média, conta com cerca de 2.200 (dois mil e duzentos) alunos nos três turnos dos quais o matutino abriga o maior número de estudantes, conta com 79 (setenta e nove) professores, coordenação, direção e pessoal de apoio.

Como falamos a EJA tem apenas 6 anos em nossa instituição, conta com seis turmas que são: EJA 6a, 6b, 6c e EJA 7a, 7b, 7c, correspondentes ao 2º Grau. As EJAs 6 são 1º ano e 2º anos, e a EJA 7 corresponde ao 3º. Percebemos que há uma constante procura por este tipo de modalidade de ensino no CEMD, portanto acreditamos que os números de salas devem subir nos próximos anos. Assim desejamos!

1.8 Objeto de estudo

O objeto de estudo é pesquisar através dos próprios alunos da EJA, por meio de

entrevistas e História de Vida, os diversos fatores sociais, políticos e econômicos que contribuem para a permanência dos poucos alunos na EJA, no CEMD. Nota-se que tal fenômeno, aqui chamamos de fenômeno, pois o número de formandos na EJA, tornaram-se exceções no lugar da regra. Queremos dizer com isso que são tão poucos os que conseguem se formar na EJA que é visto por esse estudo como uma vitória, e que deve servir como exemplo para os outros tantos alunos que abandonam ou mesmo nem conseguem se matricular.

Na sua grande maioria, os estudantes do EJA são trabalhadores da informalidade que atuam como: garçons, ambulantes, diaristas, entre outros. Poucos possuem Carteira de Trabalho assinada. As turmas são compostas por pouquíssimos jovens de dezoito (18), anos e um número significativo de adultos entre dezenove (19) e quarenta (40) anos de idade, podendo atingir idosos de até 88 anos de idade. Se dizem negros e pardos, pouquíssimos brancos. Encontram-se alguns aposentados ou recebem algum Benefício do INSS, como LOAS, na grande maioria recebem Bolsa Família ou algum Benefício Assistencial do governo. São moradores de: vielas, becos, casa com apenas dois ou três cômodos feitas sem estrutura arquitetônica e que abrigam um número grande de familiares como: filhos e filhas, netos, sobrinhos todos vivendo em cômodos apertados, coexistindo de forma inadequada para os padrões de sociabilidade e moradia. São moradores dos bairros já mencionados acima.

A EJA está presente nas escolas públicas com uma força tão significativa que se tornou objeto de estudo de inúmeras pesquisas, contudo, com enfoques distintos entre si, mas que se complementam. Para fecharmos esta pesquisa que tem o intuito de demonstrar que mesmo diante da evasão brutal da EJA na escola e das outras modalidade de ensino que oferecemos, mesmo assim temos um número pequeno mais importante de alunos da EJA que consegue se formar e precisamos mostrar essa vitória para toda comunidade escolar e para fora da escola por meio de uma revista que terá a modalidade física e virtual que foi editada pela CEMD, e escrita pelo próprios alunos constando nesta revista os relatos de vitórias destes alunos. Foi assim a intervenção, com uma revista como produto final e permanente, auxiliando na construção e fortalecimento do ensino da EJA no CEMD.

1.9 Universo da pesquisa

O universo de participantes dessa pesquisa, em um primeiro momento, envolveu

alunos, com dois (2) questionário e por fim uma entrevista semiestruturada, com cinco (5) alunos.

A pesquisa contou com o apoio de seis (6) alunos que se dispuseram a narrar a história de suas vidas. A escola conta com 6 turmas da EJA, sendo a: EJA 6a, EJA 6b e EJA 6c, cursando Linguagem e suas Tecnologias e Humanas e suas Tecnologia em um semestre. E a EJA 7a, 7b e 7c cursando Ciências Exatas no outro semestre.

A pesquisa será aplicada num universo com um número significativo de estudantes pesquisados, matriculados e frequentes entre as séries: EJA 6a e a EJA 6b e 6c que correspondem ao Ensino Médio, entretanto o número de alunos que responderam aos questionários chegou a cento e sessenta e nove(169) alunos.

O questionário foi dividido em duas etapas a primeira consta de três (03) perguntas, no primeiro momento, vamos a elas:

- a) Qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD?**
- b) Do que você gosta no CEMD? E se você pudesse, o que mudaria nele?**
- c) Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?**

No segundo momento vamos intensificar com perguntas de cunho mais intimista onde pedimos para que se identifique, e que façam relatos sobre sua:

- a) Relate sobre sua infância**
- b) Relate sobre a sua adolescência**
- c) Memória da família**
- d) Memória da escola**
- e) Memória do trabalho**

O perfil dos entrevistados é que estejam regularmente matriculados há pelo menos um ano. Totalizando um universo da pesquisa com (169) pessoas com as quais foram realizados os questionários e deste universo foram escolhidos seis (6) alunos para realizar as entrevistas semiestruturada

Considerando às questões éticas de uma pesquisa com seres humanos, seguimos a Resolução 466/2012 Preservação do Sujeito de Pesquisa Missão do Sistema: “Proteger os sujeitos envolvidos garantindo a todos que seus interesses foram considerados acima dos interesses da ciência e/ou da sociedade”.

RESOLUÇÃO Nº 510- 2016 • Peculiaridades da área de Ciências Humanas e

Sociais.¹

Todos os entrevistados assinaram Termo de Consentimento. Contudo, preocupados com a própria segurança, os colaboradores, entrevistados, solicitaram a preservação de suas respectivas identificações.

Logo, por motivos éticos e de segurança, os nomes dos participantes da pesquisa, da instituição escolar e da comunidade são mantidos sob sigilo, se caso for necessário.

1.11 Descrição dos instrumentos para coleta de dados

Foi elaborado um ofício enviado à direção do Colégio, requerendo a autorização para o desenvolvimento da pesquisa com os alunos da EJA, que terá um formato de questionário, entrevistas, com três perguntas iniciais, e outro com três perguntas finais. E dentro do universo dos alunos envolvidos na pesquisa selecionamos seis (6), alunos para narrarem a História de suas vidas.

No tocante aos questionários entende-se segundo Cervo e Bervian:

O questionário geralmente é utilizado para obter informações sobre opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas ou ainda para descrever as características e medir determinadas variáveis. (Cervo; Bervian, 1999, p. 32).

Estes que, é claro, compreendem entrevistas:

Entrevista é a técnica de coleta de dados na qual as perguntas são formuladas e respondidas oralmente. Trata-se, portanto, de uma conversação metódica, que proporciona ao entrevistador as informações solicitadas. (Cervo; Bervian, 1999, p. 33).

Quanto à História de Vida, entende-se que como uma metodologia de investigação baseada em depoimentos sobre fatos ou acontecimentos do passado, o que valoriza também experiências de pessoas que tradicionalmente não eram consideradas na escrita da História são essas pessoas que este estudo quer ouvir. Ou seja, os alunos da EJA.

No entendimento das autoras: Thelma Spindola e Rosângela da Silva Santos, em seu texto: *Trabalhando com a História de Vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. As autoras fazem uma menção esplêndida do que trata a História de Vida e como esse tipo de técnica pode nos levar a fazer uma pesquisa:

¹ Disponível em: <<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>>.

Uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança. Essa modalidade de pesquisa tem no ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento (6). É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é, o significado que eles atribuem às coisas e à vida. Dessa forma, são percebidos como as pessoas mais importantes no processo. A História de Vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa (Spindola e Santos, 2003, p. 121).

Por fim quanto ao instrumento de análise de dados, seguramente essa é a etapa mais importante da pesquisa, pois é dessa forma que surge o resultado dela. Essa análise e interpretação dos dados sempre devem ser trabalhadas em conjunto e interligadas ao referencial teórico que serviu de base à pesquisa.

Vale destacar que esse tipo de pesquisa demanda análise descritiva, porque proporciona a descrição real dos fenômenos, para ter uma interpretação dos resultados, contextualizada à essência, procurando explicar sua origem, suas relações, suas causas e consequências, de acordo com as ideias de Alvarenga (2011).

Portanto, a pesquisa participativa: “visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis, que se relacionam com o fenômeno a ser estudado” (Triviños, 2011, p. 111). Gil (2008) afirma que esse tipo de pesquisa descreve as características de determinados fenômenos.

Inicialmente, este tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. Assim, conforme explica Fonseca (2002, p.32), a pesquisa participante foi criada por Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês, considerado fundador da escola funcionalista da Antropologia. Para ele, a cultura é uma totalidade em funcionamento que integra hábitos, costumes, técnicas e crenças. Todo elemento cultural deve ser estudado em seu contexto. Para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, ele foi se tornar um deles.

Neste sentido, o presente estudo perpassou por esses tipos de pesquisas porque caracteriza em mediar as variáveis em estudo com a maior exatidão, permite um estudo com amostra e, não busca a relação causa e efeito de uma variável com outra, mas sim, como se manifesta a variável de interesse.

Vale destacar que este estudo exige do pesquisador uma série de informações sobre o que ele deseja pesquisar; portanto, o investigador precisa fazer um estudo detalhado sobre o tema, para assim, descrever com precisão os fatos e fenômenos da

realidade investigada.

Concluída as fases desta pesquisa, obteve-se um relatório, nesse caso uma dissertação, bem como um produto final que chamaremos de RED — Revista EJA Devoto no formato virtual feito pelos próprios alunos a partir dos seus relatos de Histórias de vida como intervenção da pesquisa na escola CEMD.

2. Breve Contextualização Histórica, Social e Político e Documentos na Educação de Jovens e Adultos

Essa seção, além de descrever aspectos históricos, sociais e políticos da implementação da EJA no Brasil, também apresentará o contexto histórico da alfabetização de jovens e adultos, bem como o panorama da rede Estadual de Ensino, caracterizando a realidade do Colégio Estadual Manoel Devoto que enfrenta a evasão em suas realidades educativas.

Desde o período Colonial onde ocorreram as primeiras iniciativas de educação pelo método *ratio studiorum*, que consistia no ensino de um conjunto de regras e preceitos religiosos, para educar jovens e adultos negros e indígenas implementada pela ordem religiosa dos jesuítas.

Para Paiva (1987, p. 58), ao analisar os registros históricos no Brasil no tocante à educação, prevaleceu o domínio da cultura branca, cristã, masculina, seletiva, discriminatória e excludente, similares aos dias atuais. Os diversos programas implementados para a alfabetização de jovens e adultos no país tiveram que enfrentar questões de ordem política, econômica e social que impactaram em sua efetivação. No campo da política, os programas são desenvolvidos como uma política de governo e não uma política de Estado, por isso a cada momento são modificados ou extintos, não havendo efetivação e cumprimento de um dever estatal para esse público, pois os seus direitos constitucionais de acesso à educação são furtivamente negados.

Na ordem econômica, os valores destinados sempre são aquém das reais necessidades orçamentárias, ou desviados para outros segmentos da educação que nada tem a ver com a EJA. E na esfera social essas pessoas são vistas como invisíveis, pobres coitados, são tidos como cidadãos de segunda categoria, renegados ao abandono. Como um todo, a elite brasileira renega os saberes, os valores, o conhecimento destas pessoas e comunidades. De acordo com Gadotti e Romão (2011), a educação a este público-alvo sempre foi ofertada de forma descomprometida com a realidade dos sujeitos da EJA,

que na sua imensa maioria é formada por pessoas em alto grau de vulnerabilidade social, baixa autoestima, grandes distorções econômicas e herdeiros de grupos sociais que sempre foram excluídos da nossa cruel sociedade.

2.1 Tópicos constitucionais

A Constituição de 1824 fez menção à instrução primária gratuita para todos os cidadãos, mas somente os filhos da elite, ou seja, uma ínfima parcela da população teve acesso à educação. A consequência disso foi que 72% da população com mais de 5 anos de idade não frequentou a escola, no censo de 1920.

Do mesmo modo, na Constituição de 1934 foi previsto o ensino obrigatório tanto para crianças quanto para adultos, porém, as mudanças foram insatisfatórias, pois em 1940 no novo censo ficou registrado que 55% dos brasileiros com mais com mais de 18 anos não haviam sido alfabetizados, ou seja, em 20 anos muito pouco mudou em termos de educação para pobres, negros e indígenas no Brasil.

Diante deste quadro tenebroso, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) faz despertar uma série de campanhas para implantar uma rede de ensino primário supletivo para adultos não alfabetizados no Brasil.

2.2 Campanhas de educação de jovens e adultos

Em 1947 foi lançado um projeto intitulado: Campanha de Educação de Adultos, idealizado por Lourenço Filho a partir do método de LAUBACH, fundamentado nos estudos de psicologia experimental, que por princípio diz que “alfabetizar é mudar a consciência da pessoa, reintegrando ao meio em que vive e colocando-a no mesmo plano de conhecimento de direitos humanos fundamentais”

Em 1952, ocorreu a Campanha Nacional de Educação Rural, e em 1958, a Campanha de Erradicação do Analfabetismo; ambas sem sucesso, pois a preocupação era diminuir o índice de analfabetos do que oferecer qualidade de ensino.

As críticas eram profundas em relação a todas as iniciativas de alfabetizar os adultos no país. Foi preciso um novo paradigma pedagógico para educação de jovens e adultos que consolidasse um aprendizado eficaz, e que levasse o estudante a perceber o mundo de forma crítica. Só nos anos 60, o alfabetizador pernambucano Paulo Freire

com uma perspectiva político-cultural envolvendo partidos políticos, igreja e setores de base social empreendeu uma educação voltada para alfabetizar as camadas mais humildes do país, entretanto diante de tanta pressão social e política, só em janeiro de 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação do programa de alfabetização orientado pela proposta de Paulo Freire por todo o Brasil, a EJA, que infelizmente foi interrompido pelo Golpe Militar meses depois.

Este breve histórico tem como condão situar o leitor de como e porque a EJA foi implantada no território brasileiro. Para isso é preciso contextualizar anos 70 até os dias correntes. Os diversos programas que foram implantados na tentativa de alfabetizar jovens e adultos, que por diversos fatores não tiveram a oportunidade de adentrar à escola, nunca tiveram o sucesso esperado, pois foram implantados sem fazer uma anamnese rigorosa das reais necessidades a saber: o seu papel na sociedade, participando ativamente como cidadão e sujeito transformador de sua história e por conta disso os alunos acabavam abandonando as salas de aulas, por exemplo, um destes programas - O Movimento Brasileiro de Alfabetização, conhecido popularmente e pejorativamente por MOBRAL foi um programa do governo instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, autorizado pela Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967 durante o governo de Costa e Silva ainda na ditadura militar, que tinha por meta alfabetizar os adultos e que foi fortemente influenciado pelas ideias de Paulo Freire, entretanto ocorreram mudanças estruturais definidas pelo MEC, como por exemplo, palavras do cotidiano dos populares usadas pelo método de Freire foram substituídas por expressões da língua culta, substituindo o método freiriano. Apesar de convencionalmente criado em 1968, o MOBRAL só foi efetivamente praticado a partir de 1971, na gestão do governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, cujo ministro da Educação era Jarbas Passarinho.

Outro desditoso programa foi a criação do Supletivo em 1971. O supletivo buscou complementar a escolarização e o analfabetismo, alocando em sala de aula aqueles que ainda não haviam concluído seus estudos no tempo e na idade adequada. O Supletivo foi instituído pela Lei 5.692/7, para se pensar apenas tardiamente em uma escolarização e atividades educativas da forma mais flexível para o indivíduo, provendo suas carências. Também algumas modificações foram feitas na sua proposta buscando acatar somente interesses de governo, de acordo com Haddad:

O ensino supletivo foi apresentado a sociedade como um projeto escola de futuro, elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica, observada pelo país nos anos 70. Não se tratava de uma escola voltada aos interesses de uma determinada classe popular, mas de uma escola e por sua clientela pois a todos deveriam atender uma dinâmica permanente de atualização (Haddad, 2000, p. 117).

A implantação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, ainda que a contragosto das elites econômicas e políticas que em malgrado vem comandando a política de educação deste país, foi instituída legalmente no Brasil como modalidade de ensino, fundamental e Médio, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 (BRASIL, 1996b), destinada àqueles que não estudaram. Ao fazer parte da LDB, a EJA foi reconhecida como de Direito Público em 2008 não como uma forma de suprir a educação para alfabetizar jovens e adultos, mas sim uma nova educação. Essa nova configuração de educação passou a ser realizada de forma mais aceitável do que a posição marginal que ocupava anteriormente, ainda que essas legislações tenham se mantido assistencialistas e bem populistas, com caráter compensatório. Complementando o texto acima, vejamos o que nos traz o artigo: Educação de jovens e adultos: diálogos com a pedagogia social e educação popular dos autores: Danilo Streck e Karine Santos publicados pela Revista Científica ECCOS:

No âmbito da permanência e progressão dos educandos a LDB (segundo parágrafo, artigo 37), indica, além da necessidade de aprofundamento teórico sobre os processos de cognição de adultos, a possibilidade de ofertar ações integradas e complementares que promovam a sua efetiva participação, a partir da criação de incentivos aos empregadores para facilitar o acesso dos trabalhadores aos estudos (STRECK e SANTOS, 2011, p. 22-23).

Bem como:

Ao lado de mecanismos de gratuidade ativa, como promoção de assistência à saúde, transportes, alimentação, material escolar e didático – pedagógico (Di Pierro, 2008, p. 405).

O prestigiado e patrono da educação brasileira, o professor doutor Paulo Freire, sempre preocupado com as questões sociais tais como as injustiças e desigualdades que afligem de forma avassaladora as camadas mais subalternizadas da nossa desigual sociedade, resolveu implantar uma educação que não só alfabetizasse, como também levasse o homem simples a refletir sobre sua condição de sujeito da história, que desde os tempos da malfadada escravidão, onde negros escravizados ou libertos e indígenas não tinham acesso à educação institucional mesmo após a libertação da escravatura em 13 maio de 1888, onde de maneira sorrateira e perniciosa vem se arrastando até os dias

presentes, não mais com limites ao acesso à educação por via de leis judiciais, mas por medidas burocráticas que contribuem para dificultar o ingresso de pobres a educação formal. Dr. Paulo Freire contribuiu de forma sistemática para os importantes estudos sobre a educação com suas ideias de uma prática educacional de igualdade, com sujeitos críticos, culminando numa modalidade de ensino específico para o público adulto no Brasil, conhecida como Educação de jovens e adultos (EJA).

Essa política é arquitetada com recursos financeiros próprios para a modalidade, além das especificidades de ensino-aprendizagem, concepção de material didático e formação especial e continuada de docentes. Apesar disso, essa política, assim como outras, caracteriza-se por avanços e retrocessos, caindo na atualidade por uma desvalorização multifacetada no sentido de que ela sobrevive, mas ao mesmo tempo não atende ao mínimo necessário para os anseios deste público-alvo.

A EJA é marcada por atender a sujeitos jovens, adultos e idosos que não acessaram ou concluíram a escolarização da Educação Básica. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é o documento-base norteador para a estruturação curricular, a fim de evitar o risco de deixar os estudantes da EJA sem possibilidades de se profissionalizar ou cursar o Ensino Superior. Entretanto este documento primordial muito pouco vem se fazendo presente no sentido de impor que as autoridades cumpram o mínimo necessário para que a EJA aconteça verdadeiramente.

A EJA se vincula à sociedade como um elemento de importância para Educação de Jovens e Adultos no sentido de dar visibilidade para a inserção social, cultural, humanística que nunca antes ocorrera no Brasil. Diversas tentativas de inserir o negro, o pobre, o indígena e a sua relevante contribuição ao desenvolvimento desta nação nunca foi levado em conta, e portanto os programas e currículos ministeriais desenvolvidos pelo Estado sempre segregaram os mais pobres deste país deixando-os de fora da escola, das universidades e de certa forma e maneira da vida social e política. Assim, para melhor manter a EJA, já que os órgãos governamentais dispensam pouca atenção a esta modalidade de ensino, as ações desenvolvidas por professores engajados em assegurar que esses sujeitos tenham acesso a EJA, vem em todo momento realizando passos importantes, tanto no sentido de pensar a EJA como elemento agregador e instrumental para inserir o aluno na sociedade, bem com escrevendo, organizando eventos, estudos, cobrando das autoridades educacionais, promovendo debates principalmente nas áreas sociais para novo entendimento da Educação de Jovens e Adultos como educação igualitária e acolhedora.

2.3 Programas educacionais no transcurso da história

Os diversos Programas Educacionais anteriores ao EJA, não recepcionaram de maneira acolhedora e adequada aos mais fragilizados e não lhes davam ouvidos de como eles viam o mundo, não existiam pareceres de aprofundamento sobre a parte social ou ainda quanto à capacidade cognitiva dos sujeitos implicados no processo, e como eles construíram o seu conhecimento. Eles deveriam aprender o que se alcançava de forma significativa e o que era significativo para esses alunos. Lembrando muito Paulo Freire, que afirmava que essa educação careceria acontecer de forma crítica e reflexiva, inserindo o indivíduo em todo o processo, em que faria sua própria autocrítica. Segundo Ribeiro (2001), a EJA é inferiorizada na visão pública, tendo em vista seu público, turno e caráter supostamente compensatório.

Diante de tantos problemas apontados por Ribeiro, a EJA pensada por Paulo Freire, valoriza o “ser estudante” deixando de lado o cunho assistencialista, para que os estudantes entendessem que a escola é um lugar de preparo social. Vemos também que a EJA foi criada, a partir de desacertos e de desajustamento de currículos, métodos e materiais didáticos inadequados, que ainda persistem, em muitos locais de aprendizagem, um desencontro entre o que se ensina e o que deveria se ensinar causando um descontentamento e um desencanto nos estudantes que não se sentem contemplados e acabam abandonando a escola, somado a isso, é preciso pensar uma escola adequada, sistemática, plural, acolhedora, que perceba que os egressos do EJA são trabalhadores, idosos, que traz consigo toda uma carga de saberes, de conhecimento e de visão do mundo que se contradiz com o ensino formal. É urgente repensar a escola que atenda à sociedade.

Uma constância na triste história da educação brasileira, que os detentores do poder nunca quiseram de fato incluir os pobres como agentes de sua própria transformação, e só é possível mudar e transformar o indivíduo se este estiver dotado de conhecimento instrumental via a escola, sem isso, o sujeito não consegue acessar o processo de inclusão. O analfabeto era tido como um peso ao país, pois não podia contribuir para o desenvolvimento, mas o contínuo crescimento do contingente dos analfabetos, acabou por gerar interesse político, daí a Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos ter uma proposta educacional voltada para a vida, trabalho e

profissionalização. Mas não de pensar o mundo com toda a sua complexidade como pensou Paulo Freire.

Com o advento da constituição de 1988 é que se retoma a educação de jovens e adultos de forma obrigatória e gratuita para todos. A Constituição Federal de 1988, que direciona dez artigos para tratar de questões voltadas à educação, sendo que os artigos nº 205, 208, 212 e 214 abordam a universalização do ensino, incluindo as pessoas que não tiveram acesso à educação em idade própria. Novas medidas com parcerias entre organizações da sociedade civil e o Estado foram implementadas. De acordo com os artigos constitucionais, como o artigo 205, que estabelece que a educação é um direito de todos e um dever compartilhado entre o Estado e a família, promovido com a colaboração da sociedade para garantir o pleno desenvolvimento do indivíduo, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Esse artigo destaca que, embora a educação seja um direito, o dever de educar não é exclusividade do Estado, mas uma responsabilidade coletiva.

O artigo 208 estabelece que o dever do Estado com a educação deve ser concretizado por meio de ações que garantam o acesso ao ensino fundamental e de programas suplementares, como fornecimento de material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde. Assim, o Estado assume a responsabilidade de viabilizar a educação de forma efetiva, provendo os recursos necessários para assegurar a permanência e o aprendizado dos educandos.

Já o artigo 212, determina que a União destine, anualmente, pelo menos 18% da receita proveniente de impostos para a educação, enquanto Estados, Distrito Federal e Municípios devem investir no mínimo 25%. Esse artigo reflete o compromisso financeiro com a manutenção e o desenvolvimento do ensino, essencial para garantir a qualidade e continuidade da educação pública.

Por fim, o artigo 214 trata da criação de um Plano Nacional de Educação com duração de dez anos. Esse plano tem como objetivo articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração, definindo diretrizes, metas e estratégias para assegurar a manutenção e o desenvolvimento do ensino em todos os níveis. Entre as metas desse plano estão a erradicação do analfabetismo, a universalização do atendimento escolar, a melhoria da qualidade do ensino, a formação para o trabalho, a promoção humanística, científica e tecnológica do país, e o estabelecimento de metas para aplicação de recursos públicos em educação como proporção do PIB, conforme a Emenda Constitucional nº 59, de 2009.

Mesmo com a redação firmada pelos artigos acima inseridos na íntegra nesta dissertação, bem como documentos anteriores a Constituição cidadã de 1988, vimos historicamente ao longo de 5 séculos neste país que a educação ofertada foi de péssima qualidade, em via de regras, o que é oferecido a este público, de certo não tinha o condão de fazer com que essas pessoas participassem da vida pública e discutissem em pé de igualdade os problemas do Brasil e claro os seus próprios problemas. O governo jamais priorizou atender as especificidades, e dificuldades decorrentes da falta de valorização, dos complexos de inferioridade, da resolução de problemas básicos destas pessoas como a: fome, o desemprego ou o subemprego, a moradia, a segurança, enfim todos os problemas sociais bem conhecidos que afligem o nosso povo desde a escravidão, por isso as experiências mal sucedidas vivenciadas dentro da escola, em quase todos os programas educacionais que nos últimos anos são oferecidos no país a estes alunos e nunca se preocuparam em buscar nestas pessoas suas experiências, suas vivências para que a partir destes saberes, promovessem programas que realmente atendessem a esses sujeitos da EJA.

No longo transcurso do tempo cronológico dos últimos séculos, os programas apenas foram mudando de nome e em nada cumpriu com o seu papel verdadeiro de educar e lhes dar cidadania e pertencimento ao mundo da escola, essas pessoas foram apenas treinadas para o mundo do trabalho, apenas para servir ao capital, não só isso, também deseducadas para não exercer e enxergar a sua cidadania plena e absoluta.

Em consonância com as práticas educativas dentro da realidade da educação de jovens e adultos devem estar centradas em ações democráticas, com a participação da comunidade escolar, respeitando a experiência de vida dos alunos, para que num processo dialógico se construa a tão almejada educação cidadã. Lembrando que a comunidade escolar ela é um todo, dividido em partes, que se tangenciam entre Direção, Coordenação, Professores, pessoal de apoio, pais, mães e todo o seu entorno, por isso sem comunidade escolar atuante e participativa a educação da EJA se torna indiferente para essas pessoas que por isso evadem, apontam os principais educadores do país que estudam a EJA.

Partindo do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO — SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, que diz dos princípios da educação de jovens e adultos:

A Constituição Federal do Brasil/1988 incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205). [...] Assim, a Educação de Jovens e Adultos e Idosos, modalidade estratégica do esforço da Nação em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, participa deste princípio e sob esta luz deve ser considerada.[...] Sendo assim, o Artigo 208-CF alterado pela Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009, os Incisos I e VII passam a vigorar com as seguintes alterações: I – “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde”. Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado e cercado de mecanismos financeiros e jurídicos de sustentação (Brasil, Lei 10.172/2001, n.p.).

Em 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº 9394/96 (BRASIL, 1996) que direciona dois artigos (37 e 38), para abordar a Educação de Jovens e Adultos, salientando ser responsabilidade dos sistemas educacionais garantir de forma gratuita o ensino nos níveis fundamental (maiores de 15 anos) e médio (maiores de 18 anos) aqueles alunos que não tiveram acesso em idade própria, sendo considerado o contexto do educando e seus interesses, oportunizando a eles saberes de base comum do currículo, a fim de que possam permanecer nas escolas até o término da educação básica, habilitando-o para dar continuidade aos estudos em etapas posteriores.

No Parecer nº 11 de 10 de maio de 2000 (BRASIL, 2000), a Educação de Jovens e Adultos tem três funções fundamentais:

- a)** Reparadora, relacionada a possibilidade de acesso e continuidade aos estudos dos alunos que por motivos diversos não conseguiram concluir sua vida estudantil, sendo fundamental oportunizar a esses sujeitos igualdade de oportunidades quanto a garantia da educação. [...];
- b)** Equalizadora, que se refere à promoção de oportunidades educacionais a todos os sujeitos, considerando suas diferenças e dificuldades, tendo em vista que a EJA é direcionada a cidadãos de diversos segmentos sociais e que deixaram o espaço escolar em decorrência de interrupções forçadas por repetências, evasões e por oportunidades desiguais [...];
- c)** Qualificadora, que aborda questões de aprendizagem de saberes para toda a vida, pois a educação de jovens e adultos deve preocupar-se com a qualificação contínua de seus sujeitos, considerando os saberes e experiências trazidos por eles [...].

Os documentos oficiais que norteiam o direcionamento da Educação de Jovens e Adultos foram criados a partir de pareceres, diretrizes, fóruns e encontros com o objetivo de discutir políticas e práticas voltadas para a sua implementação.

Gostaríamos de enfatizar que o rol acima de documentos inseridos neste texto não foi no intuito de cansar o leitor, mas no sentido de anunciar com elementos jurídicos e documentais que de certa forma protege a EJA lhe dando garantias, ainda mesmo que na prática do chão da escola a realidade seja diversa do que a lei estabelece. Mas, se os setores sociais organizados em núcleos populares, como associações de bairros, instituições eclesiásticas, entidades filantrópicas, grêmios estudantis se apropriarem destas leis e documentos já existentes, poderemos dar eficácia e lastro probatório para em muito tornar possível uma EJA mais humanizada para que no mínimo assegure a permanência desses sujeitos na escola.

Infelizmente, os programas e ações implementados nas escolas não têm conseguido garantir a permanência dos alunos, e os velhos e conhecidos problemas se repetem ano a ano no ambiente escolar diante dos olhos das autoridades e de toda comunidade, que sentem as dificuldades relacionadas à reprovação; ao abandono; à evasão e a exclusão dos alunos da EJA dentro da própria unidade de ensino por parte dos professores, alunos das séries regulares, entre outros problemas relacionados ao horários que não atende às suas necessidades já que são estudantes trabalhadores e muitos trabalham na noite fazendo bicos em restaurantes, vendendo balas, cigarros e bebidas, guardando carros, enfim, uma variedade de atividades que esses alunos fazem para sobreviver.

Além desses motivos mencionados, temos também a baixa frequência e participação nas ações pedagógicas, que são desenvolvidas dentro da escola, pelos alunos da EJA, tais como mostra de artes, produção de vídeos, seminários, debates, gincanas. Ou seja, a rotina cotidiana da escola, que muito pouco ouvem esses sujeitos e quase nunca se adequa a realidade deles. Como trazer esses sujeitos da EJA para fazerem parte destas atividades?

3. Um panorama sobre a evasão da EJA no CEMD

A presente seção tem como objetivo analisar os fatores que influenciam a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), traçando um panorama da evasão com foco nas dinâmicas vivenciadas no Colégio Estadual Manoel Devoto (CEMD). Para tanto, foram abordados os desafios enfrentados pelos estudantes da EJA, incluindo os aspectos socioeconômicos, organizacionais e pedagógicos que contribuem para a desistência dos estudos. Além disso, discute-se o papel da escola como espaço de acolhimento, sociabilidade e transformação, considerando a importância de estratégias voltadas à permanência dos alunos.

A evasão escolar, também conhecida como absenteísmo, refere-se à ausência persistente dos alunos na escola sem uma justificativa legítima. É um fenômeno complexo influenciado por vários fatores; por exemplo, a Educação de Jovens e Adultos no Colégio Estadual Manoel Devoto acontece no turno noturno, um turno menos frequentado, mais relegado ao descaso e abandono. Ainda, devido ao fechamento do turno noturno do EJA no Colégio Estadual Euclides de Matos, cujos alunos foram transferidos para o colégio Estadual Manoel Devoto, a Escola hoje conta com as seis previamente citadas turmas distribuídas em EJA 6 e EJA 7, sendo 3 turmas do EJA 6 e 3 turmas do EJA 7, e correspondem EJA 6 ao primeiro e segundo ano do ensino médio e o EJA 7 ao terceiro ano do ensino médio. A composição das salas tem em média 40 alunos matriculados, mas efetivamente frequentando uma média de 19 alunos, as salas são distribuídas em: EJA 6: a, b, c e EJA 7 a, b e c.

A composição etária varia entre 18 a 70 anos de idade, a maioria dos alunos são do sexo feminino, aproximadamente, 90% da sala e cerca de 75% dos alunos são negros ou declarados pardos, de renda inferior a dois salários mínimos. Observa-se que cerca de 20% dos alunos se encontram desempregados e dos 80% restantes possuem renda e dentre eles, aproximadamente 50% exercem uma atividade categorizada como informal, do ponto de vista das leis do trabalho.

Vale ressaltar um dado referente aos alunos frequentadores assíduos. Constata-se que existe grande distorção entre o que têm e o que deveriam ter, em termos de acúmulo teórico, para quem está frequentando o nível médio. De forma geral, apresentam muitas dificuldades com as operações básicas no ensino da Matemática e na leitura,

interpretação e escrita de textos. Demonstram pouco conhecimento sobre a atualidade e do que está acontecendo na economia, política e administração do país. Quanto à dinâmica da sala de aula, de forma reiterada, não entregam os trabalhos solicitados pelos professores, não interagem na sala de aula, não fazem tarefas de casa, a ideia que se tem é a de que estão ali para ocupar o tempo ou receber o auxílio permanência,

Em termos de avaliação e promoção no curso da EJA, opera com conceitos que se dividem entre AC (A Construir - de 0 a 4,9) EC (Etapa Construída - de 5 a 7,9) e C (Construído - de 8 a 10). Em termos de resultados, os alunos que atingem EC são cerca de 84%. AC aproximadamente 10% e C 2%. Geralmente, não fazem provas, testes ou trabalhos, a avaliação é contínua a partir da observação de sala e algumas construções feitas na própria sala de aula. O quadro descrito carrega uma consequência drástica que é a evasão, conforme foi apresentado pelo levantamento prévio, ainda incipiente, que visou buscar elementos na vida escolar, para a construção do projeto de investigação.

Estudar os motivos que causam a evasão da EJA, que é bem maior que a evasão do curso regular no CEMD, nos remete a pensar no conjunto de problemas que envolvem a formação do estudante na EJA, ao longo de sua vida escolar. Não basta apenas constatar, como professor de História do CEMD, atuando na EJA desde sua implantação, venho acompanhando as dificuldades dos estudantes que resultam na evasão, o que permanentemente nos afeta. Acredito ser de fundamental importância para a sociedade, conhecer a lógica educacional estabelecida pelo Ministério de Educação e Cultura e pela Secretaria Estadual de Educação, considerando que estamos falando de um colégio estadual, para a EJA, isto porque, existem fatores de evasão que são gerados a partir da lógica curricular e estrutural.

Discutimos anteriormente que as estatísticas revelam os altos índices de evasão, mas não se tem registros de ações preventivas ou estimuladoras da continuidade dos estudos. Os que evadem viram números, mas nada a esse respeito é revelado. Buscamos entender por quê.

Assim sendo, acreditamos ser pertinente a realização deste projeto em andamento, que investigue as narrativas de si, as autobiografias de estudantes EJA que tenham evadido, para tratar suas histórias de vida, revelando suas dificuldades e processos de aprendizagem.

Pois bem, foi pensando nesta perspectiva que cheguei ao mestrado profissional MPEJA desejando trabalhar a questão da evasão escolar na EJA do CEMD em toda a sua complexidade. E mais, que a escola seja um ponto importante de sociabilidade, de

encontro, de amizade e de amor. Bem como um ponto crucial no sentido de se alimentar, a merenda escolar foi citada em todos os questionários, entrevistas, atividades feitas em sala de aula no transcurso da pesquisa, de dois anos e, sem dúvida alguma, um ponto vital de manter os estudantes frequentando.

Não podemos esquecer que estamos falando de pessoas que não têm como algo presente em suas vidas a diversão, o lazer, o curtir, são pessoas que não tem paz nem em suas residências submetidas ao tráfico de drogas, a violência ir para a escola é uma libertação ainda que momentânea de se sentir protegido e acolhido. A escola tem esse papel fundamental.

Não obstante, a escola é um ponto central nas vidas destes sujeitos, com todo a sua rede de ligação com o mundo, com o saber, pessoas transitando, construindo, dialogando, projetando atividades que em outro lugar esses sujeitos jamais iriam tem acesso, só a escola tem esse poder mágico de tocar fundo esses sujeito, de mostrar um mundo que inimaginável.

Desta forma mudamos o foco da pesquisa que antes visava a evasão para permanência, e com isso mostrar um escola viva, participativa, aberta aos anseios dos estudantes, comunitária e feliz.

Os impactos da evasão escolar são multifacetados e podem afetar vários aspectos da vida de um indivíduo. Academicamente, o absenteísmo crônico pode levar a um desempenho acadêmico ruim, notas baixas e maior probabilidade de abandono da escola. Socialmente, pode resultar em isolamento dos colegas, relacionamentos tensos com os professores e menor desenvolvimento de habilidades sociais. Além disso, a evasão escolar está associada a resultados negativos de longo prazo, incluindo taxas mais altas de desemprego, rendimentos mais baixos e envolvimento em atividades criminosas. Ainda pode perpetuar ciclos de pobreza e desigualdade social, exacerbando ainda mais os desafios da sociedade.

Os altos índices de abandono dos alunos chamam a atenção e impressionam com frequência, pois, em muitas salas de EJA, o número de alunos evadidos a cada semestre chega a ser superior ao número de alunos aprovados e tem servido como pretexto para o fechamento de muitas classes. Esse fenômeno da evasão escolar na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem sendo observado por muitos anos e tem provocado a compreensão dos educadores das escolas que ofertam essa modalidade de ensino.

São bastante diversos os motivos pelos quais numerosos alunos abandonam

subitamente o desejo pessoal de emancipação e ascensão social e profissional. Exigindo uma reconfiguração da escola para atendimento desse público. Os problemas constatados na EJA podem estar relacionados com os perfis dos jovens, caracterizados por suas especificidades. Arroyo (2006) destaca que, para configurar a EJA, deve-se conhecer quem são os seus sujeitos, no sentido de adequar a escola frente às necessidades de uma educação diferenciada. Para o pesquisador, o ponto de partida é perguntar quem são esses jovens e adultos. É preciso compreender como eles vivenciam o processo educativo, buscando entender as razões e motivações que levam esses alunos a abandonarem ou retornarem à escola.

Reconhecidos como classe social dominada, cuja reprodução da hierarquia social é legitimada na hierarquia escolar, os alunos da EJA, na maioria das vezes são trabalhadores, pobres, subempregados, oprimidos, excluídos, cujo o lugar social indicados para elas são as salas da EJA

Desta forma podemos perceber que esse fato poderia justificar a ideia de que a EJA está vinculada a um reducionismo no ensino-aprendizagem, a uma formação acelerada, de baixa qualidade e que não estimula a permanência dos sujeitos. A escola, em sua variedade de aspectos, tais como o currículo, a gestão escolar, as avaliações e a organização do trabalho pedagógico, entre outros, precisa analisar, com profundidade, a relação de suas práticas com o fenômeno da evasão.

Sem resultar, necessariamente, em qualidade de ensino, o problema da evasão escolar possui raízes históricas, contexto no qual a EJA é marcada por diversas políticas impostas pelas elites, por meio de sucessivas intervenções do governo mudando o sistema escolar. Muitas razões de ordem social e principalmente econômica concorrem para a evasão escolar neste cenário, onde o Poder público parece não estar atento a essas questões e as medidas que adota estão muito distantes das reais necessidades dos alunos dessa modalidade.

Da mesma forma, as sucessivas reprovações têm peso significativo na decisão dos alunos em continuar ou não os estudos e a repetência seguem para a evasão escolar. As dificuldades enfrentadas pela escolarização tardia dos sujeitos da EJA, que envolvem desde condições organizacionais e estruturais da escola até a rotina de vida dos alunos, contribuem para a evasão. Muitos discentes apresentam experiências de vida e realidade social, como dificuldade de aprendizagem, cansaço físico, conflitos com os familiares e colegas, estrutura precária e dificuldade de conciliar tempo de estudo e trabalho, que não lhes permitem encontrar significado na rotina escolar.

Compreende-se que, dentre as diversas razões consideradas como influentes no processo de evasão, as escolas devem estar atentas, em especial, à responsabilidade pelas questões interescolares, pois se configuram como fatores sobre os quais as instituições de ensino são efetivamente capazes de agir. A escola tem expressiva influência no fenômeno, o que exige que essa instituição assuma uma tomada de posição mais ativa diante do desafio de reduzir a evasão na modalidade EJA.

O enfrentamento da evasão escolar requer uma abordagem abrangente que envolva a colaboração entre escolas, famílias, comunidades e formuladores de políticas. As estratégias de prevenção podem incluir a identificação precoce de alunos em risco, a implementação de iniciativas de clima escolar positivo e o fornecimento de serviços de apoio direcionados, como aconselhamento, orientação ou tutoria. Além disso, melhorar o envolvimento dos pais e a comunicação entre as escolas e as famílias pode aumentar a responsabilidade e o apoio aos alunos. As intervenções também devem abordar questões subjacentes que contribuem para a evasão, como o apoio à saúde mental, a abordagem de disparidades socioeconômicas ou a oferta de caminhos educacionais alternativos para alunos que têm dificuldades em ambientes tradicionais. Além disso, a implementação de políticas que responsabilizem tanto os alunos quanto os pais pela frequência pode servir como um impedimento para a evasão e, ao mesmo tempo, fornecer o apoio necessário para aqueles que enfrentam barreiras para a frequência regular.

Não à toa, as perguntas envolvidas nos questionários a seguir encaram, para além de aspectos estruturais (currículo, dependências escolares, livros e metodologias didáticas), os aspectos formativos dos estudantes; suas experiências familiares, sociais, culturais, e suas interpretações acerca destas.

Oliveira (2009) apresenta uma análise acerca do currículo e práticas curriculares adequadas aos perfis e necessidades dos educandos da EJA. A pesquisadora traz, também, o conceito de tessitura do conhecimento em redes, ressaltando que o currículo mais adequado é aquele que estabelece relações ou ligações com a vida dos educandos e critica a fragmentação e a infantilização dos currículos destinados aos jovens e adultos.

Nesse sentido, reforça-se a defesa pelo debate aprofundado sobre os alunos, buscando conhecê-los e refletindo sobre que sujeitos a escola almeja formar. Compreender as várias causas e impactos da evasão — e, mais importante, as causas e impactos da permanência; isto é, dos casos de sucesso que estamos analisando — é essencial para o desenvolvimento de intervenções eficazes para resolver esse problema. Compreende-se que a reflexão e o debate são importantes elementos para que a escola

possa repensar as suas práticas pedagógicas, considerando a diversidade e as demandas dos sujeitos, oferecendo um ensino de qualidade e (espera-se) contribuindo para a permanência dos alunos na EJA.

4. Análise da Pesquisa e Resultados

A presente seção é destinada para a apresentação das análises dos dados da pesquisa em campo. É, portanto, uma etapa fundamental para o pesquisador, pois é o momento de dar um retorno à sociedade, quanto às informações obtidas através da pesquisa. Assim, destaca-se que a referida pesquisa foi desenvolvida dentro da Rede Estadual de Ensino da Bahia, precisamente na cidade do Salvador na Escola Estadual Manoel Devoto que atende a EJA.

A questão norteadora deste estudo foi: Quais os fatores que têm contribuído para a permanência dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na escola CEMD?

Tivemos como direcionamento os seguintes eixos de análises: fatores escolares internos e externos que foram desenvolvidos nesta seção.

O interesse em desenvolver o estudo dentro dessa modalidade de ensino surgiu ao perceber o grande índice de evasão existente na escola, mas ao mesmo tempo, um certo número de alunos, que vivem e sofrem as mesmas agruras sociais, mas acabam se comprometendo com os seus estudos e permanecem firmes com o propósito de terminarem os estudos iniciais e até prosseguir para os estudos superiores. Assim, o objetivo deste estudo e desta análise de dados é deixar claro quais os motivos que a escola e o seu corpo docente e pedagógico vêm contribuindo para um grupo de alunos ainda que pequeno, mas consistente, a permanecerem firmes na escola e tornar esses dados públicos para que possamos atacar de forma consistente a praga da evasão escolar na EJA.

Considerando que o desenvolvimento pedagógico da escola pesquisa; o seu corpo docente; a estrutura física da escola; os seus programas de integração social; as atividades desenvolvidas; seus conteúdos proferidos de acordo com a experiências de vida dos alunos; tudo isso somados, podem favorecer a permanência dos educandos ao longo do ano letivo que é de vital importância.

Desta forma, ao longo desta seção também iremos apontar um por um, de forma clara e objetiva, a necessidade de conhecer os fatores que contribuam para a permanência do aluno no espaço escolar sendo, portanto, pontos chave para traçarmos estratégias para que outros alunos trilhem o mesmo caminho, bem como traçar metas de

acordo com a realidade vivenciada e consequentemente melhorar a prática profissional da escola.

Para buscar compreender a permanência dos alunos, optou-se por ouvir os alunos assíduos, a fim buscar compreender os motivos que os fizeram permanecer na escola. Tais dados podem auxiliar os profissionais que atuam dentro da escola a aperfeiçoar suas práticas pedagógicas, bem como se envolver em aspectos políticos fundamentais ao processo de transformação da realidade da Educação de Jovens e Adultos, que acaba recebendo influências de fatores internos e externos e impactando o processo de aprendizagem dos alunos.

Frente aos principais achados desse estudo foram apresentadas propostas de ações a serem aplicadas dentro dos contextos escolares que enfrentam em seu cotidiano as dificuldades evidenciadas dentro da EJA.

Cumprindo o rigor metodológico científico, os dados da pesquisa são analisados e seus resultados são apresentados, dando um sentido prático àquilo que foi pesquisado. Nesse contexto, buscou-se perceber a visão dos entrevistados, e dos que responderam aos questionários interpretados pelo pesquisador, e pela análise do método qualitativo.

4.1. Dados da Pesquisa

O conjunto da pesquisa resultou em sala de aula no período do ano letivo de 2022 a 2024, onde realizamos aulas expositivas, roda de conversa, debates, assistimos filmes e documentários, entre outras atividades pertinentes a escola em relação ao ensino da EJA, bem como foi aplicado em todas as salas dois (2) questionários no Colégio Estadual Manoel Devoto, cento e sessenta e nove (169) questionários foram aplicados em dois momentos, sendo que no primeiro questionário atingimos oitenta e sete (87) alunos e no segundo questionário setenta e quatro (82) alunos, totalizando cento e sessenta e nove (169) pessoas envolvidas na pesquisa. Somado a esse esforço cinco (6) estudantes do universo dos cento e sessenta e um (169) alunos foram escolhidos para serem entrevistados e gravados. Pois acreditamos que os alunos falando de suas experiências podem ser mais explícitos do que escrevendo em questionários.

4.2. A visão dos educandos

De forma geral, os dois questionários aplicados buscaram inquirir em um primeiro momento, **qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD; do que você gosta no CEMD; e se você pudesse, o que mudaria nele; e quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA**, e no segundo momento, perguntas de cunho mais intimista onde pedimos, **relate sobre sua infância; relate sobre a sua adolescência; memória da família; memória da escola e memória do trabalho.**

Faz-se necessário salientar, que as respostas dos educandos foram fundamentais e importantíssimas no que tange ao processo de análise e os seus pontos de vistas e diferentes opiniões e que estas foram contextualizadas a partir das ideias de teóricos e especialistas no tema.

O instrumento utilizado na pesquisa foram dois questionários direcionados, com três (03) perguntas no primeiro questionário e cinco (05) perguntas no segundo questionário, ao corpo discente da EJA formado por 06 turmas noturnas do Colégio Estadual Manoel Devoto com a finalidade relativa de analisar quais os fatores mais pertinentes que possibilitam a permanência dos estudantes no colégio.

Os alunos tiveram a oportunidade de se pronunciar possibilitando que as suas respostas fossem francas, mesmo considerando o fato de estarem expostos a gravação e publicação deste trabalho.

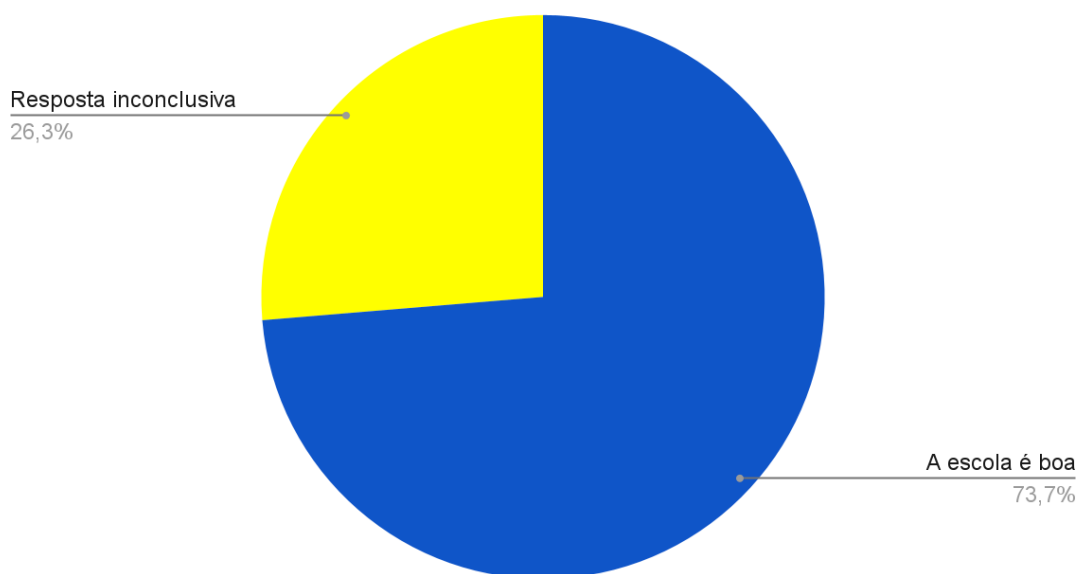
Em cada questionamento, que segue, as respostas dos educandos estão padronizadas nos quadros a seguir:

TURMA - 6A

Questionário 1

Figura 3 — Gráfico 1

Qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 01) Qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD?

Um total de dezenove (19) respostas.

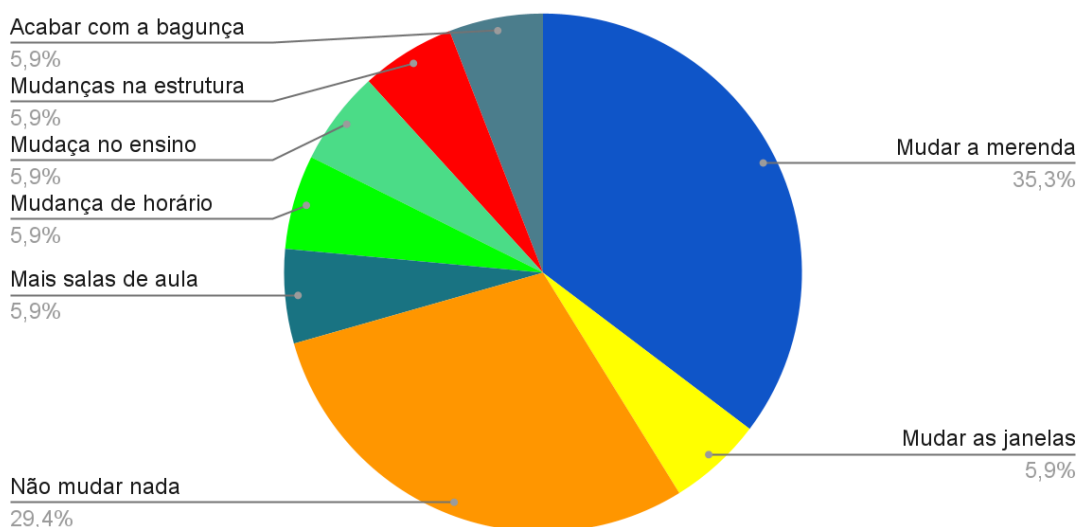
Quatorze (14) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e excelente, tranquila.

Cinco (05) alunos responderam **de forma inconclusiva**: melhorar os estudos, gostam da sala, desorganizada, horários.

O gráfico apresentado ilustra as percepções dos estudantes sobre a qualidade da escola. De acordo com os dados, 73,7% dos estudantes avaliaram a escola como "muito boa" ou "excelente". No entanto, 26,3% dos respondentes forneceram respostas que foram classificadas como inconclusivas. Estas respostas não abordaram diretamente a pergunta inicial, desviando-se para outras questões e desejos. Portanto, são denominadas respostas inconclusivas, pois não fornecem uma avaliação clara da qualidade da escola conforme solicitado.

Figura 4 — Gráfico 2

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 02) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de dezessete (17) respostas

Seis (06) alunos, pediram para **mudar a merenda para melhor**, entendemos que querem uma merenda mais nutritiva e saborosa;

Um (01) aluno quer a **mudança das janelas**, o que deve ser por causa do calor;

Cinco (05) alunos **não querem mudar nada**;

Um (01) aluno quer **mais salas de aulas**;

Um (01) aluno quer **mudança de horário**;

Um (01) aluno quer **mudança no ensino**;

Um (01) aluno quer **mudanças na estrutura física da escola** com uma quadra nova;

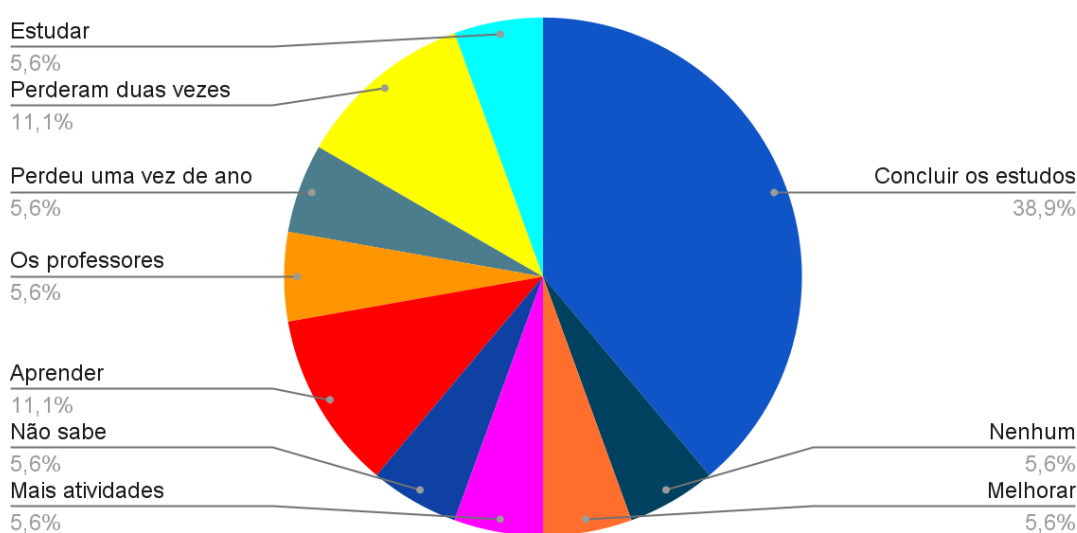
Um (01) aluno quer **acabar com a bagunça**.

O gráfico apresentado revela as opiniões dos estudantes sobre o que apreciam e o que desejariam alterar no Colégio Manoel Devoto. Observa-se um pluralismo de intenções de mudanças, com destaque para questões relacionadas à merenda escolar, horários, infraestrutura das salas de aula, reformas, e comportamento de outros alunos. Além disso, uma parte dos estudantes indicou que não gostaria de mudar nada. Esta

última resposta pode ser interpretada de diversas maneiras: pode refletir satisfação completa com o estado atual da escola, ou, alternativamente, pode indicar um receio de expressar críticas abertamente. A diversidade de respostas sugere uma gama de perspectivas e necessidades entre os alunos, apontando para áreas específicas que podem necessitar de atenção por parte da administração escolar.

Figura 5 — Gráfico 3

Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 03) Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?

Um total de dezoito (18) respostas

Sete (07) alunos disseram **concluir os estudos**;

Um (01) aluno disse **nenhum**, ou seja, não tem motivos para permanecer;

Um (01) aluno afirmou **adiantar, melhorar**;

Um (01) aluno disse **mais atividades**;

Um (01), disse que **não sabe dizer** por que permanece;

Dois (02) alunos falaram **aprender**;

Um (01) aluno disse **os professores**;

Um (01) aluno disse que **perdeu uma vez de ano**;

Dois (02) alunos **perderam duas vezes**;

Um (01) aluno disse **estudar**.

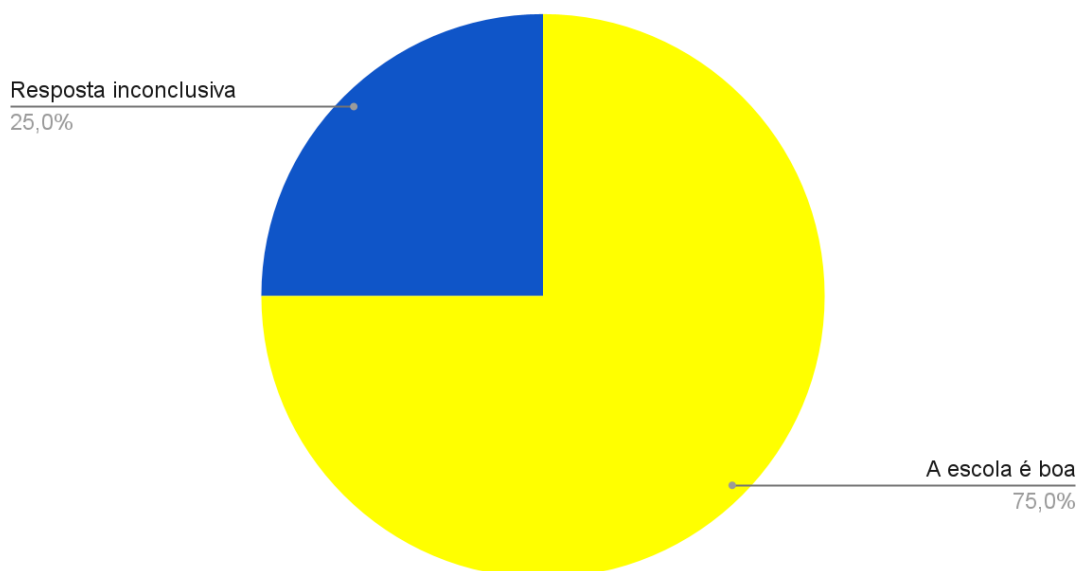
O gráfico em questão investiga os motivos que influenciam os alunos a permanecerem matriculados no curso da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Observa-se uma variedade de respostas entre os participantes, porém destaca-se que 38% dos respondentes indicaram "concluir os estudos" como um dos principais motivos para sua permanência no curso. Essa porcentagem substancial sugere que uma das principais finalidades dos alunos ao participarem da EJA é avançar nessa etapa da educação para melhorar sua posição social. Tal conclusão indica a percepção da educação como um meio para alcançar uma melhoria nas condições socioeconômicas, destacando a importância atribuída à conclusão do ensino fundamental ou médio para o progresso individual e coletivo.

TURMA - 6B

Questionário 1

Figura 6 — Gráfico 4

Qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola CEMD?

Um total de quatro (04) respostas

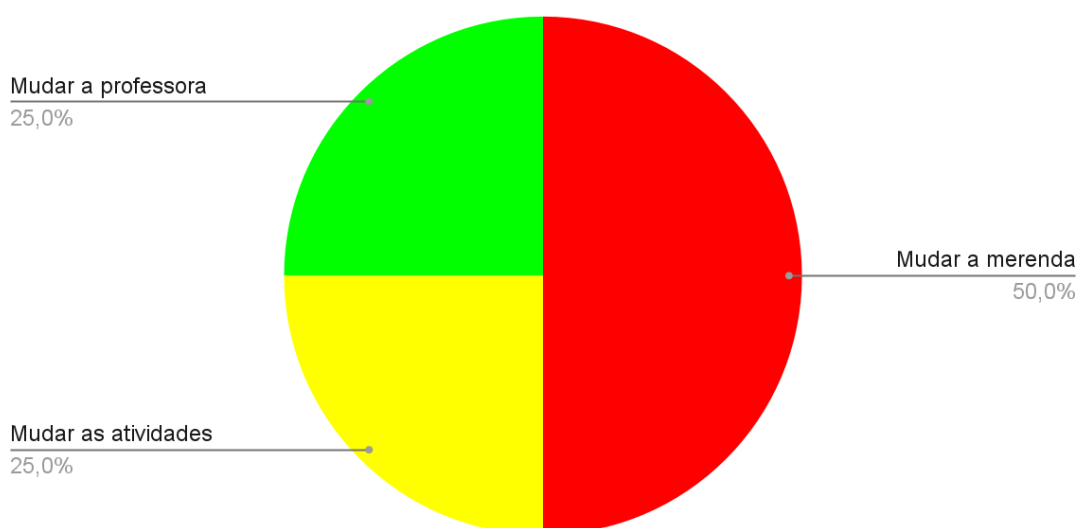
Três (03) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e excelente, tranquila;

Um (01) aluno respondeu de forma **inconclusiva**: melhorar os estudos, gostam da sala, desorganizada, horários, compromisso da gestão e professores um conjunto de observações para uma única pergunta.

O gráfico em análise reflete as opiniões dos entrevistados em relação à qualidade da escola. De acordo com os dados apresentados, 75% dos entrevistados avaliaram a escola como boa. Além disso, 25% dos entrevistados expressaram sua apreciação pela escola, destacando vários fatores, incluindo a administração, entre outros aspectos. Essa diversidade de fatores mencionados pelos entrevistados sugere uma ampla gama de elementos que podem contribuir para a percepção positiva da escola por parte da comunidade, além de sua permanência nesta. A visão da escola em si parece ser positiva, embora outros aspectos desagradem os estudantes.

Figura 7 — Gráfico 5

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de quatro (04) respostas

Dois (02) alunos responderam **mudar a merenda**;

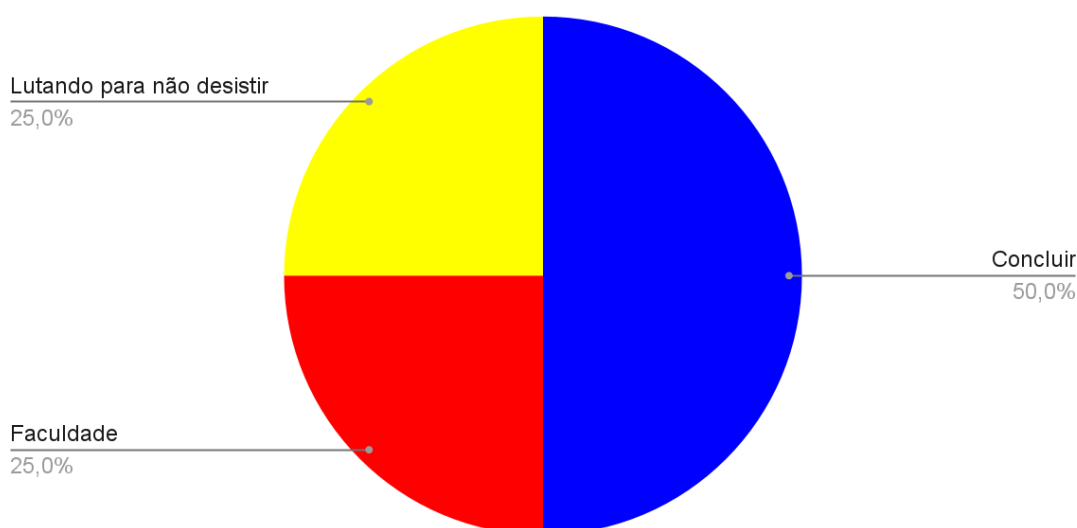
Um (01) aluno respondeu **mudar as atividades para casa**;

Um (01) aluno respondeu **mudar a professora** (por motivo de sigilo, não revelarei o nome).

O gráfico em análise indica que 50% dos entrevistados expressaram o desejo de modificar a merenda escolar. Este resultado sugere que a questão da alimentação é de grande importância para os estudantes. A alta proporção de indivíduos que desejam alterações nesse aspecto específico indica que a qualidade ou a variedade da merenda escolar pode não atender completamente às expectativas ou necessidades dos estudantes. Portanto, a preocupação com a merenda escolar ressalta a importância de se abordar essa questão para melhorar a experiência geral dos estudantes na escola (e até mantê-los lá!).

Figura 8 — Gráfico 6

Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?

Um total de quatro (04) respostas

Um (01) aluno respondeu **concluir**;

Um (01) aluno respondeu **concluir para dar um futuro digno aos filhos**;

Um (01) aluno respondeu **lutando para não desistir**;

Um (01) aluno respondeu **faculdade**;

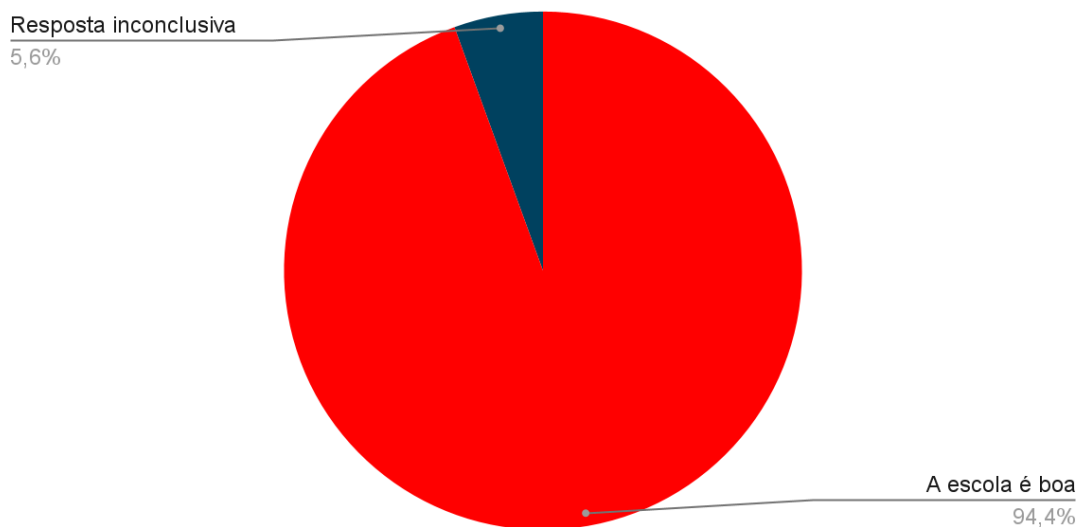
O gráfico em análise revela que metade dos entrevistados indicou o objetivo de concluir os estudos como sua principal motivação. Além disso, outro participante expressou o desejo de prosseguir para a faculdade, enquanto o último destacou a importância de perseverar e não desistir dos estudos. Apesar das respostas levemente diferentes, os resultados apontam consistentemente para a busca por um futuro melhor não apenas para si mesmos, mas também para suas famílias e futuras gerações. A ênfase na perseverança ressalta a necessidade de superar desafios e obstáculos ao longo do percurso educacional na EJA.

TURMA - 6C

Questionário 1

Figura 9 — Gráfico 7

Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?

Um total de dezoito (18) respostas

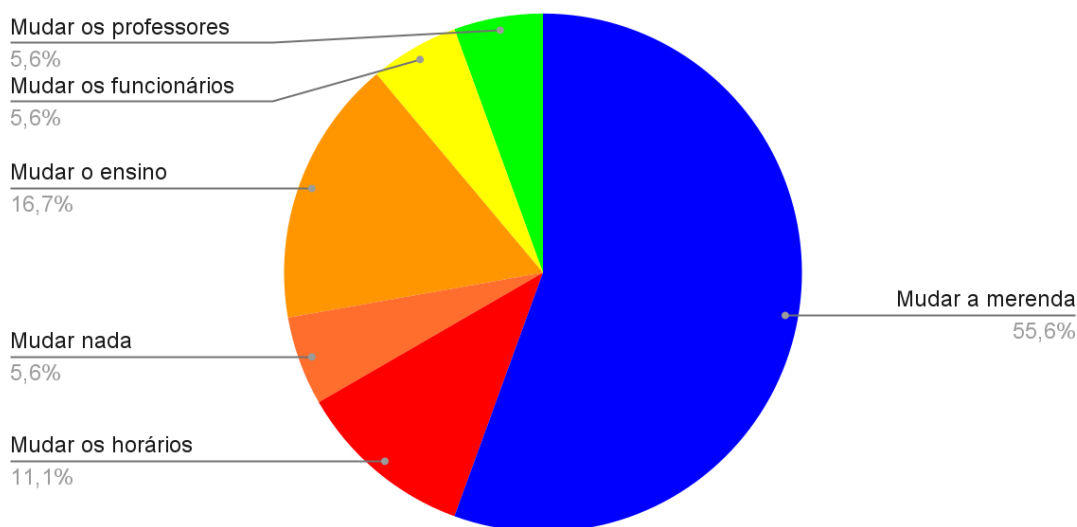
Dezessete (17) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e excelente, tranquila;

Um (01) aluno respondeu de **forma inconclusiva**: melhorar.

O gráfico em análise indica que 94,4% dos participantes responderam positivamente à qualidade da escola, descrevendo-a como boa, assim como visto na turma anterior. Esse resultado sugere uma alta taxa de satisfação geral entre os entrevistados em relação à escola. A resposta inconclusiva, embora seja apenas uma entre muitas, destaca a importância de identificar áreas específicas de melhoria.

Figura 10 — Gráfico 8

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de dezoito (18) respostas.

Dez (10) alunos responderam **mudar a merenda escolar**;

Dois (02) alunos responderam **mudar os horários das aulas**;

Um (01) aluno respondeu **mudar nada**;

Três (03) alunos responderam **mudar o ensino**;

Um (01) aluno respondeu **mudar os funcionários**;

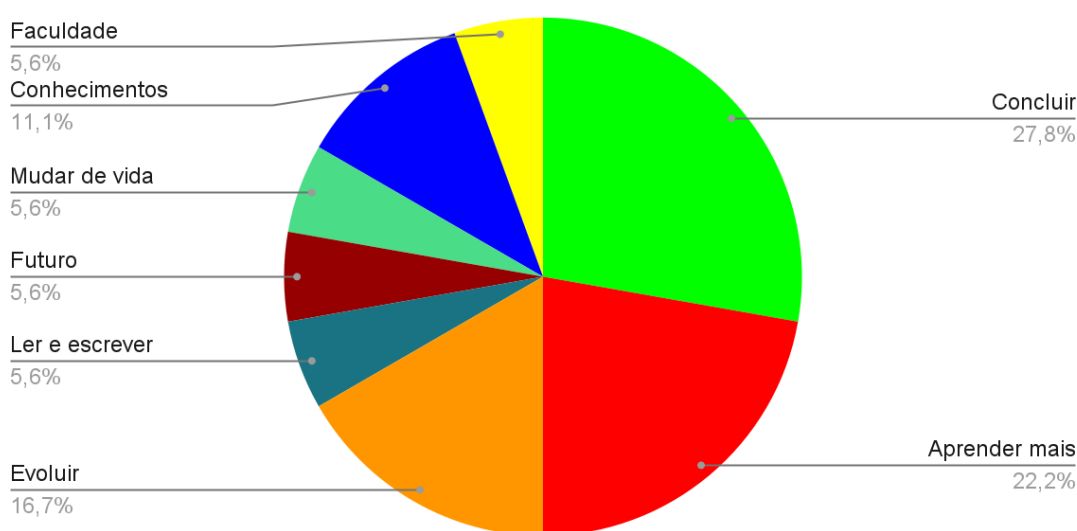
Um (01) aluno respondeu **mudar os professores**

Considerando este total de 18 estudantes, observa-se que 10 deles, representando 55,6% do grupo, expressaram a opinião de que a merenda escolar poderia ser aprimorada — novamente, algo que se repete desde a turma anterior. Esse número significativo, somado ao anterior, sugere uma preocupação substancial entre os alunos em relação à qualidade ou até à variedade da alimentação (ou até a disponibilidade) oferecida na escola. Por outro lado, os outros participantes também apresentaram uma variedade de opiniões em relação às mudanças desejadas na escola. Alguns indicaram que não desejam mudanças, enquanto outros sugeriram alterações que vão desde a melhoria do corpo

docente até outras áreas não especificadas. Essa diversidade de respostas ressalta a complexidade das percepções dos estudantes sobre a escola e suas necessidades individuais. No entanto, o destaque dado à merenda escolar por uma maioria significativa dos participantes sugere que essa área específica deve ser prioridade para possíveis intervenções ou melhorias por parte da administração escolar.

Figura 11 — Gráfico 9

Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?

Um total de dezoito (18) respostas.

Cinco (05) alunos responderam **concluir**;

Quatro (04) alunos responderam **aprender mais**;

Três (03) alunos responderam **evoluir, crescer**;

Um (01) aluno respondeu **ler e escrever**;

Um (01) aluno respondeu **futuro**;

Um (01) aluno respondeu **mudar de vida**;

Dois (02) alunos responderam **conhecimentos**;

Um (01) aluno respondeu **faculdade**.

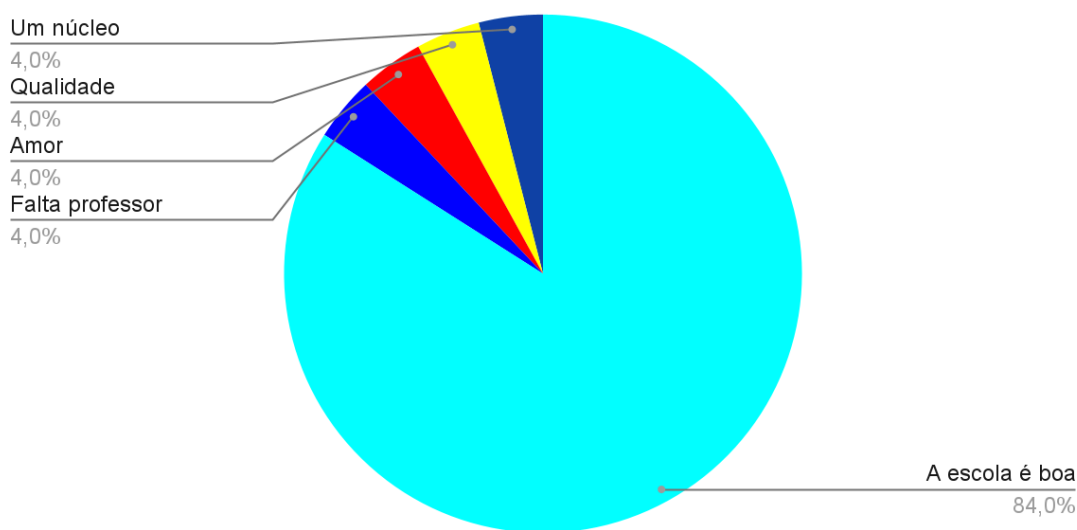
No contexto do gráfico apresentado, observa-se que cinco alunos, o que representa 27,8% do total, destacaram a conclusão dos estudos como sua prioridade. Além disso, os outros participantes forneceram uma variedade de contribuições, incluindo o desejo de aprender, evoluir, ler e escrever, todas relacionadas ao tema central da conclusão dos estudos. Essas respostas sugerem que os estudantes reconhecem o valor do ensino oferecido pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um caminho para auxiliá-los em sua jornada pessoal, embora nem sempre estejam satisfeitos com sua execução.

TURMA - 7A

Questionário 1

Figura 12 — Gráfico 10

Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 01) Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?

Um total de vinte e cinco (25) respostas

Vinte e um (21) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e

excelente, tranquila;

Um (01) aluno respondeu **falta professor**;

Um (01) aluno respondeu **amor**;

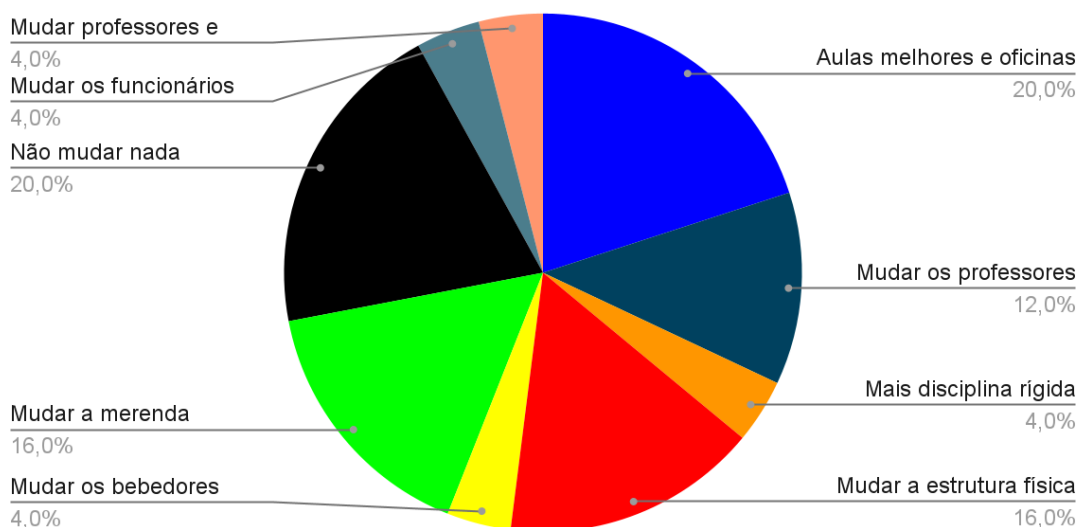
Um (01) aluno respondeu **qualidade**;

Um (01) aluno respondeu **um núcleo** para a formação acadêmica.

O gráfico em análise reflete uma forte inclinação dos alunos em favor da escola, com 84,0% dos participantes expressando uma visão positiva em relação à instituição. No entanto, observa-se que 4 alunos forneceram respostas consideradas inconclusivas devido à sua natureza abstrata, mencionando termos como "amor" e "falta de professor". Essas respostas levantam questões sobre os sentimentos e percepções subjacentes dos alunos em relação à escola. A menção de "amor" pode indicar um vínculo emocional ou uma apreciação profunda pela escola, enquanto a referência à "falta de professor" sugere uma preocupação com a presença ou o compromisso do corpo docente. Essas respostas abstratas destacam a complexidade das relações entre os alunos e a escola, e sugerem que aspectos além dos meramente acadêmicos podem influenciar a percepção dos alunos sobre a qualidade da educação. Portanto, é crucial investigar mais a fundo esses sentimentos e entender as necessidades subjacentes dos alunos para melhorar sua experiência educacional.

Figura 13 — Gráfico 11

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de vinte e cinco (25) respostas.

Cinco (05) alunos responderam **aulas melhores e oficinas**;

Três (03) alunos responderam **mudar os professores**;

Um (01) aluno respondeu **mais disciplina rígida**;

Quatro (04) alunos responderam **mudar a estrutura física**;

Um (01) quer **mudar os bebedores** e colocar copos para água;

Quatro (04) responderam **mudar a merenda**;

Cinco (05) alunos responderam **não mudar nada**;

Um (01) respondeu **mudar os funcionários**;

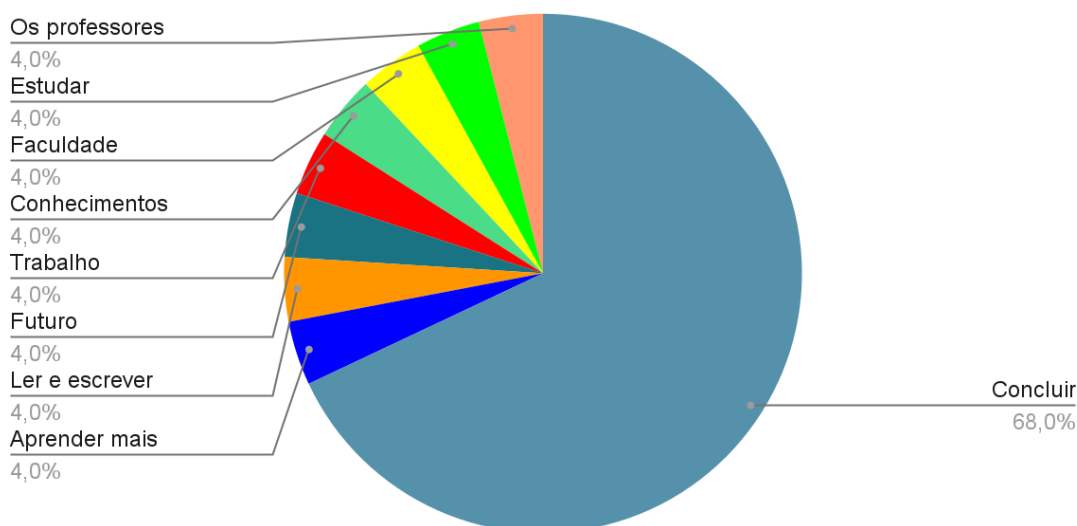
Um (01) respondeu **mudar professores e alunos** insubordinados.

O gráfico apresenta uma ampla variedade de respostas fornecidas pelos participantes, que abrangem desde sugestões para a construção de oficinas até propostas de mudança de professores. No entanto, destaca-se que 4 estudantes mencionaram especificamente a necessidade de mudança na merenda escolar, como temos visto recorrentemente. A menção frequente desse ponto crucial sugere que a qualidade ou

variedade da alimentação fornecida pela escola não atende às expectativas e/ou necessidades dos estudantes.

Figura 14 — Gráfico 12

Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?

Um total de vinte e cinco (25) respostas.

Dezessete (17) responderam **concluir**;

Um (01) respondeu **aprender mais**;

Um (01) respondeu **ler e escrever**;

Um (01) respondeu **futuro**;

Um (01) respondeu **trabalho**;

Um (01) respondeu **conhecimentos**;

Um (01) respondeu **faculdade**;

Um (01) respondeu **estudar e incentivar os outros**;

Um (01) respondeu **os professores**.

O gráfico em questão demonstra uma forte tendência entre os participantes em direção à conclusão dos estudos. Essa proporção significativa indica uma priorização

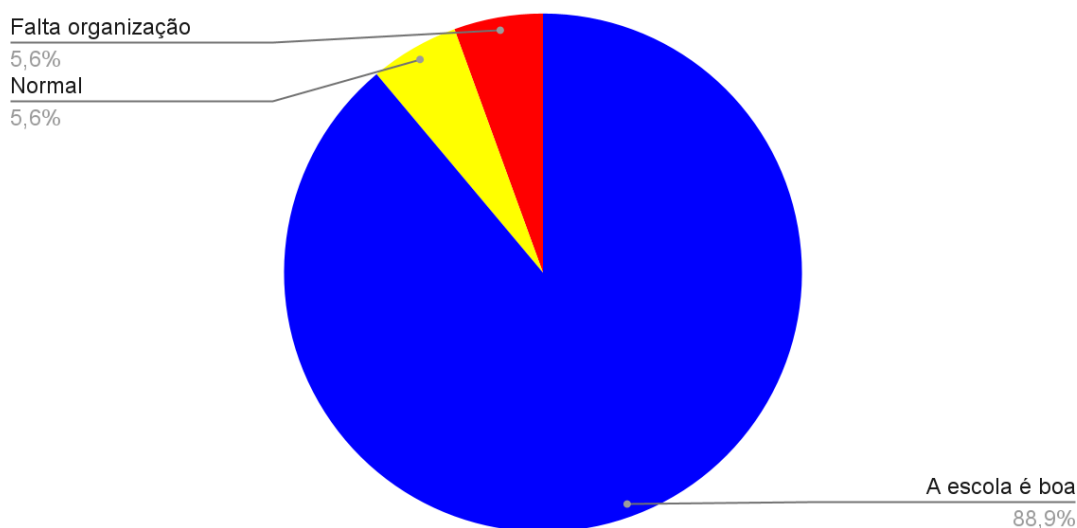
clara entre os participantes em relação à obtenção de um diploma ou certificado de conclusão. Além disso, os demais participantes também indicaram aspirações que, de alguma forma, apontam para a conclusão do curso. Essa consistência de objetivos, mesmo que manifestada de maneiras variadas, sugere uma compreensão compartilhada entre os participantes sobre a importância da educação na melhoria das perspectivas futuras. A ênfase na conclusão dos estudos como uma meta comum reflete o reconhecimento da educação como um meio fundamental para alcançar oportunidades pessoais e profissionais, independentemente das trajetórias individuais de cada participante.

Turma - 7B

Questionário 01

Figura 15 — Gráfico 13

Qual a sua opinião sobre a sua escola Colégio Estadual Manoel Devoto?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola Colégio Estadual Manoel Devoto?

Um total de 18 respostas.

Dezesseis (16) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e excelente, tranquila;

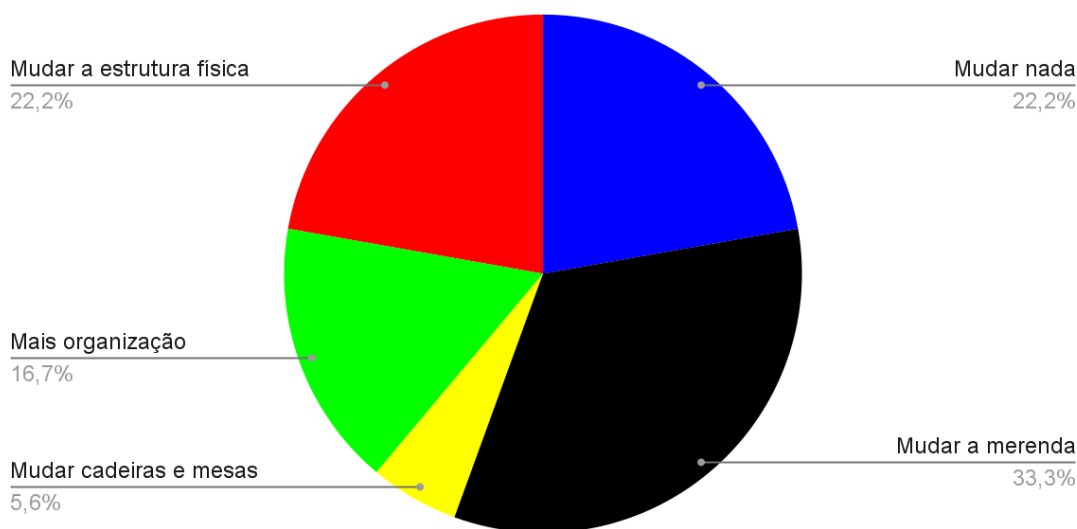
Um (01) aluno respondeu que **é boa, mas falta mais organização e mais benefícios**;

Um (01) respondeu **normal**.

O gráfico revela uma alta proporção de respostas positivas em relação à qualidade da escola, com 88,9% dos alunos indicando que a consideram boa. No entanto, alguns alunos expressaram nuances adicionais em suas respostas. Em particular, alguns alunos mencionaram que a escola é boa, mas carece de organização e benefícios adicionais, o que confirma respostas anteriores dos estudantes. Essas observações sugerem que, embora a percepção geral da escola seja positiva, ainda há áreas específicas que os alunos identificam como necessitando de melhorias. Por outro lado, um aluno simplesmente descreveu a escola como "normal", levantando questões sobre o significado dessa avaliação. Essa resposta aberta pode ser interpretada de várias maneiras e pode refletir uma atitude mais neutra em relação à escola ou receio em criticar abertamente a instituição.

Figura 16 — Gráfico 14

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de dezoito (18) respostas.

Quatro (04) alunos responderam **mudar nada**;

Três (03) alunos responderam **mais organização, dinâmica e disciplina**;

Um (01) aluno respondeu **mudar cadeiras e mesas**;

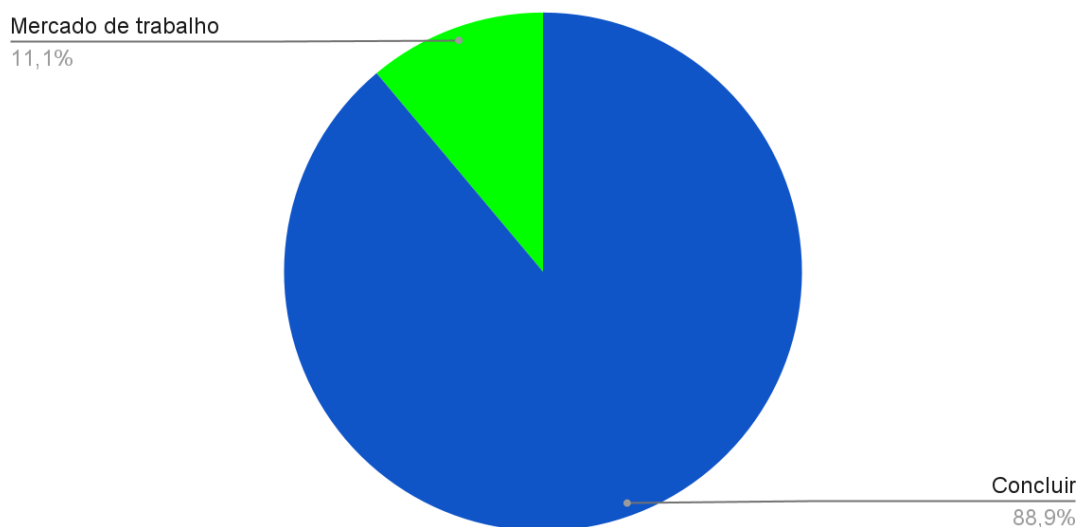
Quatro (04) alunos responderam **mudar a estrutura física**;

Seis (06) alunos responderam **mudar a merenda para melhor**;

No gráfico apresentado, observa-se que 33,3% dos participantes destacaram a necessidade de melhorias na merenda escolar, indicando uma preocupação específica com esse aspecto da experiência escolar. Os demais alunos apontaram várias possibilidades de melhorias em outras áreas da escola. No entanto, destaca-se que 4 alunos afirmaram que não gostariam de mudar nada. Essa resposta pode gerar diversas interpretações, incluindo a possibilidade de que os alunos estão satisfeitos com o estado atual da escola ou que podem sentir dificuldade em expressar críticas ou sugestões de mudanças. É importante considerar que alguns participantes podem ter receio de fornecer feedback negativo ou críticas construtivas, seja por medo de represálias ou de serem mal interpretados. Portanto, essa afirmação pode indicar uma falta de confiança ou uma relutância em compartilhar opiniões negativas, o que pode influenciar a validade e a abrangência dos resultados da pesquisa.

Figura 17 — Gráfico 15

Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?

Um total de dezoito (18) respostas.

Dezesseis (16) alunos responderam **concluir**;

Dois (02) alunos responderam **concluir e ir para o mercado de trabalho**.

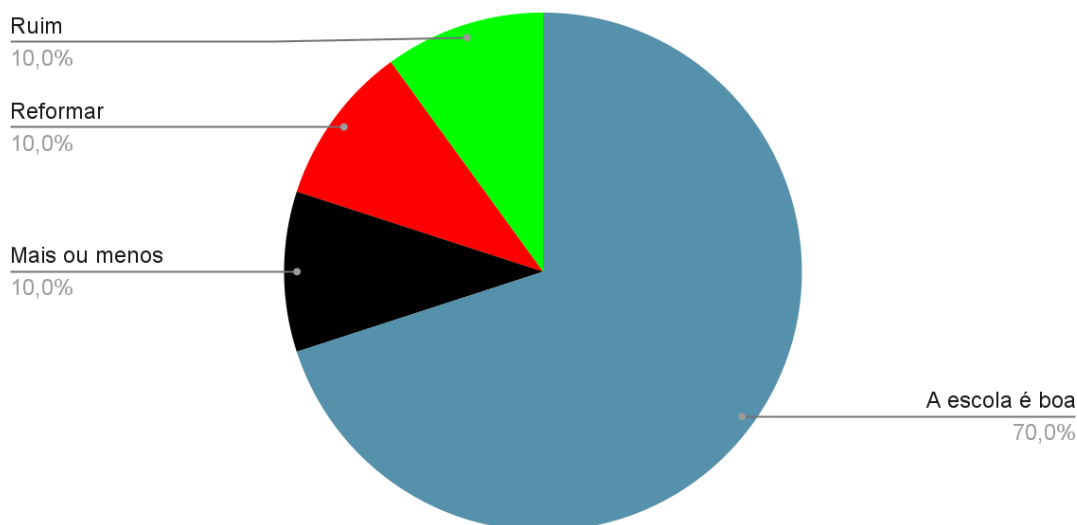
O gráfico em análise revela um forte desejo entre os participantes de concluir seus estudos, com todos expressando o compromisso de dar continuidade ao trabalho e aos estudos posteriores. Essa alta proporção reflete uma clara priorização entre os participantes em relação à conclusão da educação formal e à busca por oportunidades adicionais de aprendizado e desenvolvimento profissional. O fato de uma grande maioria dos participantes compartilhar essa aspiração sugere uma compreensão compartilhada da importância da educação na melhoria das perspectivas pessoais e profissionais. Além disso, novamente, é possível ver que os interesses das turmas se alinham de modo geral.

TURMA - 7C

Questionário 01

Figura 18 — Gráfico 16

Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola – Colégio Estadual Manoel Devoto?

Um total de dez (10) respostas.

Sete (07) alunos responderam que **a escola é boa**, tendendo para ótima e excelente, tranquila;

Um (01) aluno respondeu **mais ou menos**;

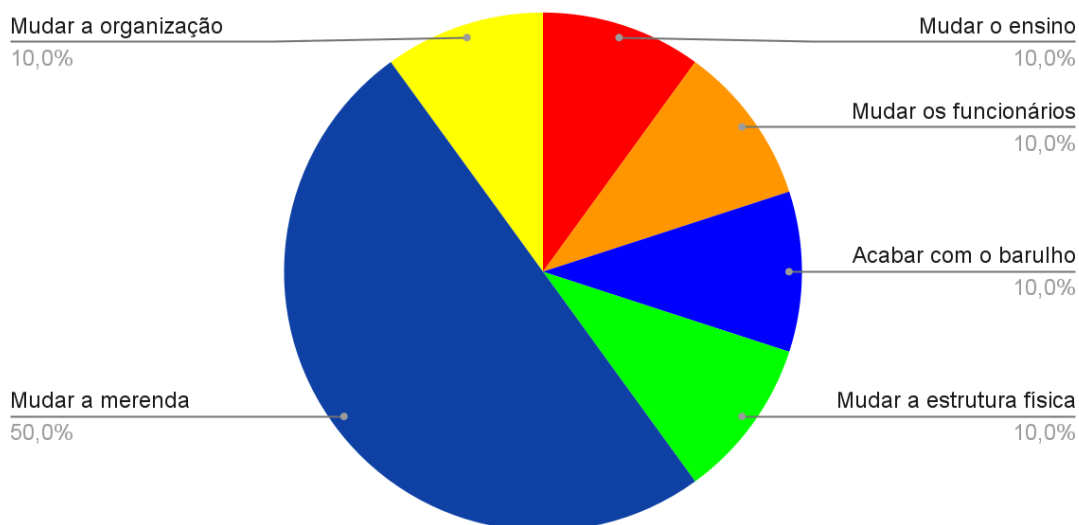
Um (01) respondeu **ruim**;

Um (01) respondeu **reformular**.

O gráfico revela uma predominância de opiniões positivas em relação à qualidade da escola, com 70% dos alunos expressando a visão de que a escola é boa. No entanto, 30% dos alunos indicaram que há áreas que precisam de melhorias, especificamente mencionando a necessidade de reformas. As sugestões de reformas indicam um desejo por melhorias tangíveis que podem impactar diretamente a experiência dos alunos na escola (algo que veremos ser mencionado nas posteriores entrevistas, também).

Figura 19 — Gráfico 17

Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?

Um total de dez (10) respostas.

Um (01) respondeu **mudar o ensino e a cultura**;

Um (01) respondeu **mudar funcionários**;

Um (01) respondeu **acabar com o barulho**;

Um (01) responderam **mudar a estrutura física**;

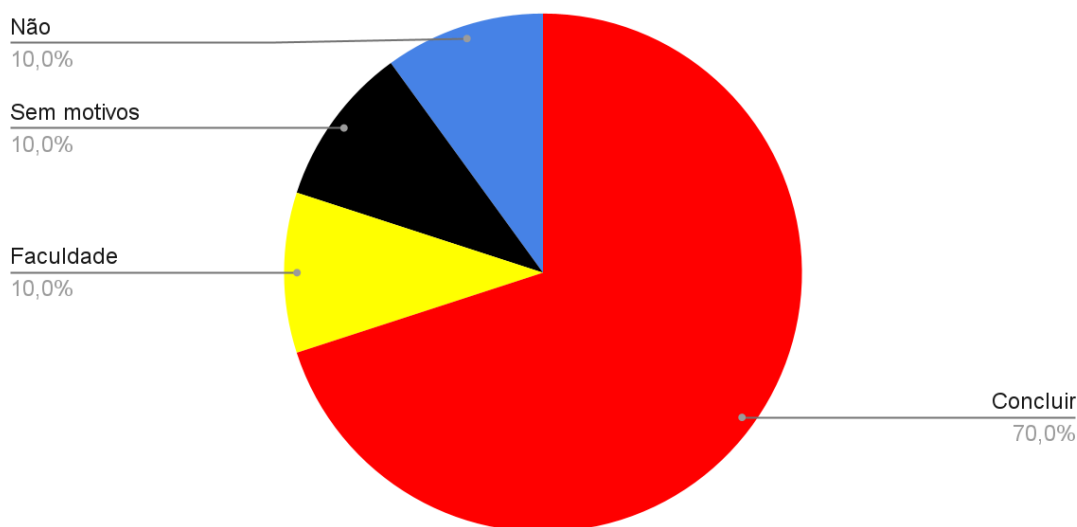
Cinco (05) alunos responderam **mudar a merenda** para melhor;

Um (01) respondeu **mudar a organização**.

O gráfico demonstra uma divisão equitativa entre os estudantes em relação às áreas que consideram necessárias para melhorias na escola. Metade dos estudantes, novamente, indicou que a merenda escolar precisa de melhorias. Por outro lado, os outros 50% dos estudantes apontaram para diversas direções de melhoria, incluindo sugestões para mudar funcionários, melhorar a estrutura física e outras áreas. Essa variedade de opiniões destaca a complexidade das percepções dos alunos sobre a escola e suas necessidades individuais. Enquanto algumas questões são específicas, como a merenda escolar (majoritariamente citada por todos), outras sugestões abrangem aspectos mais amplos da escola, como o ambiente de aprendizado e o suporte oferecido pelos funcionários.

Figura 20 — Gráfico 18

Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Quais os motivos que contribuem para a sua permanência no curso da EJA?

Um total de dez (10) respostas.

Sete (07) alunos responderam **concluir**;

Um (01) aluno respondeu **faculdade**;

Um (01) aluno respondeu **sem motivos**;

Um (01) aluno respondeu **não**.

O gráfico revela que 70% dos estudantes expressaram o desejo de concluir seus estudos como uma prioridade, como tem sido a tendência. No entanto, 30% dos estudantes forneceram respostas classificadas como inconclusivas. Essas respostas podem indicar uma falta de clareza ou confusão por parte dos alunos em relação à pergunta.

Assim, nesta primeira etapa de análise da pesquisa a partir do questionário 01, nas turmas 6a, 6b e 6c atingimos oitenta e sete (87) alunos tabulados por esta pesquisa, onde cinquenta e três (53) alunos dispostos nas turmas: 7a, 7b e 7c e trinta e quatro (34) alunos das turmas: 7a, 7b e 7c, que responderam que a escola é muito boa, que gostariam de mudar algumas coisas como a merenda, que a meta é concluir os estudos, e seguir estudando e crescendo, intercalado com dizeres assim: faculdade, futuro,

crescer, ir longe... Dando um percentual dos alunos pesquisados pelo questionário, não obstante o fato é que um percentual muito menor quando constatamos o número de matriculados na escola. É evidente que a vontade de terminar os estudos esbarra com a realidade que esmaga os sonhos.

Nesta mesma toada, a “opinião” dos educandos sobre a escola é impressionante dos quarenta e um alunos pesquisados trinta e quatro responderam que a escola é boa, intercalando com ótima, excelente, maravilhosa, legal, entre outros bons adjetivos. Chegando a quase 100% dos alunos afirmando que gostam da escola, nesta primeira rodada.

Sobre a escola notadamente no universo mental dos alunos, a primeira impressão que se tem é de que a relação social e afetiva é predominante, que o fator mais importante é o convívio com os colegas e com os professores. Consoante estes pontos de vista, compreende-se que o afeto pressupõe estar acima de outros valores, como: estudar, buscar uma profissão.

Diante do exposto, percebe-se que a visão dos alunos em relação ao colégio é excelente, muitos apontam em suas falas que o colégio é organizado, ótimo, aclamado, tem compromisso com o alunado, bom espaço físico etc. Entretanto, não é unânime, pois, mesmo que em número menor, há os que criticam a escola.

Sobre os alunos que responderam “desorganização”, pode-se dizer que coaduna com as afirmações de cunho disciplinar, como na maioria são adultos oriundos de uma escola autoritária e rígida em suas infâncias, trazem consigo uma escola que conheceram no passado; impositiva, fechada, agora, mais velhos, acreditam que a escola deva ser um lugar de disciplina.

Sobre os estudantes inquiridos que responderam “desordem e horários”, podemos inferir a influência dos alunos com o meio, lembrando que são trabalhadores, eles acreditam que a escola deva ser flexível na questão dos horários, como, por exemplo, em turnos opostos. Pois é comum alunos perguntarem se podem assistir às aulas pela manhã já que em certos dias da semana não podem assistir às aulas à noite. E, sobre a desordem, a necessidade de repreensão com os alunos que acabam criando algum tipo de bagunça nas salas e corredores.

Sobre as respostas como: futuro, conhecimento, ler e escrever, mudar de vida, funcionários, mudar o horário, mudar o ensino, melhorar, crescer, evoluir, aprender... são questões em aberto que pululam o imaginário dos estudantes que estão na ordem do dia a dia das escolas e que precisam ser discutidas e pensadas juntamente com os

estudantes para se chegar a uma solução. Percebe-se que os alunos, nessas questões, têm preocupações distintas em relação a vários aspectos da escola, que se relaciona desde a estrutura física da escola até a merenda.

No que diz respeito a interferir na estrutura física da escola, na visão dos estudantes parece ser algo simples, o que não é verdadeiramente. Para se ter consciência, a escola em debate tem 75 anos, construída nos anos 50, com estrutura em forma de quartel romano com duas áreas abertas internas, pouca ventilação (extremamente quente no verão), beirando a insalubridade, pouco iluminada, longos corredores sem saída de ar, barulhenta, claustrofóbica; enfim, uma planta que não condiz em nada do que seria uma arquitetura moderna para uma escola.

Outro ponto crucial e de fundamental destaque nesta pesquisa é a merenda, entre os estudantes da EJA 6 e 7 tivemos oitenta e sete (87) que responderam ao questionário, sendo que cerca de trinta e cinco (35) alunos, responderam que mudariam a merenda escolar — cerca de 46% dos questionados. Analisando de forma fria entendemos que um número substantivo dos alunos pesquisados necessita da merenda para se alimentar, não deixa de ser uma questão de vulnerabilidade alimentar, em outras palavras, a fome que assola a nossa sociedade de forma tão avassaladora e nefasta, cria na merenda escolar, às vezes, a única fonte de alimento para muitos alunos. Acreditamos que este “mudar” seria oferecer uma merenda mais reforçada, já que muitos vêm de uma jornada exaustiva de trabalho.

A merenda é fornecida na chegada da escola por volta das 18 horas, entretanto, os alunos chegam por volta das 18h30, começam a merendar e se estendem por mais de 40 minutos, chocando assim com o primeiro horário de aulas, que inicia às 19 horas comprometendo o primeiro horário de aulas. É evidente que a merenda, mesmo não sendo aquela que eles gostariam, ainda assim, é parte fundamental para mantê-los alimentados e permanentes na escola, não em sua totalidade, mas um número significativo de alunos. Assim parece-nos que o fator merenda é de grande importância para a permanência, como um elo *sine qua non* para a manutenção, condição indispensável e essencial do permanecer na escola.

Nota-se que muitos alunos após merendarem não se dirigem para as aulas e muitos disfarçam no pátio da escola e evadem, transformando assim o CEMD em um ambiente exclusivo para se alimentar. Lamentavelmente, no turno noturno o portão fica aberto, pois estamos lidando com adultos, diferentemente do turno diurno onde o portão fica permanentemente fechado e a saída só com a autorização da gestão.

Outro grito de angústia e denúncia identificado neste estudo é a forma como são tratados os nossos alunos da EJA pelos professores e gestão, cerca de (6) alunos reclamaram de maus tratos por parte dos professores. Muitos alunos reclamam de agressão psicológica, verbal, descasos, e isso decorre, imaginamos, porque os professores ao lidar com alunos da EJA não tiveram na sua formação um treinamento específico ou especializado para atender às necessidades de um sujeito tão especial como a EJA. O professor não foi capacitado para tanto, e não há uma capacitação contínua para lidar com educação de jovens e adultos, impossibilitando o exercício mais pleno que abarque a complexidade de se ensinar na EJA. São relatos tristes de alunos cujos professores não lhes tratam com devido respeito, atenção, até mesmo com dignidade.

Nas respostas inconclusivas percebemos que muitos educandos não concordam com a gestão da escola, com a prática estabelecida nas salas, com os maus tratos, com os conteúdos curriculares que em nada tem de ver com o dia a dia dos educandos, e que não tem o condão de trazer benefícios para as práticas de trabalho desenvolvidas nas lidas destes sujeitos.

Nas análises sobre os questionários, percebemos a necessidade de ter mais disciplinas, mais aulas, mais atividades que movimente a escola como: gincana, festivais, atrações musicais, palestras, workshops que ajudem a inseri-los também no mercado de trabalho. Ou seja, um conjunto de ações orquestradas pela escola que envolvam os estudantes sendo mais um fator interno na pesquisa que corrobora com a permanência dos alunos na EJA pois eles querem ser inseridos em assuntos que façam parte da realidade deles, e permita ou promova a inserção social, e não um leque imenso de assuntos sem representatividade para eles que é o que ocorre.

Outros pesquisados responderam “mudar nada”. Pode-se extrair destas afirmações que os alunos da EJA gritam por respeito e qualidade de ensino, até mesmo quando não querem mudar nada! Em Pedagogia da autonomia, assim se expressiu Paulo Freire:

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa progressista em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido (Freire, 1997, p. 14).

Desta feita, a qualidade da educação é aquela que dá aos sujeitos autonomia para

a partir dos saberes incorporados ao seu estatuto de homem somado aos saberes da escola poderá transformar esse sujeito em um ser livre e pensante da sua própria realidade.

Como vivemos uma sociedade de medo e a escola propaga esse medo, esse “não mudar nada”, é uma tática de não se comprometer, não arranjar problemas como eles falam, lembrando que são senhoras e senhores que baixaram as suas cabeças a vida toda e acostumaram-se a não reclamar, então, por que agora vão se envolver em encrenca?

Muitos destes relatos que ouvimos nos debates em sala de aula, em júri simulado, nas mesas redondas, em ‘conte sua história’ ou seja, no transcurso das aulas ao longo dos anos em que foi desenvolvida a pesquisa, nossos alunos, sim, têm medo de perder a matrícula e os poucos benefícios oferecidos pelo governo, como: Bolsa Presença, programa criado pela Lei nº 14.310 de 08/03/2022 para o estudante, merenda, o Meia Passagem para os transportes, enfim; resume-se em perder o acesso à escola, aos colegas, ao convívio com o ambiente escolar, à progressão social.

Um dado importante observado são os desvios das respostas de muitos alunos, que responderam “o abandono da escola/estudo”, estes alunos ainda fazem alusão à escola como sendo um ambiente responsável também pela sua educação como um todo: física, emocional, intelectual, afetiva, formadora de cidadãos, entretanto o fracasso da escola enquanto instituição protetora é percebido pelos jovens e adultos, pois a escola esvaziada de amor, em especial de arte, de esporte, de música de interação aluno/professor, de interação mundo e trabalho, esvaziada de tudo, como dizia o nosso patrono Paulo Freire, causa uma ruptura social, que acaba expulsando o aluno da vida escolar. Podemos aqui chamar atenção de que a escola, enquanto instituição, é responsável direta pelo pleno desenvolvimento cognitivo e humanístico-social do aluno, incluindo-o no mundo.

Desta forma, a escola já não lhe dá mais esse suporte, e pode contribuir para a não permanência, e pior, fortalecer a ideia negativa de que a escola e a educação são perdas de tempo, portanto deve-se considerar os aspectos do ensino e aprendizagem, e o papel da escola que, no entendimento de Paulo Freire, é a incansável natureza de amar, e que o educador tem que ter domínio para ensinar, não sendo possível uma relação permissiva e evasiva frente ao conteúdo de ensino. Sobre isto ele diz:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina.

Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado (Freire, 2003, p. 79).

Podemos extrair destas respostas inconclusivas dos nossos alunos que estão falando também de uma escola que não trabalha de forma assertiva com os sujeitos da EJA, que a sala de aula não traduz nem busca desenvolver atividades próximas de suas realidades, e que a escola não se importa com os seus conhecimentos acumulados, sua vivência, sua interpretação do mundo e sua cosmovisão, deixando de lado todo um saber popular que poderia ser trabalhado em sala de aula e ao mesmo tempo mostrar-lhes o conhecimento elaborado, científico como elemento de complementaridade e não de superioridade, como afirma o mestre Saviani (2003, p. 75) no prior de sua inteligência, nos relatando que: “a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico.”

A difícil tarefa de analisar os motivos que podem contribuir para a permanência dos alunos da EJA na escola CEMD, já de forma repetida, deparamos com os desvios das respostas que nos levam a imaginar diversas possibilidades para se pensar a permanência, respostas essas, que se relacionam com questões desde o fornecimento de uma merenda melhor, passando pelos critérios de que mais aula seria a solução, mais atividades em sala de aula, mais assuntos relacionados com a vida prática e o mundo do trabalho, mais respeito entre os professores e alunos e gestão, enfim, um glossário de reclamações que apontam em várias frentes, mas que pouco determina se tem lastro para estabelecer a permanência ou não dos nossos alunos.

Encontramos também respostas implícitas no questionário, que o apoio da família é importante; que a rua do bairro em que moram representa a possibilidade de ir mais ou menos à escola devido a violência do local; a teia de relação de amizade estabelecida na escola aparece muito forte, mas não é um dado claro, muito dos alunos moram na mesma rua do bairro, se conhecem há muito tempo e levam esse laço de amizade para a escola, por isso exigem que fiquem na mesma sala. Já outros laços são feitos no interior da escola. Tudo isso contribui para a permanência dos educandos, entretanto, não é algo forte e confiável cientificamente para determinar a permanência, já que só um número muito pequeno de alunos conclui os estudos e menor ainda os que dão seguimento. Não esquecendo de lembrar que os sujeitos da EJA têm contra a sua

permanência natural os desgastes da idade cronológica e mental, que são motivos fortes que concorrem para que esses sujeitos não atinjam o objetivo dos seus ideais.

Pode-se perceber que a resposta envolvendo a questão do “concluir” o ensino está presente no imaginário dos alunos em quase sua totalidade pois muitos deles responderam de forma contundente que têm que concluir o ensino básico de forma mais imperativa, afirmando que podem ter mais chances de emprego e aceitação na sociedade. Mas não se vê essa postura na prática, no dia a dia, pois de forma trágica os alunos abandonam o curso por diversas situações que não podemos registrar em nossa pesquisa, pois não se expressa nos dados colhidos, por isso optamos a fazer cinco (5) entrevistas gravadas com os alunos pelo fato de que falando eles se sentem mais à vontade e relatam dados que os questionários não tiveram o poder de acessar.

Em sequência, outros alunos responderam “aprendizado, ser melhor, crescer”, como eles gostam de falar, é possível inferir que buscam na educação o crescimento social, o poder de ser contratado em um emprego melhor, de receber acima do salário-mínimo praticado no país. O aprendizado é perceber o mundo com mais acuidade, com mais inferência e poder decidir sobre a sua vida e o seu estar no mundo. É imperioso relatar que o estudo lhe traz poder, e lhe confere um *status*, mas o que realmente ele busca é o emprego, é o que se depreende até então destes questionários.

Podemos entender que estes pontos são norteadores para que alunos da EJA se mantenham firmes em seus propósitos de terminarem os estudos mesmo diante de tantos obstáculos, formando um elo ainda que pequeno de alunos que se ajudam mutuamente para enfrentar as dificuldades da escola e da vida.

4.3. Passamos a analisar a EJA 7

Nesta segunda análise da pesquisa em relação às turmas: EJA — 7a, 7b, 7c, lembrando ao leitor que são as mesmas perguntas para os alunos que estão no último ano do curso da EJA, pois a divisão pedagógica do curso sinaliza que EJA 6 é referente ao 1º e 2º do ensino médio e a EJA 7 é correspondente ao 3º ano do ensino médio. Os alunos da série final responderam seguindo os mesmos padrões das respostas dos alunos da EJA 6, contabilizamos cinquenta e três (53) alunos nesta etapa, onde três perguntas abertas sobre a escola, o que gosta e o que mudaria se pudesse e o que os se mantêm presentes e assíduos na instituição de ensino.

Por conta da grande similaridade das respostas das turmas EJA 6 e EJA 7, foi possível construir um único lastro de análise, já que é visível que elas apresentam em suas respostas as mesmas angústias, decepções, os traumas, os desejos que correm na mesma direção, vejamos:

Quarenta e quatro (44) alunos responderam que a escola é boa, intercalado de maravilhosa, ótima, muito legal, excelente etc. um número mais expressivo que com os alunos da EJA 6, isso deve ser um bom indicativo pois esses alunos se encontram no segundo ano ininterruptos na escola e ainda têm um bom conceito sobre a instituição. Sobre as outras opiniões há uma grande variedade de respostas inconclusivas, tais como as faltas dos professores, a organização da escola, as aulas, o horário, a estrutura física, a gestão, entre outras sinalizações.

Sobre os aspectos de mudanças, foram propostos por quinze (15) alunos que querem uma merenda mais rica e substanciosa. Não nos furtamos a relembrar ao leitor que a merenda oferecida na escola é parte primordial para manter os alunos na instituição.

Outras mudanças como: troca de professores por grandes quantidades de faltas, por não gostar do estilo do mestre, troca de funcionários, troca de carteiras e janelas, bebedouros etc, é percebido no questionário em menor quantitativo.

Um dado bastante significativo é o “não mudar nada” como podemos interpretar esse desejo? Seria estar satisfeito na escola em que estuda? Não quer optar, ou tem medo de optar? Ou quer mudar tudo e ironizou dizendo que não quer mudar nada? Neste quesito “não mudar nada”, como pesquisadores, não podemos inferir de forma mais detalhada devido ao grau de subjetividade da resposta.

4.4. Sobre o Questionário 02

Neste segundo momento vamos intensificar com cinco (5) perguntas de cunho mais intimista onde pedimos para que façam relatos sobre: **relatos sobre sua infância; sobre a sua adolescência; memória da família; memória da escola; memória do trabalho.** Aqui 74 alunos responderam aos questionários. Percebe-se que os estudantes da EJA nestas questões: **relatam sobre a sua infância; relatam sobre a sua adolescência; memória de família; memória da escola; memória do trabalho,** que

têm um caráter mais intimista, mais particular, as suas respostas sempre são evasivas, ou seja, respostas que não pretendem responder, pautadas no subterfúgio, no medo na vergonha, mas pode-se extrair afirmações centradas na perda da juventude, da escola, e da família de uma certa forma.

De acordo com os relatos denunciados pela memória e relacionados nos questionários, percebemos que a lembrança da infância é boa, saudável, festiva para muitos, mas não se vê o elemento escola citado em suas respostas, dando a entender que é algo inexistente na infância, do mesmo modo, a adolescência relatada pela maioria se contrapõe com a infância, no tocante aos adjetivos citados nas respostas, como boa, saudável etc.

Em contrapartida as memórias do trabalho são descritas como pavorosas e dolorosas, uma sentença de escravidão, um grande sacrifício onde eram explorados, punidos em um aprendizado que eles não queriam, mas que foram levados pelas circunstâncias.

4.4.1. Questionário 02

O questionário 02 conta com (05) cinco perguntas subjetivas que visam a verificação de como os estudantes da EJA do CEMD, se percebem na vida social, desde infância, passando pela adolescência chegando a fase adulta, relatando sobre o trabalho, e o papel da escola em suas vidas.

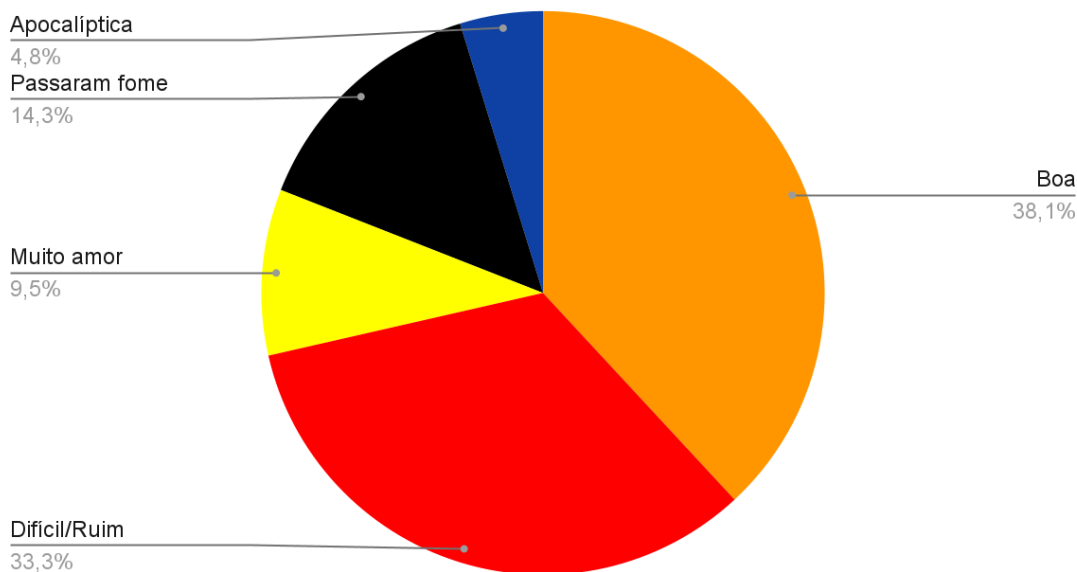
O questionário aplicado em sala envolvendo os alunos das classes: **6a, 6b, 6c, e 7a, 7b, 7c** com 74 (setenta e quatro), no total de questionários preenchidos, vejamos

TURMA - 6A

Questionário - 02

Figura 21 — Gráfico 19

Relate sobre sua infância



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância:

Um total de vinte e uma (21) respostas.

Oito (08) alunos responderam que a infância foi **boa**, intercalando como divertida, tranquila, legal, brincadeiras, jogo de gude, bicicleta, aventuras;

Sete (07) alunos responderam que a infância foi **trabalhando, presa em casa, difícil, ruim**, envolvimento com polícia; um aluno respondeu que foi perigosa, mas não quis entrar em detalhes;

Dois (02) alunos responderam **muito amor**;

Três (03) alunos responderam que **passaram fome, viveram nas ruas, se meteram em encrencas**;

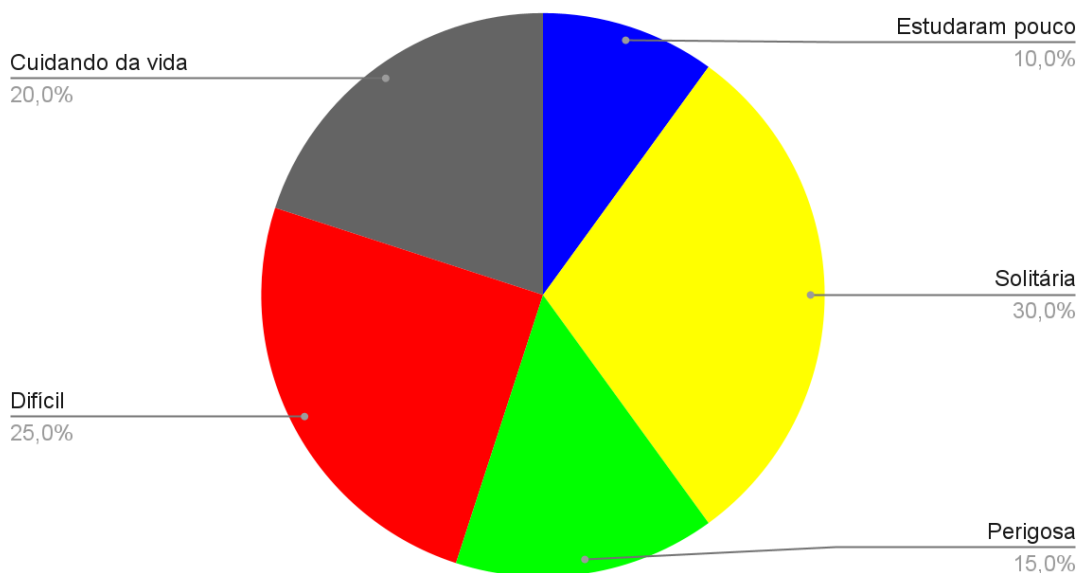
Um (01) aluno respondeu que a infância foi **apocalíptica**.

A análise do gráfico revela uma divisão significativa nas experiências de infância relatadas pelos alunos. Cerca de 38% dos alunos descreveram sua infância como boa, sugerindo uma percepção positiva das experiências vividas durante esse período. No entanto, uma maioria de mais de 50% dos alunos compartilhou experiências de infância que envolveram trabalho, bem como dificuldades sociais e financeiras. Esse grupo relatou enfrentar problemas significativos durante a infância, o

que incluiu questões relacionadas à pobreza, desigualdade social e a necessidade de assumir responsabilidades precoces, como o trabalho. Essas experiências contrastantes refletem a diversidade de vivências entre os alunos e destacam as diferentes realidades socioeconômicas enfrentadas por eles. Além disso, evidenciam a importância de reconhecer e compreender as diversas circunstâncias e desafios enfrentados pelos alunos, a fim de fornecer um apoio adequado e personalizado para atender às suas necessidades individuais durante seu percurso educacional.

Figura 22 — Gráfico 20

Relate sobre a sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre a sua adolescência

Um total de vinte e uma (21) respostas.

Dois (02) alunos responderam que **estudaram pouco e trabalharam** e tomaram conta da casa para cuidar dos irmãos, correria, dificuldades em relação a dinheiro, coisas boas e ruins aconteciam;

Seis (06) alunos responderam que foi **solitária**, gravidez, frequentavam a igreja, mortes na família, aprendizado, só lembra da mãe;

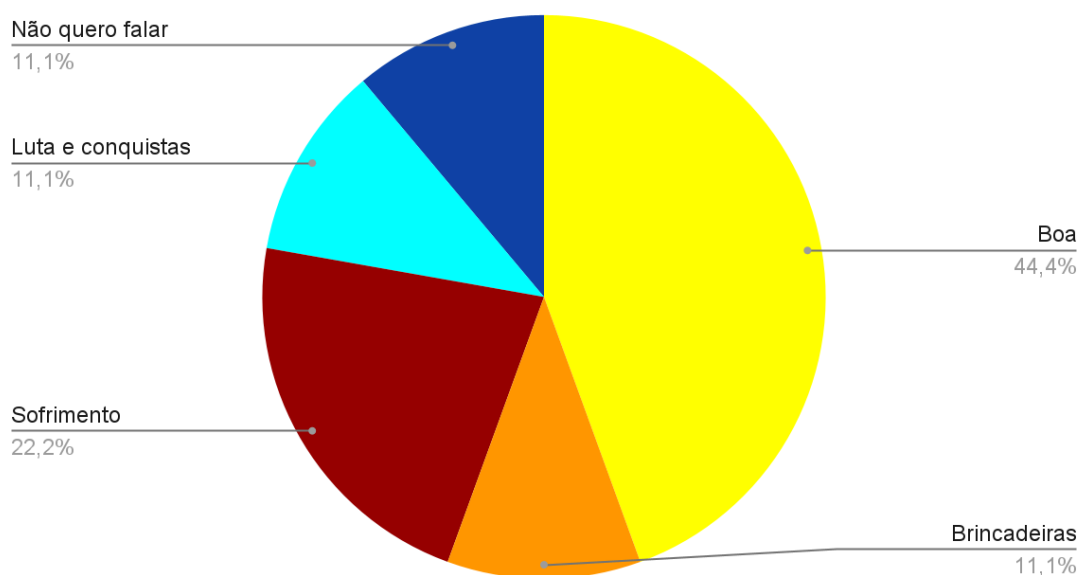
Três (03) alunos responderam que foi **perigosa**, amadurecimento precoce, muita pobreza, vida dura, não se divertiu, trabalho;

Cinco (05) alunos responderam transformação de caráter deixando de ser adolescente muito cedo, **difícil**, não sabia responder, sofrida, envolvimento com a polícia;
Quatro (04) alunos responderam **cuidando da vida**, festas, amigos, diversão e trabalho.

A análise do gráfico revela que a questão do trabalho persiste durante a adolescência para muitos alunos, juntamente com uma série de outros problemas e desafios. Os dados indicam que vários alunos enfrentaram problemas como gravidez na adolescência, resultando na perda de uma parte significativa desse período crucial de desenvolvimento. Além disso, as dificuldades econômicas também foram uma realidade para muitos alunos durante a adolescência. Esses desafios socioeconômicos certamente impactaram profundamente a experiência dos alunos durante a adolescência, limitando suas oportunidades de desenvolvimento pessoal, educacional e profissional.

Figura 23 — Gráfico 21

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de vinte e uma (21) respostas.

Oito (08) alunos responderam **boa**, unidas, juntos, maravilhosa, feliz, divertida;

Dois (02) alunos responderam **brincadeiras**, ir ao parque, assistir tv juntos;

Quatro (04) alunos responderam mortes na família, **sofrimento**, mais ou menos, não lembra da família, não teve;

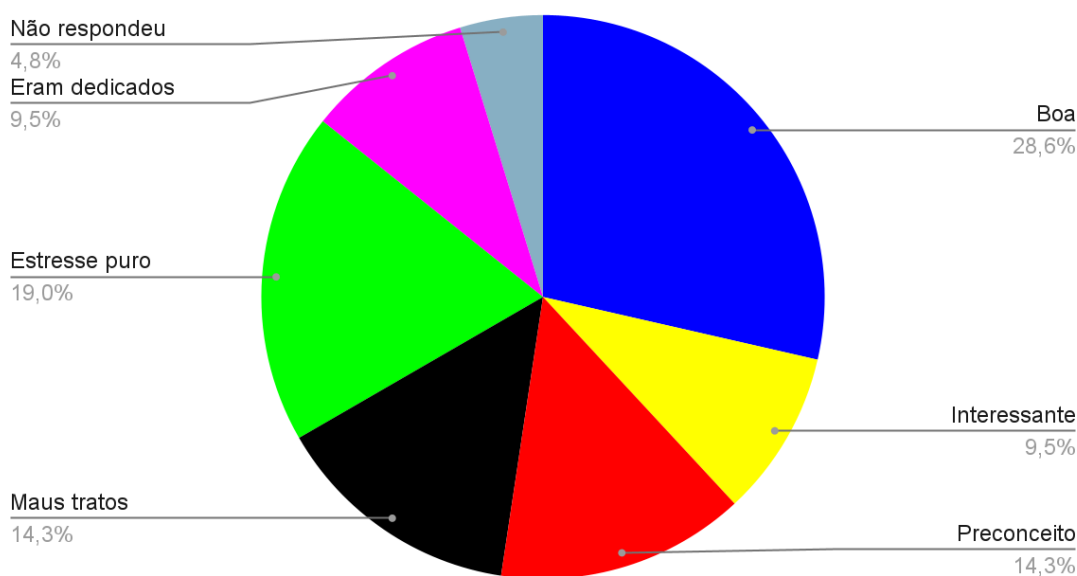
Dois (02) alunos responderam pegar cajá na casa do vizinho, **luta e conquistas**, saudades;

Dois (02) alunos responderam **não quero falar**.

A análise do gráfico revela uma divergência marcante nas memórias familiares relatadas pelos participantes. Cerca de 44% dos entrevistados descreveram suas memórias familiares como maravilhosas e felizes. No entanto, para a maioria dos participantes, as memórias familiares foram marcadas por tragédias, mortes e sofrimento, juntamente com lutas pela sobrevivência. Enquanto alguns participantes recordam com carinho momentos de felicidade e conexão familiar, outros enfrentaram desafios significativos, incluindo perdas e dificuldades financeiras. Essas experiências variadas evidenciam a diversidade de vivências familiares e ressaltam a importância de reconhecer e compreender as diferentes circunstâncias enfrentadas pelas famílias na escola, que precisa se capacitar para lidar com os diversos panos de fundo.

Figura 24 — Gráfico 22

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de vinte (20) respostas

Seis (06) alunos responderam a escola era **boa**, tranquila;

Dois (02) alunos responderam **interessante**, brincadeiras e colegas;

Três (03) alunos responderam **preconceito**, bullying, foi advertido e expulso da escola, acidentes sofridos na escola com o ferro da cadeira;

Três (03) alunos responderam **maus tratos**, não teve escola, lembra da escola da fazenda, foi eleita a melhor da classe e se tornou a presidenta da turma;

Quatro (04) alunos responderam **estresse puro**, jogo de bola, aprender foi o melhor;

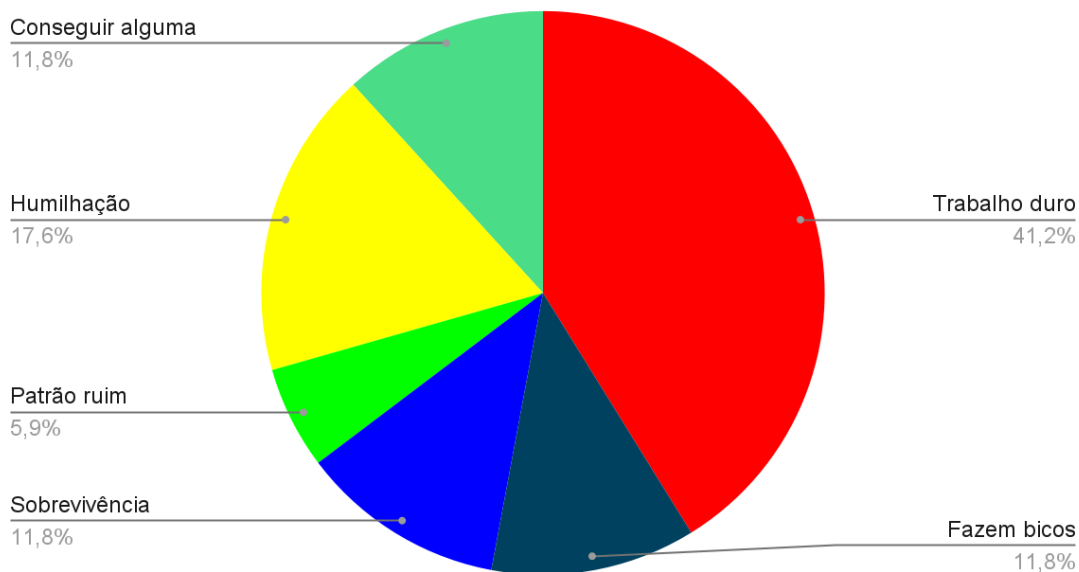
Dois (02) alunos responderam que **eram dedicados**;

Um (01) aluno **deixou em branco**.

A análise do gráfico revela uma variedade de experiências relatadas pelos alunos em relação às suas lembranças da escola. Um pequeno grupo de 6 alunos (28,6%) descreveu suas lembranças escolares de forma positiva, mencionando experiências interessantes e brincadeiras. No entanto, para outros 3 alunos, suas lembranças foram marcadas por experiências negativas, incluindo maus tratos, embora esses maus tratos não tenham sido detalhados. Essas respostas destacam a diversidade de vivências dos alunos na escola, com alguns alunos desfrutando de uma experiência positiva, enquanto outros enfrentaram situações adversas. Além disso, as outras respostas fornecidas pelos alunos refletem a complexidade das interações e experiências vivenciadas na escola, destacando a importância de compreender e abordar as diversas necessidades e perspectivas dos alunos para promover uma experiência escolar positiva e enriquecedora para todos.

Figura 25 — Gráfico 23

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

Um total de vinte e uma (21) respostas.

Sete (07) alunos responderam **trabalho duro**, ruim, cansativo;

Dois (02) alunos responderam que **fazem bicos**, ou seja, trabalham para si desde sempre;

Dois (02) alunos respondeu **sobrevivência**, penoso;

Um (01) aluno respondeu **patrão ruim**;

Três (03) alunos responderam **humilhação**, não gosto, estresse e dor;

Dois (02) alunos responderam **conseguir alguma coisa** com o trabalho.

A análise do gráfico revela que 41% dos estudantes descreveram o trabalho como uma experiência difícil. Para os demais participantes, suas memórias do trabalho foram associadas a desafios adicionais, como a luta pela sobrevivência, experiências negativas com patrões e a necessidade de realizar trabalhos temporários (bicos). Essas respostas refletem uma percepção geralmente penosa do trabalho entre os entrevistados, com uma variedade de fatores contribuindo para essa visão. O reconhecimento do trabalho como árduo sugere a presença de condições difíceis ou exigentes no ambiente de trabalho, enquanto outras respostas destacam desafios adicionais enfrentados pelos

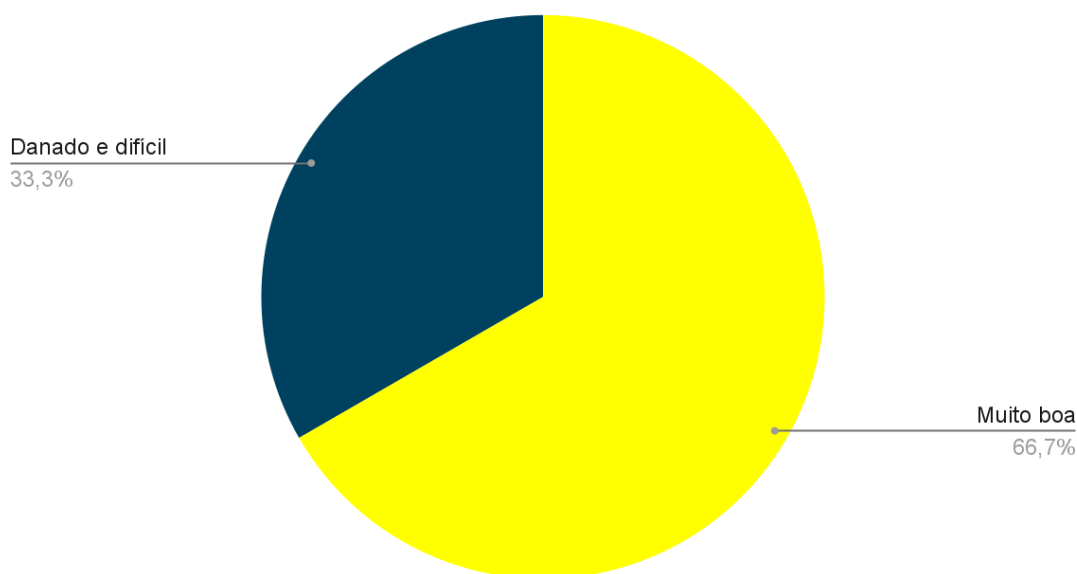
trabalhadores, como a instabilidade do emprego e relações complicadas com os empregadores, que, normalmente, buscam explorar os funcionários menos instruídos e mais vulneráveis.

Turma 6B

Questionário — 02

Figura 26 — Gráfico 24

Relate sobre sua infância



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância

Um total de três (03) respostas.

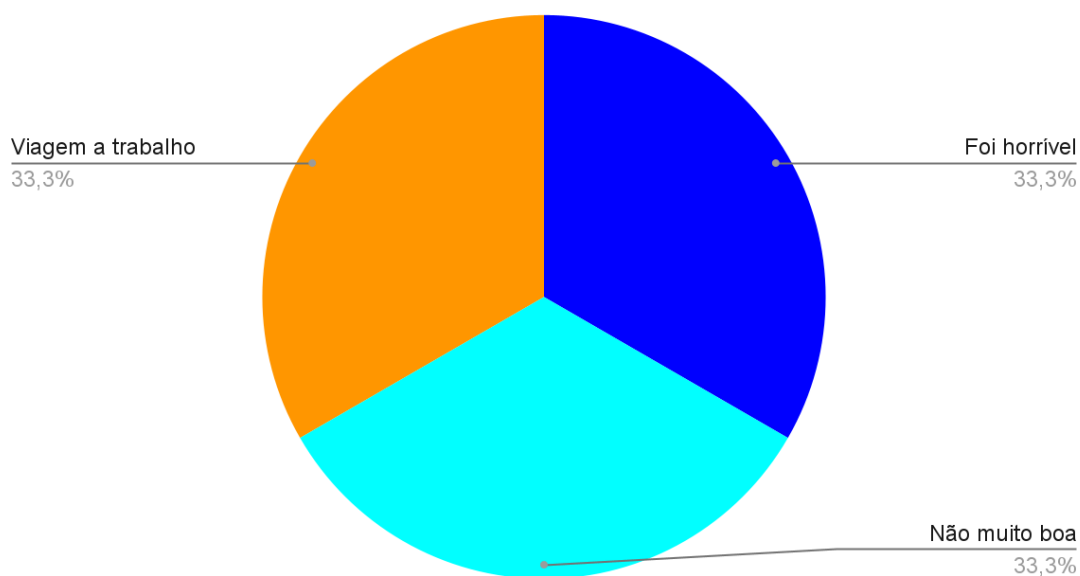
Dois (02) alunos responderam **muito boa**;

Um (01) aluno respondeu **danado e difícil**.

A análise deste gráfico — de corpus reduzido se comparado aos demais — mantém a tendência dos demais. Algumas experiências positivas e algumas negativas, um marco de certa desigualdade que certamente impacta nas vivências escolares da EJA e no quantitativo de estudantes que permanecem (ou não).

Figura 27 — Gráfico 25

Relate sobre a sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre a sua adolescência

Um total de três (03) respostas.

Um (01) aluno respondeu **foi horrível**, internado no HGE;

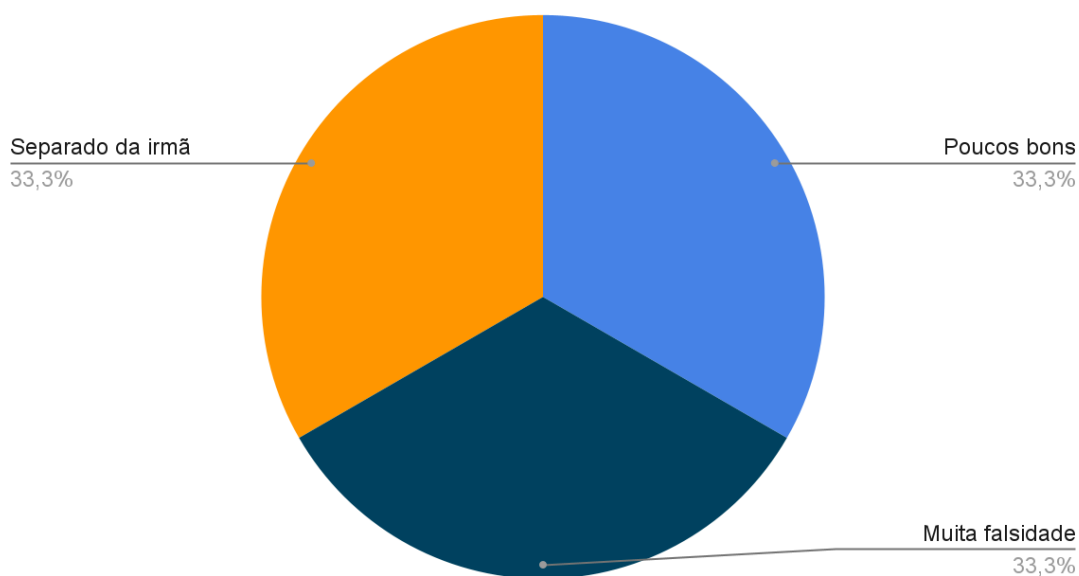
Um (01) aluno respondeu **não muito boa**;

Um (01) aluno respondeu **viagem a trabalho**.

A análise do gráfico revela que a adolescência destes estudantes foi caracterizada por uma série de desafios para os participantes, incluindo problemas de saúde, envolvimento precoce no mercado de trabalho e outras dificuldades. Essa descrição sugere que muitos adolescentes enfrentaram uma transição para a vida adulta marcada por adversidades significativas.

Figura 28 — Gráfico 26

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de três (03) de respostas.

Um (01) aluno respondeu **poucos momentos bons**;

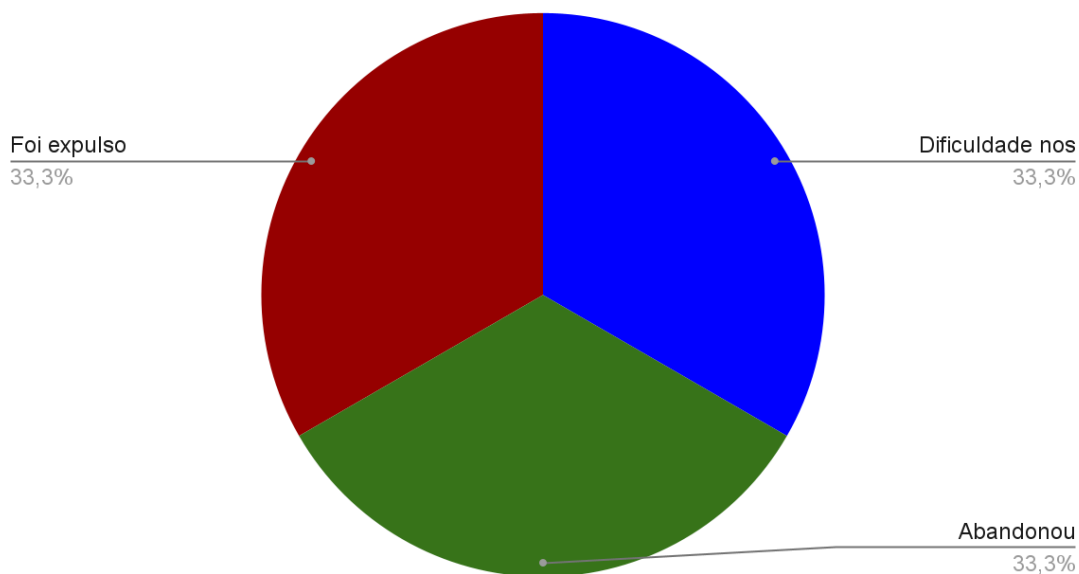
Um (01) respondeu **muita falsidade**, não foi boa;

Um (01) aluno respondeu **separado da irmã**.

A análise do gráfico revela que, para todos os participantes, de alguma forma, as experiências familiares não foram positivas. Essa observação sugere que esses estudantes enfrentaram dificuldades ou desafios em seus contextos familiares. Embora as especificidades dessas dificuldades não estejam detalhadas no gráfico, a menção de que a experiência familiar não foi muito boa indica uma percepção geral de insatisfação ou desconforto em relação às dinâmicas familiares.

Figura 29 — Gráfico 27

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de três (03) de respostas.

Um (01) aluno respondeu **dificuldade nos estudos** e brincadeiras;

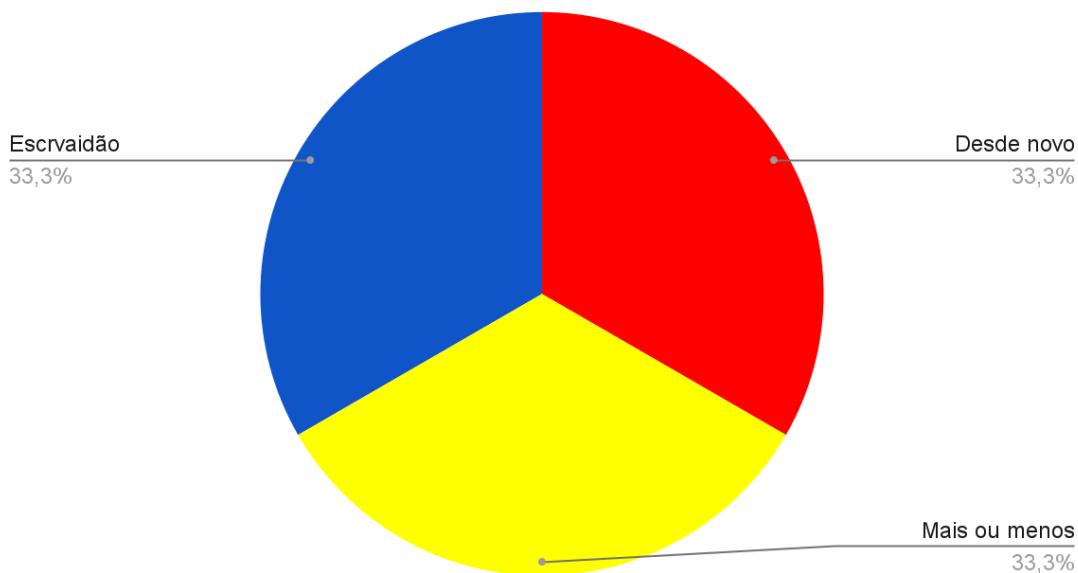
Um (01) aluno respondeu **abandonou** a escola pelo trabalho;

Um (01) aluno respondeu que **foi expulso** por brincar demais com os colegas, hoje anda só.

A análise do gráfico revela uma realidade preocupante em relação à experiência escolar dos participantes, com indicações de abandono, expulsão e dificuldades no aprendizado. Esses resultados mostram alunos enfrentaram desafios significativos em seu percurso educacional, o que impactou negativamente seu desenvolvimento acadêmico e talvez até emocional. O abandono escolar é uma questão séria que pode ter consequências de longo prazo para os alunos, incluindo dificuldades no acesso a oportunidades educacionais e profissionais futuras. Da mesma forma, a expulsão da escola pode ser um reflexo de problemas comportamentais, acadêmicos ou sociais que os alunos enfrentam e que não foram adequadamente abordados pelo sistema educacional, o que deixa marcas na EJA, quando os estudantes tentam retornar ao sistema que já os rejeitou.

Figura 30 — Gráfico 28

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

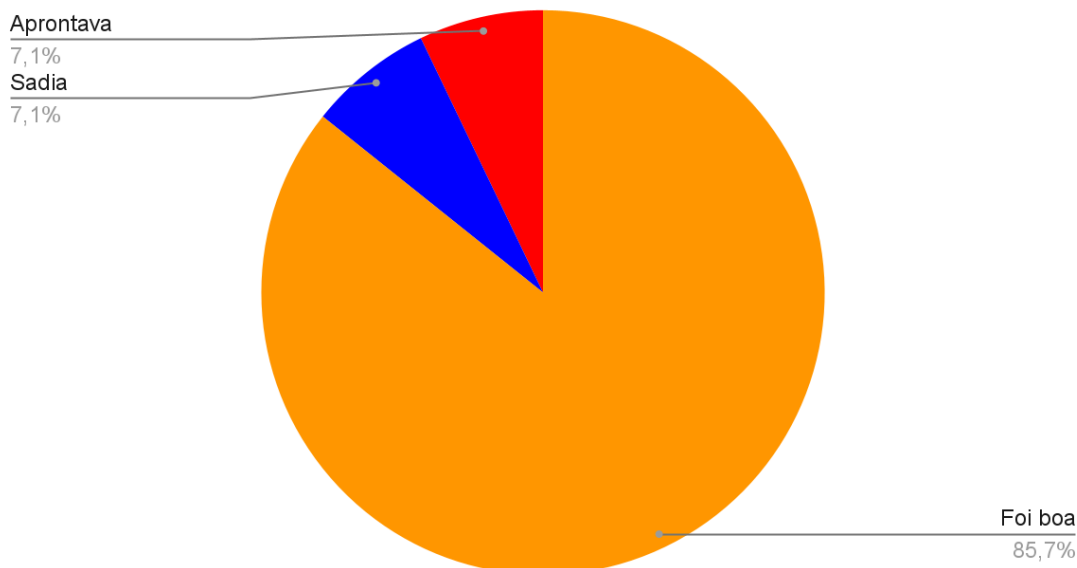
Um total de três (03) de respostas.

Um (01) aluno respondeu **desde muito novo** na lava jato;

Um (01) aluno respondeu **mais ou menos**;

Um (01) aluno respondeu **escravidão**.

A análise do gráfico revela memórias de trabalho marcadas por experiências de escravidão, bem como o início precoce da vida profissional, associado a sentimentos de dor e desconforto. Esses relatos indicam um contexto de trabalho difícil e desafiador para esses indivíduos, caracterizado por condições adversas e experiências traumáticas. A menção de escravidão evoca uma história de exploração e injustiça no ambiente de trabalho, enquanto o relato de trabalho desde muito jovem sugere uma falta de oportunidades educacionais adequadas e a necessidade de contribuir para o sustento da família desde cedo. Além disso, a associação dessas experiências com sentimentos de dor ressalta o impacto físico e emocional do trabalho nessas pessoas.

Turma 6C**Questionário - 02****Figura 31 — Gráfico 29****Relate sobre sua infância**

Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância

Um total de quatorze (14) respostas.

Doze (12) alunos responderam que a infância **foi boa**, feliz, tranquila, cheia de brincadeiras e legal;

Um (01) aluno respondeu **sadia**;

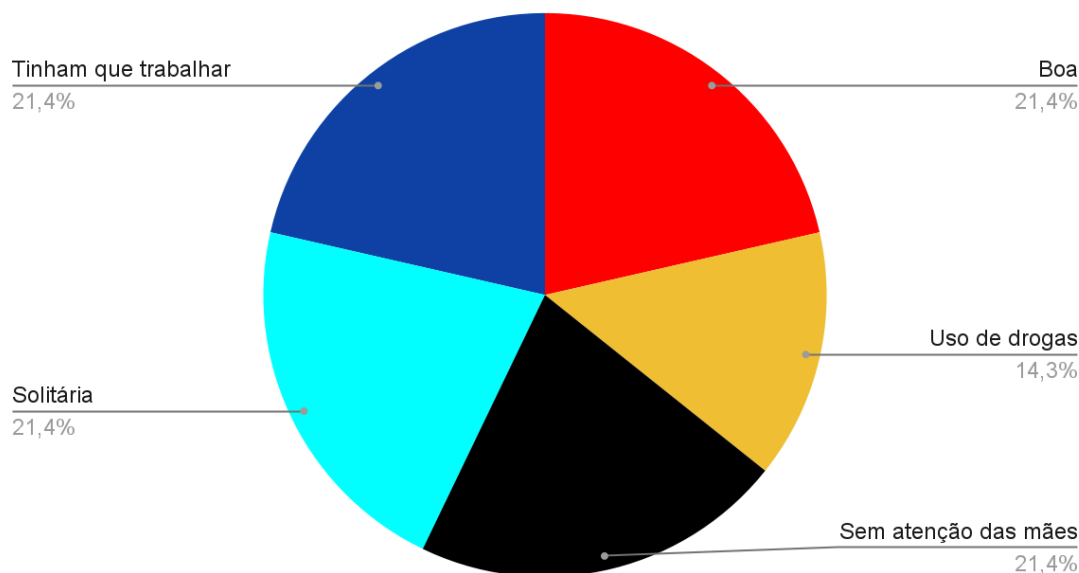
Um (01) aluno respondeu **aprontava**.

A análise do gráfico revela que a maioria esmagadora dos participantes, correspondendo a 12 de 14 pessoas (85,7%), descreveu sua infância como boa. Esses relatos indicam uma percepção predominantemente positiva das experiências vividas durante a infância entre os participantes. No entanto, um participante relatou uma infância marcada por saúde, sugerindo uma ênfase na importância do bem-estar físico durante esse período de desenvolvimento. Por outro lado, outro participante descreveu sua infância como uma época de travessuras ou comportamentos desafiadores,

indicando uma experiência mais turbulenta ou talvez uma personalidade mais travessa durante a infância.

Figura 32 — Gráfico 30

Relate sobre a sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre a sua adolescência

Um total de quatorze (14) respostas.

Três (03) alunos responderam foi **boa**, tranquila;

Dois (02) alunos responderam **uso de drogas**, bebidas, fuga da escola;

Três (03) alunos responderam **sem atenção das mães**, namoro, trabalho aos 10 anos de idade (doméstica);

Três (03) alunos responderam morte dos pais, **solitária**;

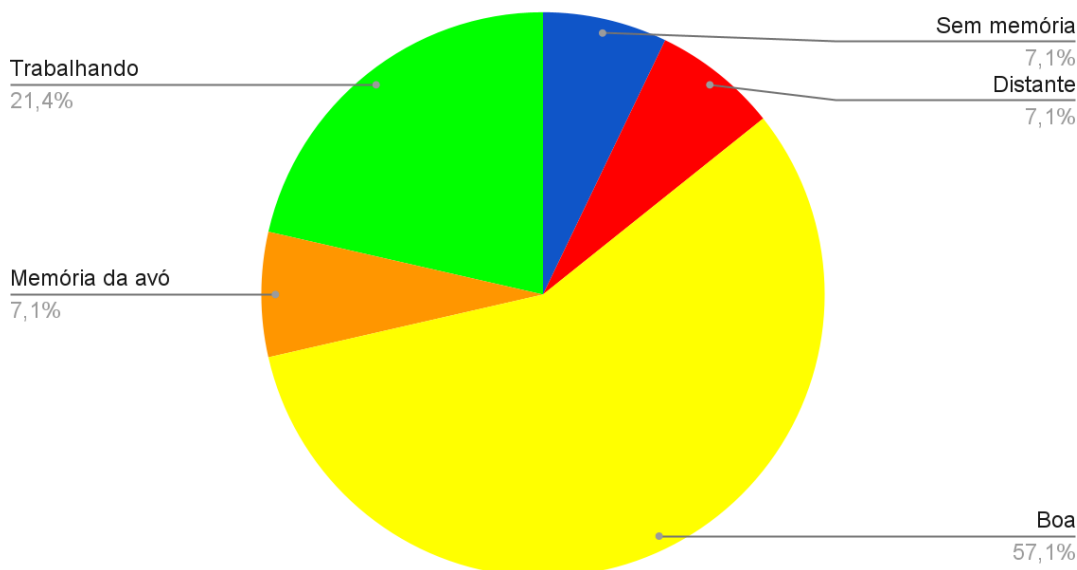
Três (03) alunos responderam que gostavam de estudar, mas **tinham que trabalhar** para ajudar a família.

A análise do gráfico revela uma gama diversificada de experiências enfrentadas pelos participantes durante a adolescência, caracterizadas por problemas com drogas, solidão, abandono e uma carga significativa de trabalho. Esses relatos indicam um período desafiador e complexo na vida dos participantes justamente durante a época

escolar, marcado ainda por uma variedade de adversidades e dificuldades emocionais, sociais e econômicas.

Figura 33 — Gráfico 31

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de quatorze (14) respostas.

Um (01) aluno respondeu **sem memória** da família;

Um (01) aluno respondeu **distante**;

Oito (08) alunos responderam **boa**, unida, linda, maravilhosa, especial;

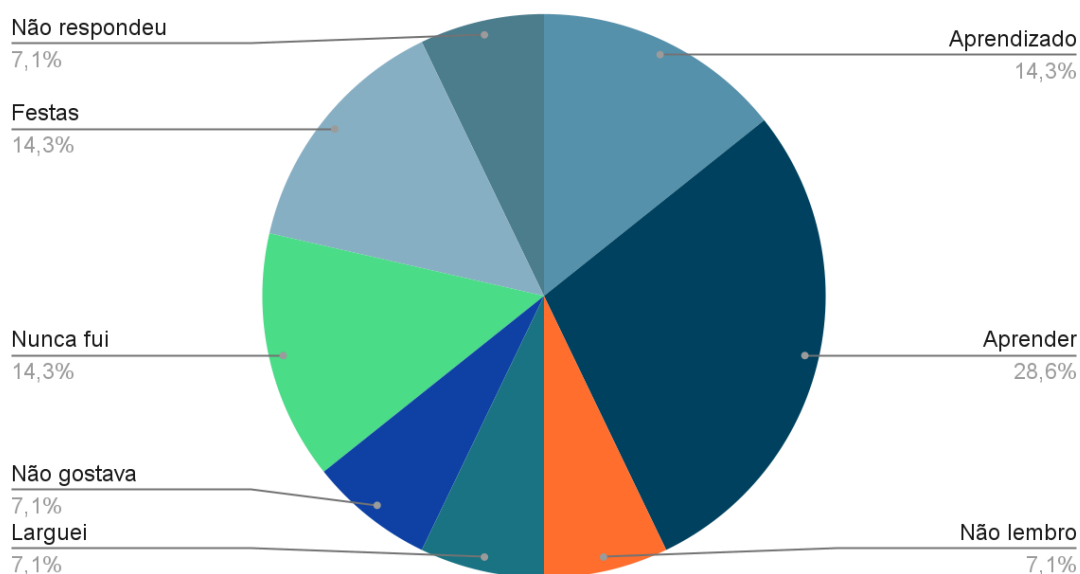
Um (01) aluno respondeu **memória da avó** que fumava charuto e era benzedeira;

Três (03) alunos responderam **trabalhando**.

A análise do gráfico revela uma variedade de lembranças familiares entre os participantes, com 57,1% relatando ter boas lembranças da família. No entanto, essas lembranças positivas são mescladas com outras experiências, incluindo distância emocional, envolvimento no trabalho desde cedo, ausência de lembranças específicas e a figura da avó sendo lembrada de forma positiva.

Figura 34 — Gráfico 32

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de quatorze (14) de respostas

Dois (02) alunos responderam **aprendizado** e gostava da escola;

Quatro (04) alunos responderam **aprender** a fazer dever;

Um (01) aluno respondeu **não me lembro** da escola;

Um (01) respondeu **larguei** e agora voltei ao Devoto;

Um (01) respondeu **não gostava** da escola e furava a fila para merendar;

Dois (02) alunos responderam **nunca fui** à escola;

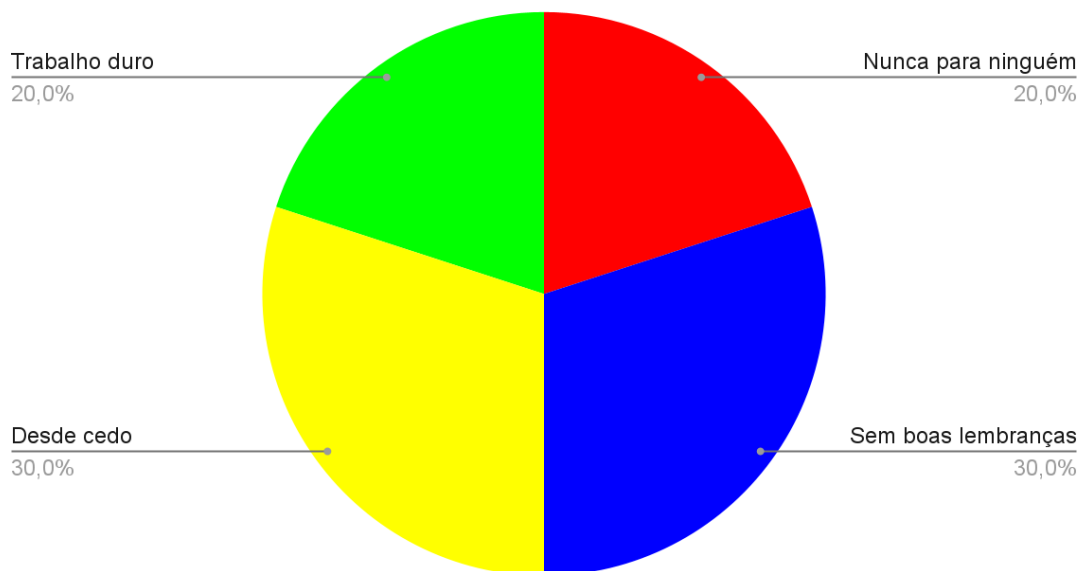
Dois (02) alunos responderam só lembrava das **festas** da escola;

Um (01) aluno respondeu **em branco**;

A análise do gráfico revela um mosaico de memórias relacionadas à escola entre os participantes. Embora algumas memórias remetam ao aprendizado e possivelmente a experiências positivas na escola, outras memórias incluem relatos como "não lembrar", "nunca foi", "sem respostas", "largou", refletindo uma gama de experiências negativas ou desafiadoras. Essas memórias sugerem uma narrativa de desconexão, desengajamento ou até mesmo evasão da escola por parte de alguns participantes.

Figura 35 — Gráfico 33

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

Um total de quatorze (14) respostas.

Dois (02) alunos responderam que **nunca trabalharam para ninguém**;

Três (03) alunos responderam **sem boas lembranças** dos trabalhos;

Um (01) aluno respondeu **trabalho desde cedo**;

Dois (02) alunos responderam **desde cedo trabalhou em casa de família**;

Dois (02) alunos responderam **trabalho duro, exploração, escravidão**, tormento, angústia de ser tratado com desprezo.

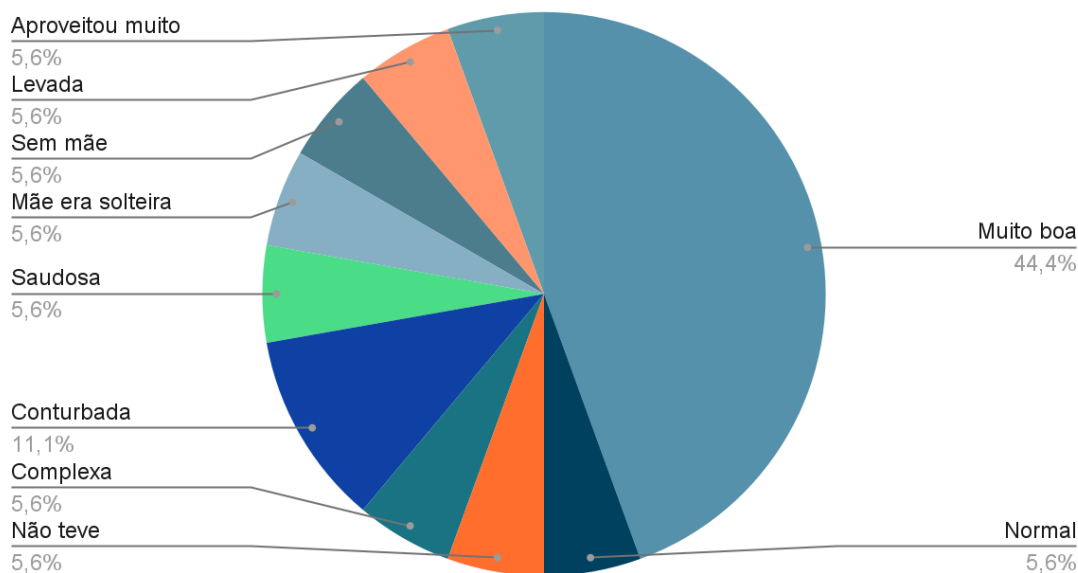
A análise do gráfico revela que as lembranças relacionadas ao trabalho entre os participantes são predominantemente negativas. Essas memórias abrangem desde experiências de trabalho duro até relatos de escravidão (mais uma vez), indicando um ambiente de trabalho desafiador e muitas vezes opressivo para muitos participantes.

Turma 7A

Questionário - 02

Figura 36 — Gráfico 34

Relate sobre sua infância



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância

Um total de vinte (20) respostas.

Oito (08) alunos responderam uma infância **muito boa**, a melhor fase da vida, melhor época, divertida, tranquila, ótima;

Um (01) aluno respondeu **normal**;

Um (01) aluno respondeu que **não teve** infância;

Um (01) aluno respondeu **complexa**, descalça, e pais presentes;

Dois (02) alunos responderam infância **conturbada**;

Um (01) aluno respondeu **saudosa**;

Um (01) aluno respondeu que sua **mãe era solteira** e foi criada por tia;

Um (01) aluno respondeu foi criada **sem mãe**;

Um (01) aluno respondeu **levada**;

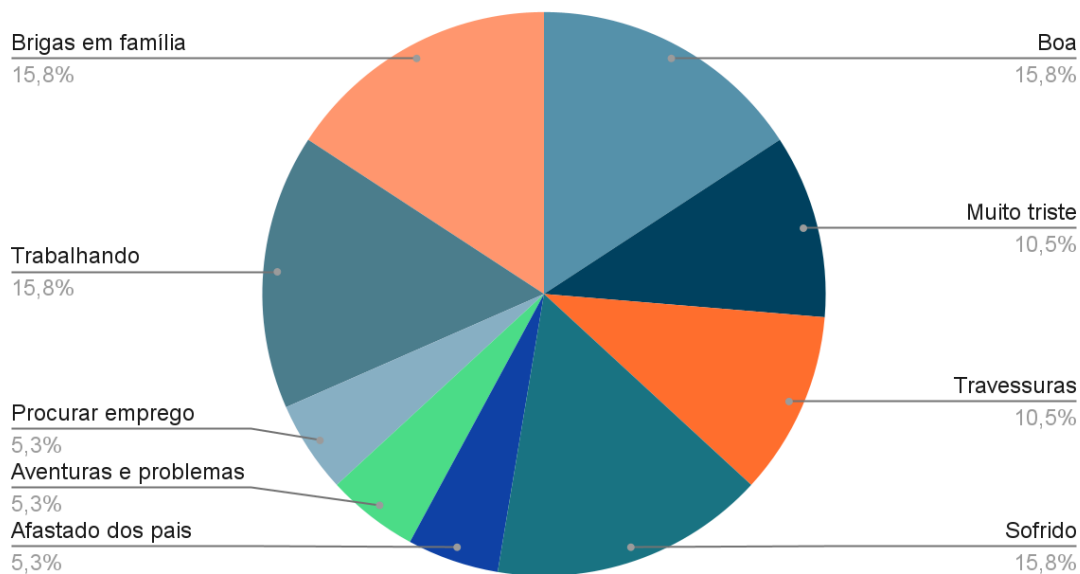
Um (01) aluno respondeu que **aproveitou muito**.

A análise do gráfico revela uma imagem representativa das lembranças de infância entre os participantes, com uma parcela significativa, correspondente a 44,4%,

descrevendo suas memórias como muito boas. No entanto, as demais respostas abrangem uma variedade de experiências, desde uma infância considerada normal até complexa, saudosa e marcada pela ausência da mãe, entre outras.

Figura 37 — Gráfico 35

Relate sobre a sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre a sua adolescência

Um total de vinte (20) respostas.

Três (03) alunos responderam que foi **boa**, intercalando com feliz e proveitosa;

Dois (02) alunos responderam **muito triste** e com mortes na família;

Dois (02) responderam **travessuras** e namoros com gravidez, brigas e muito trabalho;

Três (03) alunos responderam **sofrido** e que esteve de casa em casa sendo explorado;

Um (01) aluno respondeu que teve que aprender a viver só **afastado dos pais**;

Um (01) aluno respondeu **aventuras e problemas**;

Um (01) aluno respondeu que foi para São Paulo **procurar emprego**;

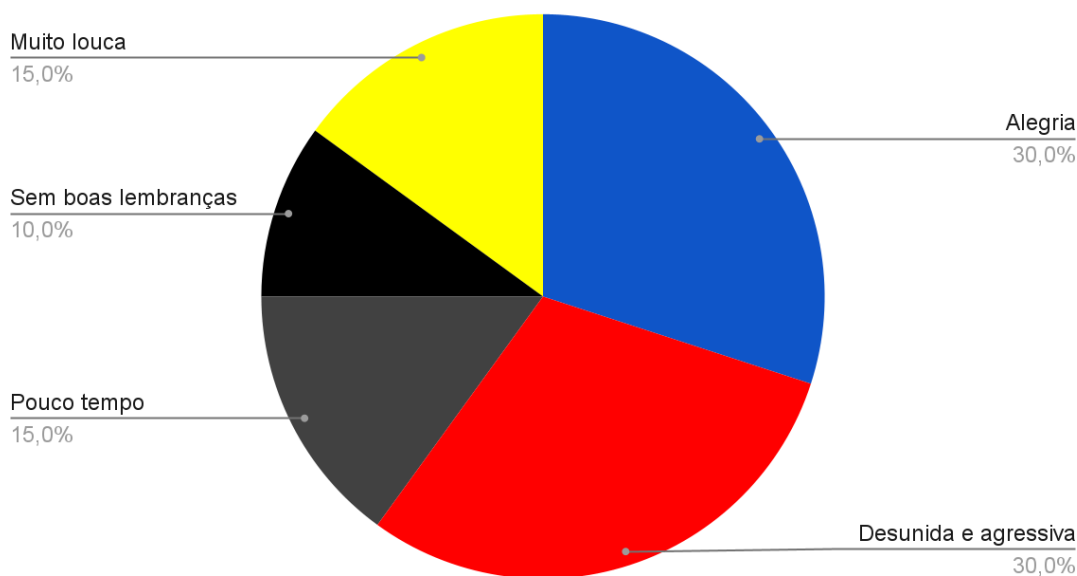
Três (03) alunos responderam passou a adolescência **trabalhando**;

Três (03) alunos responderam muitas **brigas em família** e trabalho duro.

A análise do gráfico revela uma diversidade significativa de experiências durante a adolescência entre os participantes, marcada por brigas familiares, sofrimento, gravidez precoce, perdas e uma constante presença do trabalho desde a infância até a adolescência. Esses relatos apontam para um período de vida tumultuado e desafiador para muitos participantes, com a presença de uma série de adversidades emocionais, sociais e pessoais.

Figura 38 — Gráfico 36

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de vinte (20) respostas.

Seis (06) alunos responderam com **alegria**, boas lembranças, união, feliz, legal, divertida;

Seis (06) alunos responderam viagens para o interior, trabalho na roça, **desunida e agressiva**, problemas financeiros;

Três (03) alunos responderam que foi **pouco tempo** de permanência, mãe muito forte e presente, porém amorosa;

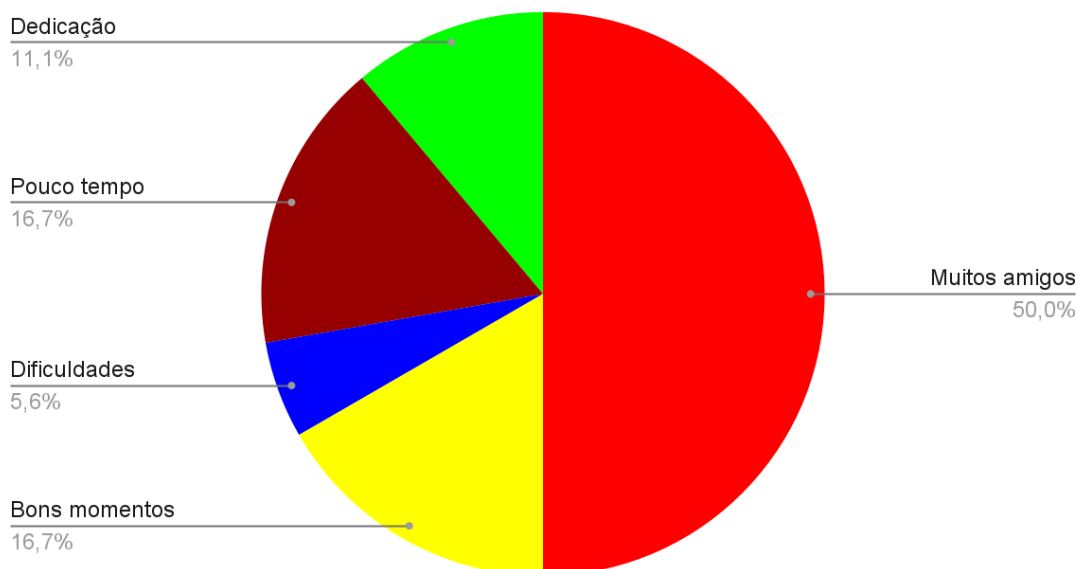
Dois (02) alunos responderam **não tem boas lembranças**, sem detalhes, bons e maus momentos, datas maravilhosas e muita correria para sustentar a família;

Três (03) alunos responderam idas e vindas ao parque com o pai, família **muito louca**.

A análise do gráfico revela uma dinâmica familiar tumultuada, com respostas que variam de "desunida" a "agressiva" e até mesmo "muito louca". A expressão "muito louca" sugere uma atmosfera de caos, imprevisibilidade ou talvez até mesmo comportamentos extremos dentro da família, embora o contexto exato dessa descrição não esteja especificado no gráfico.

Figura 39 — Gráfico 37

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de vinte (20) respostas.

Nove (09) alunos responderam **muitos amigos**, brincadeiras, colegas, carinho, aprender;

Três (03) alunos responderam **bons momentos**, a escola era fugir da realidade, aprender caligrafia;

Um (01) aluno respondeu não ter memória boa da escola, **dificuldades**, não aprender,

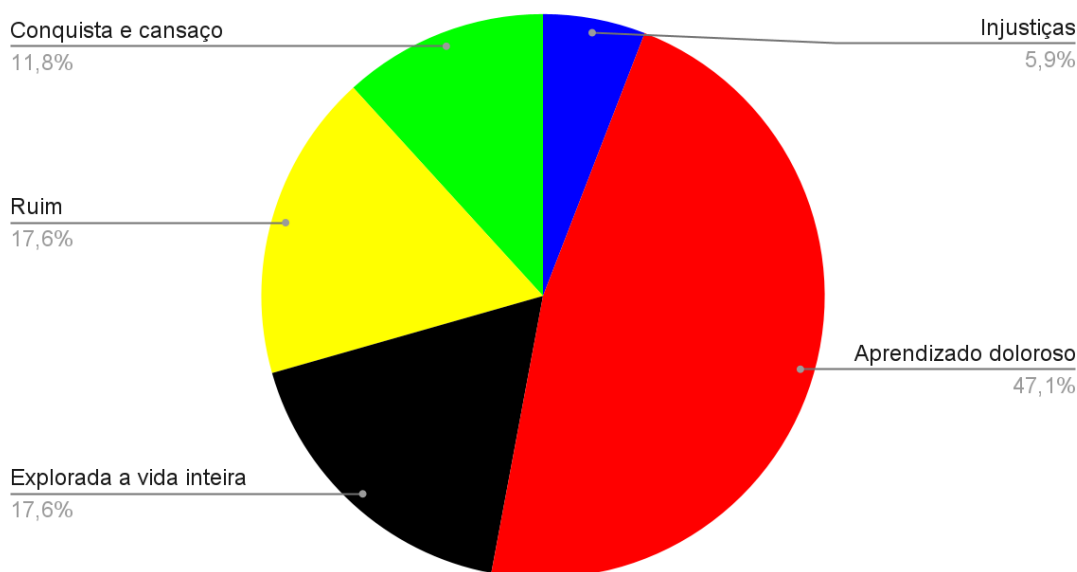
Três (03) alunos responderam que foi **pouco tempo**, pois logo foi trabalhar, preconceito vivido, brigas, muita bagunça;

Dois (02) alunos responderam que foi escolhida melhor aluna da turma, **dedicação**, trabalhos escolares, não lembra da escola.

A análise do gráfico revela que a escola é uma presença marcante na memória dos participantes, com muitos descrevendo-a como "muito boa", associada a lembranças de bons amigos e momentos positivos. No entanto, essas lembranças positivas estão mescladas com relatos de dificuldades enfrentadas durante o tempo na escola e a menção de um período relativamente curto de frequência escolar.

Figura 40 — Gráfico 38

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

Um total de vinte (20) respostas.

Um (01) aluno respondeu que ganhou um par de óculos no primeiro emprego, **injustiças**, trabalho de ajudante, explorado, mas fez grande amigas de trabalho;

Oito (08) alunos responderam **aprendizado doloroso**, trabalho duro, pouco ordenado, cansativo, organizar a loja dos outros;

Três (03) alunos responderam ganhou a vida como doméstica **explorada a vida inteira**;

Três (03) alunos responderam que foi **ruim**, melhorar a vida, escravidão;

Dois (02) alunos responderam organização financeira, **conquista, cansaço, sofrimento**.

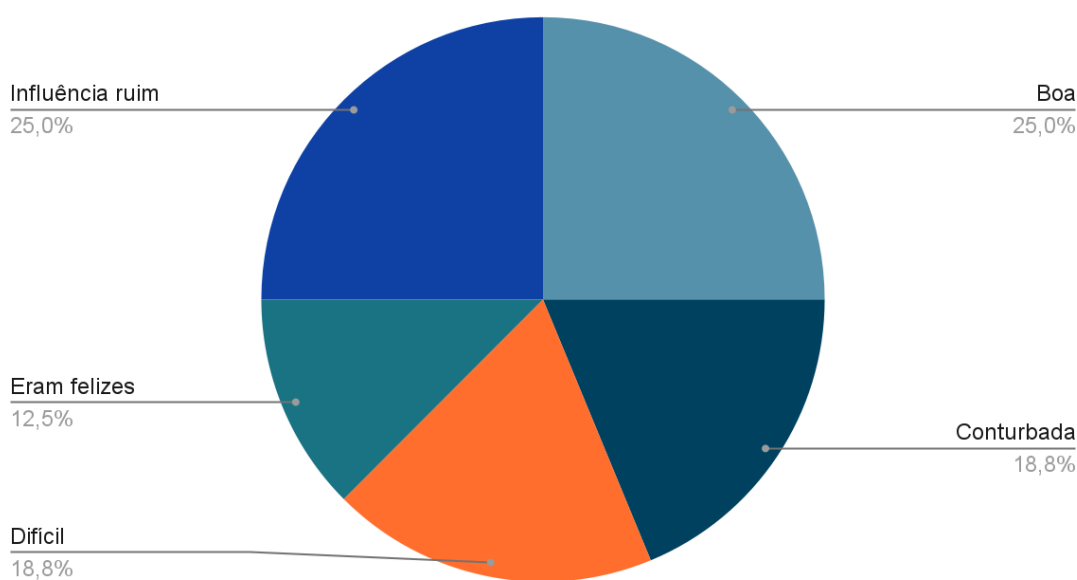
A análise do gráfico revela que as memórias relacionadas ao trabalho entre os participantes continuam predominantemente negativas, caracterizadas por um aprendizado difícil, doloroso, injusto e exploratório. Essas descrições indicam uma experiência de trabalho desafiadora e muitas vezes prejudicial para os participantes, onde foram expostos a condições de trabalho adversas e tratamento injusto ou exploratório.

Turma 7B

Questionário — 2

Figura 41 — Gráfico 39

Relate sobre sua infância



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância

Um total de dezesseis (16) respostas.

Quatro (04) alunos responderam **boa**, muitas brincadeiras na rua, ótimas lembranças, tranquila, divertida;

Três (03) alunos responderam um pouco **conturbada**, brigas familiares, separações dos pais;

Três (03) alunos responderam **difícil**, sem estrutura familiar;

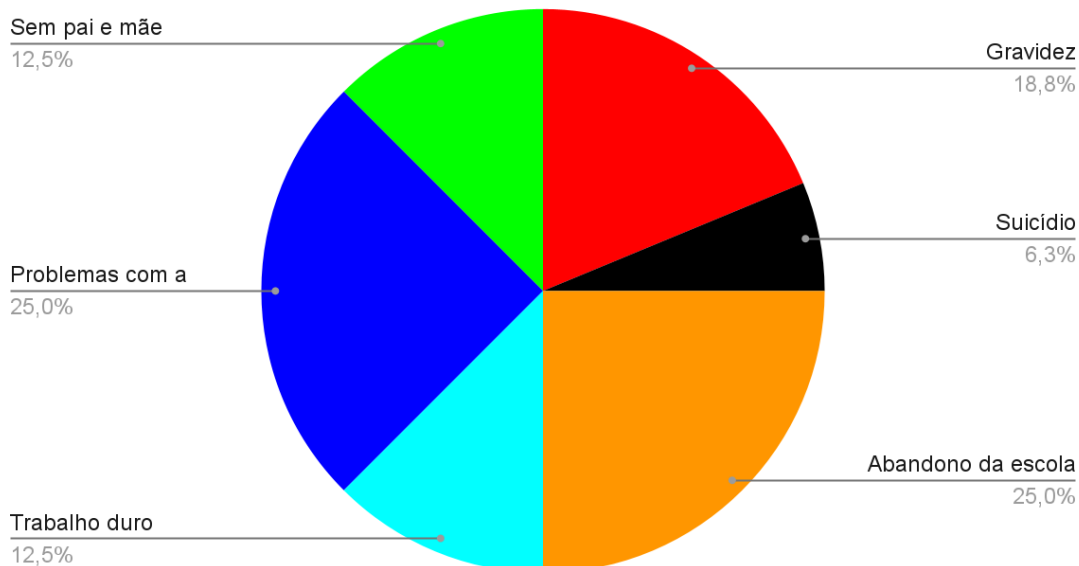
Dois (02) alunos responderam que brincaram muito nas ruas, **eram felizes**: bicicleta, fura pé, corre e corre, se esconder, garrafão etc;

Quatro (04) alunos responderam **influência ruim**.

A análise do gráfico revela uma diversidade de percepções sobre a infância entre os participantes. Enquanto uma parcela significativa descreve sua infância como boa, outros relatam uma infância um pouco conturbada ou difícil. Além disso, 25% dos participantes afirmam ter tido uma influência ruim durante esse período de suas vidas.

Figura 42 — Gráfico 40

Relate sobre sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre sua adolescência

Um total de dezesseis (16) respostas

Três (03) alunos responderam **gravidez**, amadurecimento precoce;

Um (01) aluno respondeu que tentou o **suicídio**;

Quatro (04) alunos responderam muito trabalho e **abandono da escola**;

Dois (02) alunos responderam aprendizado e **trabalho duro**;

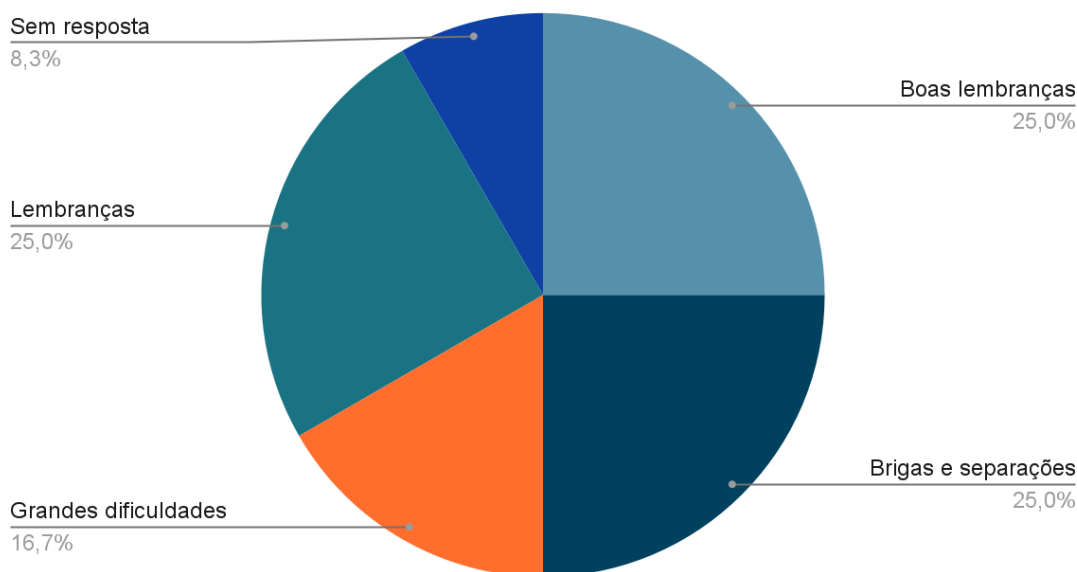
Quatro (04) alunos respondeu aventuras que lhes tiraram da escola e trouxeram **problemas com a polícia**;

Dois (02) alunos responderam que tiveram a adolescência **sem pai e mãe**.

A análise do gráfico revela um panorama de lembranças conflituosas entre os participantes, abrangendo uma variedade de experiências desafiadoras durante a adolescência. Estas incluem relatos de gravidez precoce, abandono pela família, problemas com a polícia e uma constante presença do trabalho. Essas memórias sugerem um ambiente tumultuado e muitas vezes hostil enfrentado pelos participantes durante esse período crítico de desenvolvimento. A menção de gravidez precoce indica um fardo adicional de responsabilidade e desafios emocionais associados à maternidade ou paternidade na adolescência.

Figura 43 — Gráfico 41

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de quinze (15) respostas

Três (03) alunos responderam **boas lembranças**, viagens ao interior;

Três (03) alunos responderam **brigas e separações** dos pais, confusão com os irmãos, sentimentos negativos e mortes;

Dois (02) alunos responderam **grandes dificuldades**, lembrança dos avós que ajudaram muito;

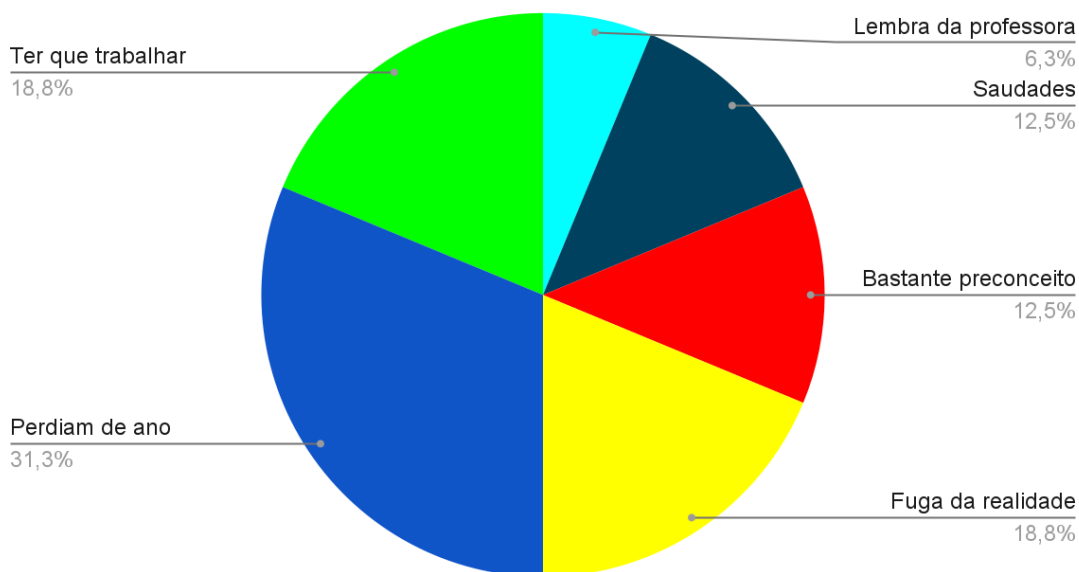
Três (03) alunos responderam ter mais **lembranças traumáticas** do que boas por causa das brigas e separações;

Um (01) aluno deixou **em branco**.

A análise do gráfico revela uma gama diversificada de lembranças familiares entre os participantes. Enquanto 30% dos participantes descrevem suas lembranças familiares como boas, outras lembranças abrangem brigas e separações, dificuldades e traumas. A presença dessas diferentes percepções sugere uma variedade de experiências familiares durante a infância dos participantes, com alguns desfrutando de relações familiares positivas e enriquecedoras, enquanto outros enfrentavam desafios e adversidades em seus lares.

Figura 44 — Gráfico 42

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de dezesseis (16) respostas

Um (01) aluno respondeu **lembrança da professora** que lhe marcou até hoje;

Dois (02) alunos responderam **saudades** das atividades em sala e em casa, e um ano foi maravilhoso, pois ganhou um concurso da escola de desenho mais criativo;

Dois (02) alunos responderam que sofreram **bastante preconceito** por ser gorda e por não entender os assuntos;

Três (03) alunos responderam que a escola era a **fuga da realidade**, pois tinha que trabalhar em casa;

Cinco (05) alunos responderam que **perdiam de ano**, pois não gostava da escola nem de estudar;

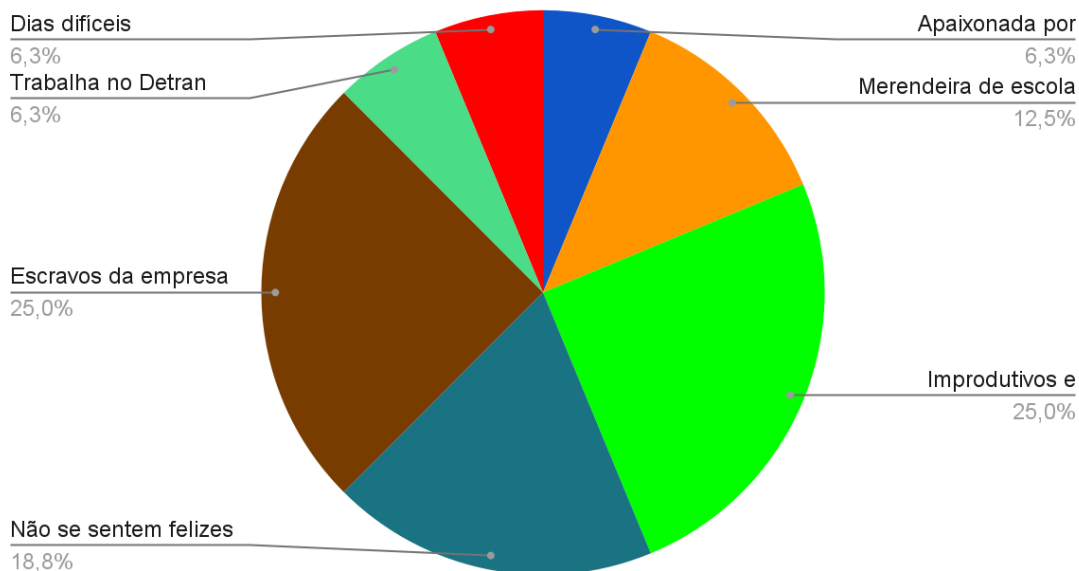
Três (03) alunos responderam que tiveram de **deixar a escola para trabalhar**.

A análise do gráfico revela algumas lembranças que evocam saudades e sentimentos positivos em relação aos professores, enquanto outras são marcadas por relatos de preconceitos e dificuldades enfrentadas no ambiente escolar. Algumas memórias destacam a escola como um refúgio da realidade, onde os participantes

podiam escapar das pressões e responsabilidades externas, como a necessidade de trabalhar desde cedo.

Figura 45 — Gráfico 43

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

Um total de dezesseis (16) respostas

Um (01) aluno respondeu que é **apaixonada por estética** e se tornou cabeleireira e manicure (autônoma);

Dois (02) alunos responderam que aos 14 anos se tornou **merendeira de escola** no interior;

Quatro (04) alunos responderam trabalho que fazem são **improdutivos, pesados, insalubres, cansativos** e que se sentem escravos dos patrões;

Três (03) alunos responderam que trabalham, mas **não se sentem felizes**, apenas para sobreviver, e mais nada;

Quatro (04) alunos responderam que evoluíram no trabalho que antes eram ajudantes de escravo e que agora subiu de nível na empresa, agora são **escravos da empresa**;

Um (01) aluno respondeu que **trabalha no Detran** e gosta muito, que é honesto e visa crescer e conquistar um lugar ao sol;

Um (01) aluno respondeu **dias difíceis** trabalhando com o pai.

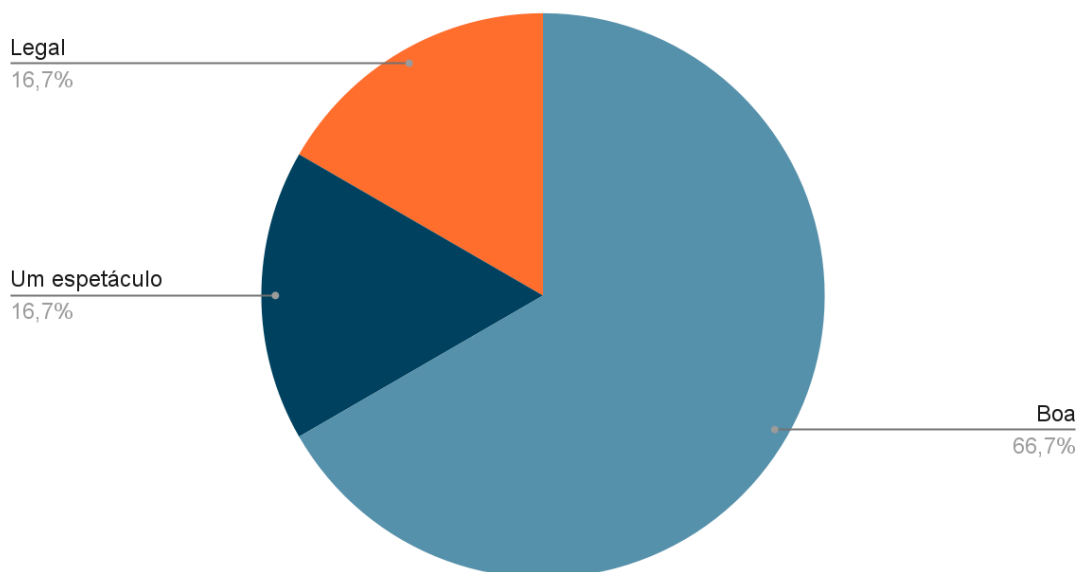
A análise do gráfico revela uma ampla gama de percepções e experiências relacionadas ao trabalho entre os participantes. Enquanto alguns poucos expressam satisfação com as atividades que realizam e o que gostam de fazer, outros compartilham sentimentos de improdutividade e insatisfação no ambiente de trabalho. Além disso, há relatos de trabalhos em locais inadequados e um sentimento de infelicidade associado às suas ocupações.

TURMA 7C

Questionário - 2

Figura 46 — Gráfico 44

Relate sobre sua infância



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 1) Relate sobre sua infância

Um total de seis (6) respostas.

Quatro (04) alunos responderam **boa**, intercalada de protegida, brincadeiras, alegre, feliz;

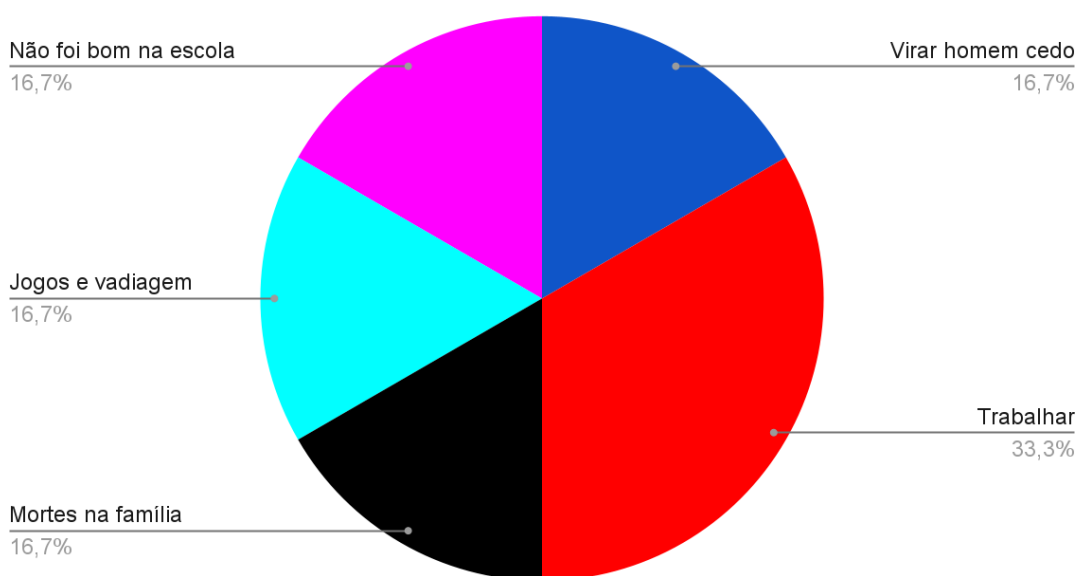
Um (01) aluno respondeu que foi **um espetáculo**;

Um (01) aluno respondeu que foi **legal**.

A análise do gráfico revela uma percepção predominantemente positiva sobre a infância entre os participantes, com muitos descrevendo esse período como maravilhoso. Essa avaliação sugere uma infância caracterizada por experiências felizes, gratificantes e satisfatórias para os participantes.

Figura 47 — Gráfico 45

Relate sobre sua adolescência



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 2) Relate sobre sua adolescência

Um total de seis (6) respostas.

Um (01) aluno respondeu que **teve que virar homem cedo**;

Dois (02) alunos responderam que foi triste teve que **trabalhar e deixar a escola**;

Um (01) aluno respondeu **mortes na família**, desgrças;

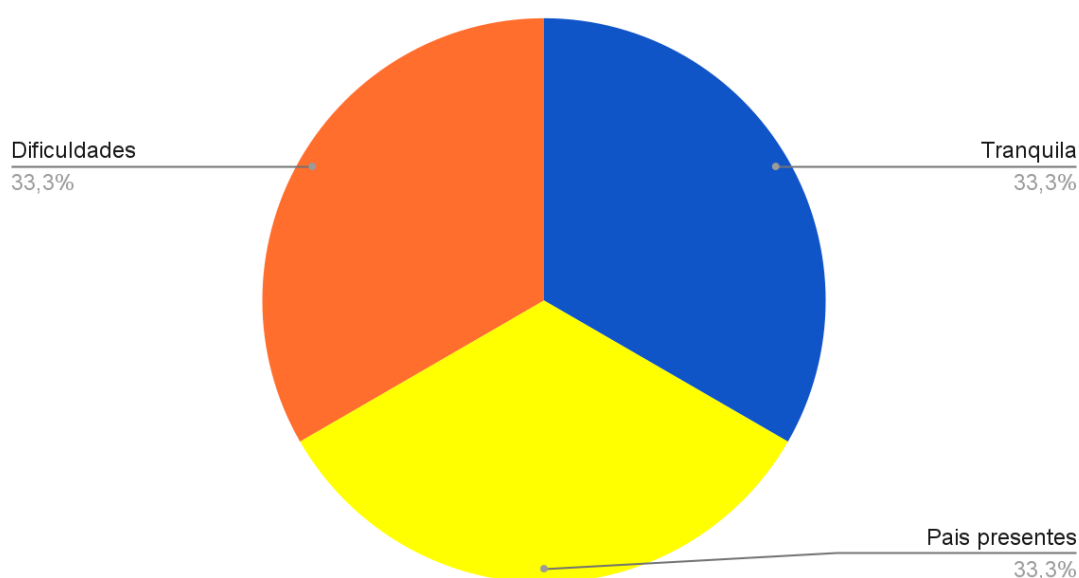
Um (01) aluno respondeu **jogos, vadiagem**, que lhe tiraram da escola;

Um (01) aluno respondeu que teve boa educação de seus pais, mas **não foi bom na escola**.

A análise do gráfico revela uma adolescência marcada por experiências traumáticas e desafiadoras para os participantes, onde foi necessário amadurecer precocemente para lidar com as circunstâncias adversas. Essas experiências incluem a perda de entes queridos, envolvimento em atividades de risco, como vadiagem e jogos, e a responsabilidade de enfrentar desafios relacionados à vida adulta em uma idade jovem.

Figura 48 — Gráfico 46

Memória da família



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 3) Memória da família

Um total de seis (6) respostas.

Dois (02) alunos responderam **tranquila**, boa, feliz;

Dois (02) alunos responderam **pais presentes**, unidos, mas problemas como em toda família;

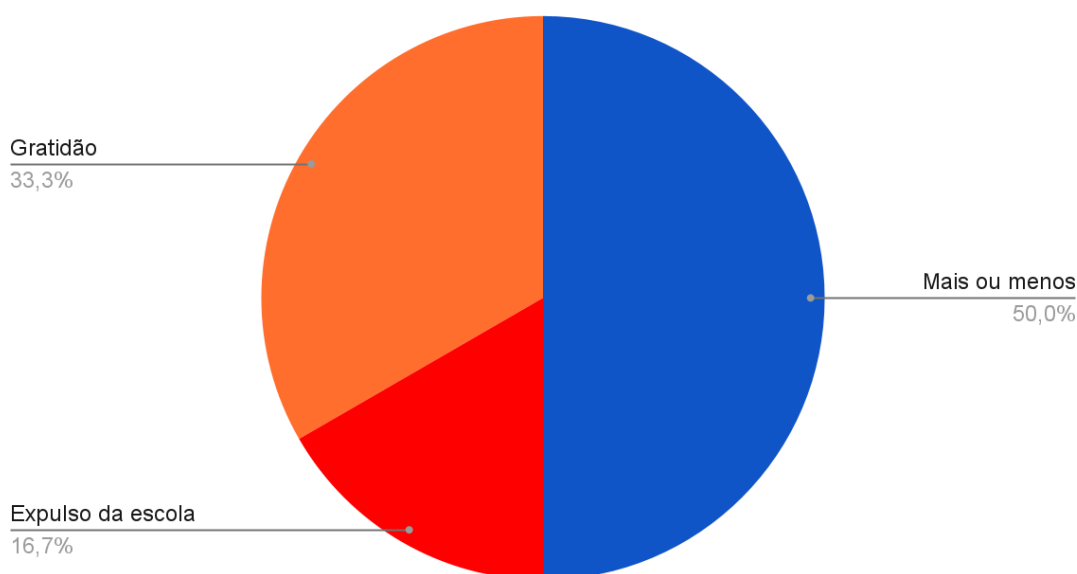
Dois (02) alunos responderam **dificuldades** em relação a dinheiro, bebidas, desemprego.

A análise do gráfico revela uma divisão perceptível entre os participantes em relação às experiências durante a infância, com a maioria (66,6%) descrevendo um

ambiente de tranquilidade e a presença de pais presentes. Por outro lado, aproximadamente um terço dos participantes (33,3%) relata dificuldades durante a infância, especialmente relacionadas a questões financeiras, consumo de bebidas alcoólicas e desemprego.

Figura 49 — Gráfico 47

Memória da escola



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 4) Memória da escola

Um total de seis (6) respostas.

Três (03) alunos responderam **mais ou menos**, colegas, amigos;

Um (01) aluno respondeu que foi **expulso da escola**, problemas;

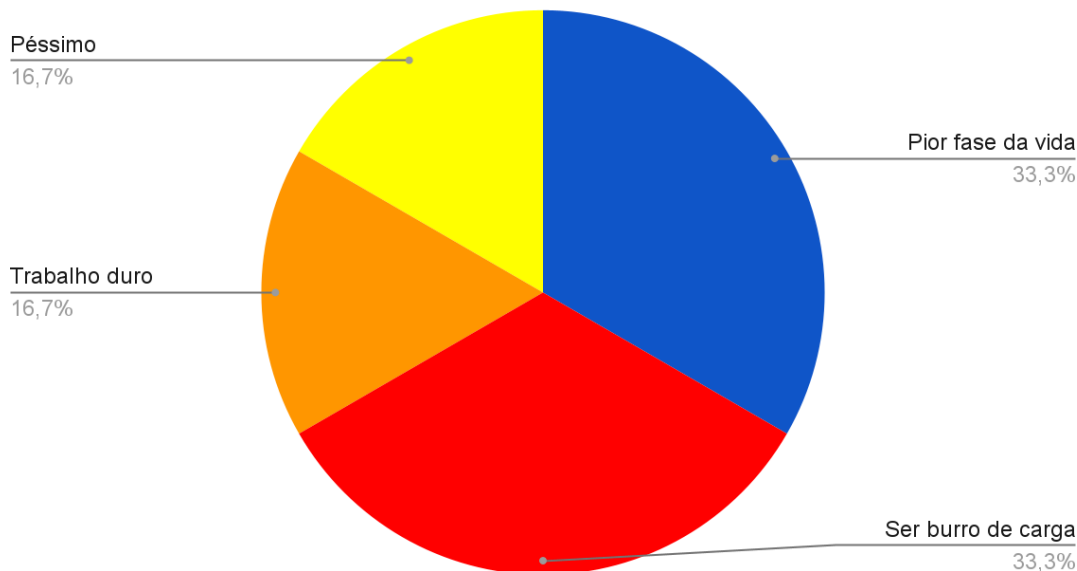
Dois (02) alunos responderam **gratidão**, embora não tenha sido bom aluno, só brincadeira.

A análise do gráfico revela uma avaliação levemente positiva da experiência escolar entre os participantes, com 83,3% relatando que a escola foi mais ou menos boa para eles, marcada pela presença de colegas, amigos e brincadeiras. No entanto, é importante observar que um aluno relatou ter sido expulso da escola sem explicação dos motivos. Esse relato de expulsão sem esclarecimento sugere uma experiência negativa e

potencialmente traumática para o aluno afetado, que pode ter sido submetido a medidas disciplinares severas ou injustas.

Figura 50 — Gráfico 48

Memória do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Pergunta 5) Memória do trabalho

Um total de seis (6) respostas.

Dois (02) alunos responderam **pior fase da vida**, exploração e fracasso;

Dois (02) alunos responderam entrar mudo e sair calado, não namorar com ninguém, **ser burro de carga**;

Um (01) aluno respondeu **trabalho duro**;

Um (01) aluno respondeu **péssimo**.

A análise do gráfico apresenta um retrato das memórias relacionadas ao trabalho entre os participantes, destacando uma experiência predominantemente negativa e muitas vezes dolorosa. Apesar de ser uma necessidade para a sobrevivência, o trabalho deixou uma marca indelével e desfavorável nas mentes dos indivíduos envolvidos.

A partir deste ponto, analisamos os tópicos que regem o discurso dos estudantes entrevistados, a fim de entendermos como estes se sentem a respeito das condições que

os levaram à EJA e ditaram, de muitas formas, suas trajetórias.

5.1. Infância

Sobre a infância, obtivemos respostas que apontam para muitas frentes que vão desde ter sido muito boa, cheia de amor, tranquila, divertida, legal; até afirmações que vão no sentido contrário, como: perigosa, difícil, trabalhando, ou seja, uma profusão de sentimentos conflitantes, mas, de maneira geral, percebe-se que a família ainda é uma reserva moral em que se pode ter confiança e que é importante no imaginário dos estudantes. Por isso, não há ressentimentos, quando ainda crianças tiveram que trocar a escola e as brincadeiras pelo labor. Precisavam ajudar a família, a fala sempre toca nesta verdade insofismável.

Alude para a perda da melhor fase de suas vidas, que seria a escola na infância, para o mundo do trabalho, sempre deixando o mundo da escola em um canto brilhante da memória, lembrada com carinho, que foi tomada pela realidade da vida.

5.2. Adolescência

O mesmo podemos extrair das respostas na fase da adolescência onde um grande número dos nossos pesquisados largaram os seus estudos para desenvolver atividades laborais em condições desfavorecidas, bem como outras atividades e circunstâncias tiraram os jovens da escola, por exemplo: gravidez, religião, mortes de familiares, levaram estas pessoas ao amadurecimento precoce deixando a adolescência para entrarem na vida adulta, perdendo a escola e se dedicando a empregos de baixa qualidade e salários aviltantes.

Sentimos um ar de tristeza nas respostas, um sentimento em que estavam sendo retirados de um local bom e querido com a possibilidade de mudar as suas vidas e foram lançados em um mundo que não os queriam ver crescer ou progredir, apenas explorá-los.

Sobre a adolescência as respostas nos evidenciam um sentimento de perda da fase da adolescência para os transtornos do mundo adulto onde o trabalho ceifou as possíveis aventuras de meninos e meninas para ter que abraçar as responsabilidades

inerentes aos adultos. Demonstra assim, uma ruptura dessa etapa da vida em que também a escola muito pouco aparece, normalizando, naturalizando o não ir para a escola na adolescência como normal. Assim parece-nos que a escola está apartada da infância e da adolescência.

5.3. Família

Sobre as memórias da família os sentimentos pululam entre boas, divertidas, viagens ao interior, unidas, em certos casos apontam para pouca convivência, lembrança da roça, entretanto não percebemos a presença da escola nas memórias da família, levando a questionar se a escola não era uma lógica destas famílias ou se era algo equidistantes pela falta da presença física da escola e portanto as famílias não matriculavam os seus filhos no tempo, na época correta, por não existir a escola próxima de seus logradouros de origem.

Outro dado implícito nesta pesquisa é a percepção e preocupação da família dos educandos que vibram vendo os seus pais voltando a escola para terminarem os seus estudos com profunda dificuldade, diversos alunos aludiram que os seus filhos e netos ficam felizes por verem o esforço dos seus pais e avós buscarem o conhecimento científico.

5.4. Escola

A memória da escola é viva em suas mentes, um sonho possível, que foi negado na juventude e que agora querem restaurá-lo, há um brilho nas respostas amargas muito diferente sobre a memória do trabalho. De forma muito marcante apontaram para pouco tempo vivido na escola, porém carregado de alegria, brincadeiras, felicidades, e que a escola era um lugar para fugir da realidade, do trabalho.

Que a escola deixa saudade, é um lugar de aprender, de escrever, de se dedicar, e não de trabalhar, lembranças de que foi a melhor coisa na vida. São sentimentos tristes e felizes ao mesmo tempo.

5.5. Trabalho

No tocante ao trabalho, um amargo nítido e ácido escapa nas respostas tímidas que começaram muito cedo a trabalhar, ainda na doce adolescência e em certos casos na infância. Não percebemos nem ódio no tocante a memória da família, pelo contrário, temos a obrigação de contribuir na manutenção da casa, mesmo perdendo a juventude para o trabalho.

Sobre a memória do trabalho, parafraseando Paulo Freire que fala sobre:

como a transformação do mundo é criação da cultura humana. Ele afirma que transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os”, entendo que a atividade do trabalho é inata do homem, o trabalho transforma o mundo e a si, criando e recriando o homem e o mundo (Freire, 1982, p. 27).

De todos os itens perguntados o tema do trabalho sempre foi marcado pela questão da necessidade, muitos responderam que tiveram de trabalhar ainda muito cedo para ajudar a família, e que infelizmente o trabalho que é um componente importantíssimo para estas pessoas que precisam se manter, foi um elemento que não poderia ser dispensado, mas fica evidente nas falas que de certa forma a necessidade de trabalhar prejudicou muito mais do que contribuiu para os crescimentos destes sujeitos.

6. Análise das entrevistas

Nesta seção foram colhidas as entrevistas em um total de seis (6), sendo cinco (5), mulheres com faixa etária distintas entre 24 anos a 62 anos de idade, e uma (1), entrevista com um homem de 29 anos de idade. São alunos do curso noturno da EJA matriculados no ano de 2022, nas turmas da EJA 7, a, b e c, lembrando que foram alunos da EJA 6, que corresponde ao 1º e 2º anos do ensino médio, e agora estão no último ano, já que o curso do ensino médio da EJA são apenas dois anos o que equivale aos 3 anos do ensino médio.

Esta pesquisa contou no primeiro momento a construção de dois questionários, o primeiro (1), com três perguntas e o segundo (2), com cinco (5) perguntas quando apuramos 169 questionários respondidos. Foram convidados 20 estudantes para participarem da entrevista gravada e transcrita, e consta na íntegra no corpo desta pesquisa, porém, de fato, apenas foram colhidas seis (6) entrevistas. Muitos estudantes desistiram de dar a entrevista por vários motivos agora relacionados: vergonha, medo, ausência, queremos dizer marcavam as entrevistas e não compareciam, outros desistiram, ou seja, ficaríamos aqui páginas e páginas relacionando os motivos.

Os pontos mais comuns em toda entrevista de: Bruna, Debora, Josie, Michelle, Leandro e Maria, foram destacados aqui nesta análise geral. São moradores do Complexo do Nordeste de Amaralina, que é composto por quatro (4) bairros de Salvador: Nordeste de Amaralina, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, e Chapada do Rio Vermelho, que já foram amplamente discutidos no bojo desta dissertação.

Os estudantes entrevistados são trabalhadores informais: empregada doméstica, manicures, entregador de *iFood*, recicladora de plástico, alumínio etc. Nenhum possui carteira de trabalho assinada, nem contribui para o INSS.

Outro elemento aglutinador: moram de aluguel em casas populares do citado complexo, em ruas dominadas pelo tráfico de drogas e convívio com a violência mais aguda, segundo os seus próprios relatos, quando questionados por que faltaram às aulas, diziam “professor o bicho tá pegando” traduzindo o jargão popular - é que a região está em guerra entre as facções ou com a polícia, ficando trancados em suas residências até o ambiente acalmar, interferindo profundamente na relação estudante e a escola.

Outro traço comum é que todos têm acima de vinte (20) anos de idade, ou seja, não tiveram a oportunidade de estudar na infância e adolescência, bem expostos em seus questionários e entrevistas. A relação entre o ciclo de idade e estudo foi comprometida

no tempo pretérito. Os estudos mais profundos sobre educação apontam que não existe idade certa, e que importante é estudar, mas, dentre os entrevistados o mais novo tem 24 anos e o mais velho tem 62 anos demonstrando uma realidade dispare entre os estudantes cada um carrega em si os problemas que impediram de estudar.

Outro dado significativo é o recebimento de benefícios sociais como: Bolsa Família e Bolsa Presença. Dos seis (6), entrevistados apenas um (1), no caso Leandro não recebe nenhum dos benefícios, mas já está inscrito e aguardando. Os estudantes da EJA em sua maioria se encontram em estado de vulnerabilidade econômica e social e engrossam as estatísticas de beneficiários dos muitos Programas Nacionais. A maioria dos entrevistados recebem até dois (2) benefícios, que somados chegam a R\$750,00, sendo R\$600,00 do Bolsa Família e R\$150,00 do Bolsa Presença. São estudantes que vivem em situação de pobreza, segundo a Agência IBGE, de 2023.

Como se mede a linha da pobreza? A linha da pobreza considera, neste indicador, os domicílios cuja renda mensal per capita (total de rendimentos dividido pelo total de moradores) seja menor ou igual a 1/2 salário mínimo. Pela metodologia do IBGE, os benefícios de transferência de renda não são contabilizados no cálculo da renda domiciliar per capita (IBGE, 2023):

A linha da pobreza considera, neste indicador, os domicílios cuja renda mensal per capita (total de rendimentos dividido pelo total de moradores) seja menor ou igual a 1/2 salário mínimo. Pela metodologia do IBGE, os benefícios de transferência de renda não são contabilizados no cálculo da renda domiciliar per capita (IBGE, 2023).

Depreendem-se das entrevistas um traço subjetivo de acreditar em um futuro ao concluir o curso da EJA para os entrevistados em suas falas fica visível o esperar de oportunidades tanto para o mercado de trabalho bem como a possibilidade de dar continuidade aos estudos superiores de ir para a faculdade ou voltados a novas atividades profissionais tais como: cuidador de idoso, informática, artesanato.

Mesmo diante de uma realidade difícil, os estudantes veem a possibilidade, manifestado por suas falas, de chegarem a concretização dos seus sonhos em tornarem-se profissionais qualificados, ter uma vida melhor no futuro, promovido pela educação, para o ingresso ao mercado de trabalho e apontam que o ensino da EJA é uma porta de entrada para esse futuro que eles acreditam. Sabemos que a oportunidade que a EJA promove é porque acolhe pessoas que, por vários motivos, estiveram fora da escola por anos.

O sonho acalentado de continuar os estudos é uma marca presente nas falas dos nossos queridos estudantes, pois ir para a Faculdade faz parte daquele futuro melhor, não só para si, mas para toda família, pois querem ser vistos como exemplos. Muitos afirmam que o que lhes faz resistir e mobilizar irem para o Manoel Devoto todos os dias é a família, os filhos, a certeza de que podem ter um futuro digno, e a EJA é o elo aglutinador deste sonho.

Apesar de todos elogiarem e acreditarem que a EJA é um degrau para o futuro, a maioria apontam para os problemas pertinente da EJA, em suas críticas descrevem que há muita desorganização entendida como a falta de comunicação na instituição de ensino CEMD, entre alunos e direção e professores da escola, bem como: aulas que eles julgam desnecessárias, e ao mesmo tempo pedem para ter aulas que possam “evoluir”, com o incremento do novo ensino médio ocorreu a inclusão de disciplinas que na percepção dos educandos são entendidas como desnecessária, tais como: tais como sociologia, educação física teórica e filosofia, em suas falas tem que ser disciplinas que façam EVOLUIR podemos entender que trata-se de uma questão social e econômica, como falar corretamente de acordo com a norma culta, ter uma postura crítica diante do mundo, e trato com as pessoas. Daí a fala dos entrevistados que criticam a postura arrogante de certos mestres, a conduta de alguns educadores da instituição, CEMD, são apontadas como intransigentes, grosseiros, e críticas também à forma como conduz suas aulas. De forma unânime, a merenda escolar foi apontada nos questionários e evidenciada nas entrevistas para mudanças no que diz respeito à qualidade e quantidade.

No tocante à qualidade/quantidade, os educandos afirmam que deveria ter janta todos os dias, pois vêm do trabalho e estão com muita fome. Infelizmente, a janta só é servida dois (2) dias na semana, nos demais dias, serve-se café com pão, sopa, mingau, cuscuz com ovo ou suco com biscoito.

Entendemos os pedidos pela janta, que constitui em um alimento mais substancial, entretanto não depende da escola pois há um cardápio instituído pelo governo estadual, bem como a verba disponibilizada não permite desta janta diária, nem mesmo as condições físicas e condizentes de uma cozinha para atender a demanda. Na mesma linha de raciocínio o aluno percebe que o fornecimento da merenda escolar, mesmo com críticas, é o ponto mais atrativo para manter os alunos no curso da EJA, sem a merenda o índice de evasão seria muito maior.

A título de informação a merenda escolar é tão importante para a manutenção e permanências dos estudantes que até no período da pandemia foram suspensas as aulas, mas o fornecimento de cestas básicas continuaram.

Acreditamos que uma maneira mais fácil de se aproximar dos estudantes da EJA seria pela construção de aulas mais interativas e participativas — o que foi feito ao longo de dois (2) anos e, de fato, muito nos aproximou em uma experiência rica e gratificante. A feitura dos questionários e seu preenchimento nos mostrou que não foi tão fácil o quanto pensávamos, pois muitos alunos não queriam responder, saíam da sala, se ausentavam da escola, etc. Com muito esforço, chegamos a um número significativo, até chegar à fase das entrevistas, que se tornou outro dilema, uma vez que a grande maioria dos estudantes se mostrou arredia, desconfiada, negando-se a fazer as entrevistas. Conseguimos, após vários encontros e tentativas, chegar a seis (6) entrevistas.

Do nosso ponto de vista as entrevistas foram reveladoras e mais enriquecedoras do que os questionários, pois expressaram um espectro de sentimentos, que vai da dor a alegria dos nossos estudantes; e ao mesmo tempo é uma técnica bastante enriquecedora transformar sentimentos em palavras escritas. Não à toa, Fontana e Frey (1994) a consideram uma modalidade de interação útil em trabalho de campo, competência reconhecida por Fraser e Gondim (2004)

Em um primeiro momento, construímos as perguntas da entrevista, com o estabelecimento de categorias e de inferências, a partir da fala do entrevistado; as categorias utilizadas nesta pesquisa foram: Categoria: de discussão, onde visa conhecer quem são esses jovens e adultos e como eles se apresentam à sociedade. A categoria do trabalho, ou seja, saber por eles no que trabalham, se desempenham algumas atividade laboral, se estão recebendo algum benefício do governo e/ou na escola, como adquirem a sua renda., como sobrevivem; a categoria sentido da escola, ou seja, como eles percebem a escola, o que significa para eles o ensino da EJA, e quais os motivos que mobilizam eles ir para a escola todos os dias; por fim, a categoria da esperança, ou seja, querer saber deles como pensam a escola, a EJA e como a escola poderia ser mais atrativa para os alunos da EJA.

Uma das características da entrevista semi-estruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado, vejamos a estrutura das perguntas e suas categorias: Quem são esses jovens e adultos, como vocês se apresentam? Trabalho: Qual o trabalho que você desenvolve ou se você tem algum benefício estatal ou qual a sua fonte de

renda? **Sentido da escola:** Qual o sentido da escola para você e por que você se mobiliza para ir à escola todos os dias e o que é a EJA para você? **Esperança:** Como você pensa uma proposta para que a escola seja atrativa para os estudantes da EJA?

Entrevista 1

Ao analisar a entrevista de Bruna Luz, podemos refletir sobre vários aspectos, desde o social até o econômico. Bruna se apresenta como uma mulher mãe solo de dois filhos, sem um companheiro para dividir essa tarefa de criar filhos. Bruna tem 31 anos, cursa o último ano da EJA e em sua fala diz que a educação de jovens e adultos é uma grande oportunidade para quem está atrasado nos estudos:

No momento, para mim, o sentido é... para mim no momento, eu tô priorizando a escola. Tô apostando todas as minhas fichas porque eu acho que a educação é a base de tudo, né? A educação é a gente se tornar uma pessoa melhor. Eu acho que você não consegue nada na vida, construir nada sem os estudos. Então, para mim, a educação é tudo (Luz, 2024).

Sobre o trabalho, Bruna disse que não é autônoma, mas afirmou que trabalha como pode. Afirmou também que está estudando, mas trabalha no que aparece. Infelizmente, sempre tem que deixar os estudos de lado quando aparece um trabalho, mas afirmou que está dando prioridade aos estudos. A estudante Bruna parece não saber o significado da palavra autônomo; ela também disse que é manicure, daí uma contradição explícita em sua fala quando afirma não ser autônoma, mas trabalha visivelmente como uma trabalhadora autônoma. Bem como contradiz ao afirmar estar dando prioridade aos estudos, porém sempre larga temporariamente os estudos quando aparece trabalho por necessidade. Uma realidade da grande maioria.

Sobre receber benefícios do Estado, Bruna respondeu que recebe Bolsa Família e Bolsa Presença. Isso implica que a renda familiar é baixa, mesmo trabalhando como manicure. No tocante ao questionamento sobre educação e visão sobre a EJA, Bruna respondeu que a educação é a base de tudo. E ela aposta nas fichas dela na educação, acreditando que estudando poderá mudar de vida. Ela acredita que a educação tem o poder de tornar uma pessoa melhor. E finaliza dizendo que nada se constroi sem educação.

Sobre o questionamento do que lhe mobiliza ir para a escola todos os dias, Bruna responde que tem dois filhos, um de 12 e outro de 5 anos, e que precisa dar uma

vida melhor para eles e quer ser um exemplo, que os filhos tenham orgulho dela, por estar estudando. Enfatizando que é mãe solo e que precisa garantir o sustento dos filhos:

O que me mobiliza é que eu tenho uma mocinha de doze (12) anos e tem um rapazinho de cinco (5) anos, que é o que me dá força. Eu quero que eles olhem lá na frente, olhem e digam assim: "Eu quero ser igual a minha mãe, eu quero conseguir como minha mãe conseguiu." Eu quero que eles olhem para mim e vejam que... e sintam orgulho, sabe, de mim. Como mãe, eu sou mãe solo, viu? Sozinha. É isso que me mobiliza: meus filhos (Luz, 2024).

Sobre a EJA, diz Bruna que é uma boa área e uma oportunidade para quem está atrasado nos estudos e com a EJA pode alcançar objetivos como terminar o ensino médio. Perguntando-lhe qual proposta para uma EJA mais atrativa para os alunos, respondeu que precisa de mais organização, diminuir aulas que, no seu ponto de vista, são desnecessárias, e acrescentar aulas que interessem às pessoas para evoluir. Comentou também sobre o conforto, apontando para as condições físicas da escola. Disse que as pessoas chegam do trabalho cansadas e não têm um ambiente propício para receber os estudantes, bem como uma merenda escolar de melhor qualidade e quantidade, como ela diz: “Como eu não trabalho de carteira assinada, mas eu tenho uma vida muito corrida e às vezes não dá para comer em casa, a gente chega aqui e tá ruinzinho. Como hoje, eu acho que essas coisas poderiam ajudar, né?” (Luz, 2024). No ponto de vista de Bruna, aumentar a qualidade e a quantidade da merenda contribuiria para atrair uma frequência de alunos da EJA.

Um outro ponto comentado por Bruna foi sentir-se desanimada quando vê alunos desinteressados sendo aprovados. Bruna evoca uma questão de injustiça pelo fato de ocorrer aprovação sem critérios. Bruna prima por uma aprovação criteriosa; ela afirma sentir-se desconfortada quando vê alunos sem compromisso sendo aprovados.

Nota-se no discurso de Bruna e em sua fala nesta pesquisa que ela quer mudanças nos critérios atuais de aprovação. Vê-se esse desejo quando, em sua fala, ela pede rigor para aprovar alunos.

Entrevista 2

Analisando a entrevista de Debora, percebemos que a estudante não tem uma compreensão satisfatória a respeito das diferenças entre Estado e Municípios, visto que ela nasceu em Salvador, mas se confunde com o Estado da Bahia. Isso é um traço

comum que percebemos em conversas com os nossos alunos da EJA: uma incerteza ou confusão entre estado e município ao qual realmente pertencem.

Sobre o trabalho, ela respondeu que trabalha como manicure, maquiadora e faz sobrancelhas. Quando indagada se trabalha como autônoma, ela respondeu: "Infelizmente não, trabalho para outra pessoa aqui no bairro do Rio Vermelho" (Santana, 2024). Debora carrega em si um sentimento de liberdade contratual de ter o seu próprio negócio. Consultada se recebe algum benefício do Estado, Debora respondeu que recebe o Bolsa Presença e que está aguardando o Bolsa Família, mas até agora nada.

Em caráter de observação, o Bolsa Presença é um Programa voltado às famílias com filhos(as) matriculados na rede pública estadual de ensino e em condição de vulnerabilidade socioeconômica. O valor da bolsa é de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) para o estudante matriculado e com frequência regular.

Foi perguntado a ela se tem outra renda além do salário e da Bolsa Presença. Ela afirmou que só recebe o que mencionou. No tocante à categoria "sentido da escola e o que ela representa para você", Debora disse que a escola "representa muita coisa" e acrescentou que é "um esforço muito grande, pois trabalha e não tem muito tempo para estudar", mas está estudando para ter a possibilidade de comprar uma casa, que é seu maior sonho. Ainda comentou que precisa sair do aluguel e do local onde mora e fechou sua fala dizendo que "a escola está sendo uma oportunidade" (Santana, 2024).

Acreditamos que quando ela expressa a palavra "oportunidade", é porque o curso da EJA propicia a facilidade de concluir o curso em menos tempo, dois anos, e sendo voltado para o noturno e para as pessoas que durante o dia necessitam trabalhar para o seu sustento e de sua família. A EJA também possibilita ao estudante continuar seus estudos no nível superior, que é o sonho de muitos estudantes, visivelmente o dela também.

Foi questionado a Debora o que a mobiliza a vir para a escola todos os dias depois de um dia exaustivo de trabalho. Ela disse que o que lhe atrai é "concluir os estudos", e insiste na palavra "concluir", querendo "ser uma pessoa melhor e quem sabe fazer uma faculdade, ser uma profissional" (Santana, 2024). Debora deixa evidente ao nosso entendimento que a EJA tem o condão de permitir que ela venha a tornar-se uma pessoa melhor, no sentido de ter uma profissão regulamentada de nível superior.

Foi inquirido se ela acredita que a educação ainda é o caminho viável. Respondeu: "Sim, para quem quer, para quem tem força e eu sou essa pessoa que está

aqui lutando sempre, no dia a dia" (Santana, 2024). É nítido que a estudante, com um brilho nos olhos, deposita toda a sua garra, força e determinação na escola e acredita que a educação pode mudar a vida dela.

Trazendo a questão do que é a EJA para você, Debora, como você enxerga o ensino da EJA? Pensando longamente, e com o olhar preso no vazio da sala, expressou que a EJA é "boa, pois acelera um pouco os que estão atrasados e com a idade avançada" (Santana, 2024). Neste momento da entrevista, Debora começou a chorar. O que podemos avaliar desse momento em que o choro tem uma fala contida é que, provavelmente, Debora refletiu sobre o tempo perdido por motivos diversos, onde poderia já estar em um curso superior, ou já ter concluído e estar exercendo uma profissão regulamentada como quando afirmou que deseja "tornar-se uma pessoa melhor" (Santana, 2024).

Na sequência, Debora acrescentou que tem algumas atitudes de professores que "vão passando as coisas, ou seja, as tarefas da escola, sem corrigir depois, sem dar um retorno ao estudante". Outros professores colocam os assuntos no quadro branco e não discutem depois o que está certo e o que está errado. Debora aponta algumas deficiências no ensino da EJA, seja no retorno do professor, que não ocorre com alguns, ou na falta de atenção devida às atividades feitas pelos estudantes. Muito difícil argumentar sobre essa situação apontada por Debora, seja por despreparo do professor, descompromisso, ou as condições lamentáveis em que se encontram. O que importa é que a queixa de Debora levanta um grande problema que deve ser resolvido o mais rápido possível.

Na categoria esperança, foi pedido que Debora desse uma proposta para a EJA ser mais atrativa no colégio Manoel Devoto. A estudante salientou que precisa "ter mais comunicação", melhorar a merenda e fazer uma boa reforma física na escola. No tocante à aprendizagem, "a escola está precisando muito" (Santana, 2024). Ainda em sua fala, Debora comentou que a Gestão Escolar precisa aprender a se comunicar com os estudantes e que deveria ter mais reuniões entre direção, professores e alunos. Nesse ínterim, Debora comentou que muitos professores não prestam a devida atenção aos estudantes. Por exemplo, tem um professor, sem dizer o nome, que "está na escola e não vai para a sala de aula" (Santana, 2024). Perguntamos se isso acontece sempre, ao que respondeu: "Geralmente não, mas ontem, 12/05, aconteceu e outras vezes também" (Santana, 2024). Sobre a merenda, Debora, qual o problema? "Acho pouca e às vezes ruim. Tem dias que está boa! Mas às vezes ruim, sem sal, sem açúcar. Hoje, por

exemplo, dia 13/05, teve cuscuz com ovo, mas sem tempero. Falta respeito para ter uma merenda melhor, poucos dias de feijão e falta suco" (Santana, 2024).

Podemos extrair dessa queixa pertinente que a merenda é um ponto crucial para que a escola mantenha a presença dos estudantes. Para muitos, é uma fonte de alimentação extremamente necessária. Como Debora trabalha muito durante o dia todo e é uma jovem de vinte e quatro anos, deve sentir muita fome e quer saciá-la nas dependências da escola. No entanto, não resta dúvida de que a qualidade da merenda deve melhorar. Desta forma, ficou claro que um dos atrativos para a EJA, no entendimento de Debora, é uma merenda com mais qualidade e quantidade, além de uma maior comunicação entre a gestão e a comunidade escolar, a revisão das práticas por parte de certos professores e um ensino mais condizente com os interesses dos estudantes da EJA.

Entrevista 3

A apresentação de Josie segue uma constância peculiar. Ela se autodeclara mãe solteira, com um filho de 13 anos, e está desempregada, uma realidade comum entre os estudantes da EJA. Josie afirma ser da Bahia, embora não identifique de qual município exatamente. Quando questionada sobre ser de Salvador, ela acena positivamente com a cabeça, mostrando que, para muitos entrevistados, ser da Bahia é sinônimo de ser soteropolitano. Outro dado curioso é a prevalência de mães solteiras desempregadas entre os entrevistados.

Na categoria trabalho, Josie revela que recebe o Bolsa Família e o Bolsa Presença, e também trabalha com reciclagem de latas, plásticos e papelão. Ela descreve essa atividade como cansativa e puxada, mas não entra em detalhes. Ao questionar sobre o sentido da escola para ela e o que a motiva a ir todos os dias, Josie responde que deseja "ter uma fonte de renda melhor, um futuro promissor, fazer uma faculdade e se tornar alguém" (Santos, 2024). Essa expressão de "ter um futuro melhor" é comum entre os entrevistados, refletindo o desejo por estabilidade e realização pessoal.

Quando perguntada se acredita que a escola pode proporcionar uma vida melhor, Josie responde afirmativamente e destaca que a EJA abre possibilidades para sonhar com um futuro mais promissor. Para ela, a EJA é "boa, porque a gente que trabalha de dia não tem condições de frequentar a escola e, de noite, tem a oportunidade de aprender um pouco, de ser alguém" (Santos, 2024). A EJA permite conciliar o trabalho

com os estudos e visualizar um futuro que seria mais difícil na modalidade regular de ensino.

Josie destaca a importância de uma merenda escolar melhor para garantir o bom funcionamento da EJA, especialmente considerando a vulnerabilidade socioeconômica dos alunos. Ela afirma que "uma merenda melhor" é necessária, já que "às vezes a gente trabalha o dia todo, fica sem se alimentar... chega aqui é só uma besteirinha... um suquinho que não enche nossa barriga" (Santos, 2024). Além disso, sugere a inclusão de cursos práticos, como computação e artesanato, para "distrair a mente" e oferecer oportunidades de aprendizado profissionalizante. Josie expressa o desejo de "aprender a mexer no computador" e acredita que os estudantes da EJA estão interessados em acompanhar as tendências modernas.

Diante de sua maturidade e compreensão da realidade, Josie deixa um conselho claro e enfático para seus amigos: "Não desistam dos seus sonhos, nunca é tarde" (Santos, 2024).

Entrevista 4

Michele, moradora do Complexo do Nordeste de Amaralina, afirma ser uma pessoa em busca de melhorias, inspirada pela trajetória de sua mãe, que se tornou técnica de enfermagem. Ela explica: "Quem eu sou... Eu sou uma pessoa que está procurando uma melhoria, estudando para buscar uma melhora, porque minha mãe lutou muito, uma guerreira, para hoje ser técnica de enfermagem, e eu estou aqui procurando uma melhora" (Fonseca, 2024). O exemplo de sua mãe é uma forte motivação para ela continuar seus estudos e almejar um futuro melhor.

Michele atualmente faz estágio de iniciação científica na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde recebe uma bolsa. Ela também conta que, no âmbito da EJA, recebe o benefício do Bolsa Presença, mas não tem outra fonte de renda. O fato de morar com seus avós, apesar de falar tão positivamente de sua mãe, sugere que há questões familiares que ela preferiu não abordar mais profundamente.

Sobre a escola, Michele destaca o desejo de um futuro melhor e vê a EJA como uma oportunidade para se formar e buscar uma vida mais promissora. "Procuro um futuro... Se formar... O que estou procurando para lá na frente é um futuro melhor, uma faculdade, para me formar para algo melhor, uma vida melhor para minha mãe" (Fonseca, 2024). Essa motivação pessoal é complementada pelo apoio emocional de sua avó, que parece ser uma figura crucial em sua vida diária.

Quando questionada sobre o que poderia melhorar na EJA, Michele expressa descontentamento com algumas disciplinas que, em sua opinião, são desnecessárias e não correspondem às necessidades dos alunos. Ela acredita que a introdução de disciplinas mais práticas, como informática, seria benéfica, especialmente considerando a realidade do mercado de trabalho atual. "A gente não tem computador e quando tem não usa... a escola oferece a disciplina na teoria, por que não tem as máquinas" (Fonseca, 2024). Isso reflete o desejo dos alunos da EJA por uma educação mais prática e adaptada às exigências tecnológicas do mercado de trabalho.

Por fim, mesmo sendo uma crítica à estrutura curricular e às práticas pedagógicas, Michele demonstra comprometimento com seus estudos, evidenciando que, apesar dos desafios, ela não planeja desistir de sua formação.

Entrevista 5

Se apresentou dizendo ter 29 anos e gosta de ajudar as pessoas e foi por isso que fez o curso de bombeiro civil. Então perguntamos se desenvolve a atividade de bombeiro ou se recebe algum benefício do estado e qual a sua fonte de renda?

Leandro salientou que fez o curso, mas ainda não achou o emprego, que não recebe nenhum benefício do estado e que ganha a vida fazendo entrega do iFood. Deixou claro que não gosta, acha muito perigoso cortar a cidade fazendo entrega de bicicleta. Mas é o que achou para sobreviver, e finalizou dizendo: "fiz o seu cadastro tudo certinho, mas não tenho benefício. Nunca recebi nada, esse governo não presta, muito desorganizado. Tem gente que nem precisa como eu, conheço... recebe e ainda fica tirando onda, risos, risos..." (Reis, 2024).

De fato, Leandro parece ser uma pessoa que gosta de gente, diante de sua crítica ao governo no tocante à distribuição dos beneficiados sociais, que não recebe por incompetência do governo, não sente raiva dos seus colegas que recebem e ainda fazem gozação com ele. Aproveitando o momento de emoção, perguntamos a Leandro qual o sentido da educação para você? Como é que você enxerga a educação? Sua resposta foi muito convincente: "Sem educação a gente não consegue nada. Sem educação, eu não estaria onde cheguei. Sem educação, talvez eu não estaria onde estou nem teria chegado" (Reis, 2024). Percebe-se que Leandro vê na educação a possibilidade de crescimento social. E nesta mesma toada, foi perguntado: o que é que mobiliza Leandro Nascimento dos Reis a vir todos os dias para o Colégio Manoel Devoto, depois de um dia de muito trabalho? O que lhe mobiliza? Sem hesitar, respondeu: "Eu vou chegar,

vou concluir o ensino médio, construir o meu castelo, digamos assim, meu futuro. Graças a Deus, esse ano é meu último ano e estamos aí" (Reis, 2024). Com o término do Ensino Médio, Leandro acredita que poderá construir o seu castelo, seu futuro, mesmo trabalhando muito acredita que o ensino vai mudar a sua vida.

Desta feita, perguntamos a Leandro: "E o que é a EJA para você? O que é a Educação de Jovens e Adultos para Leandro?" Ele respondeu: "Eu vejo a educação de jovens com tranquilidade. Na minha opinião, eu acho muito importante a inclusão de pessoas que abandonaram a escola lá atrás, seja por causa do filho, seja por causa do trabalho, e que não conseguem mais voltar. Mesmo com tempo de sobra, não conseguem voltar, e eu acho isso muito importante para essas pessoas. Muito bom" (Reis, 2024). Sua narrativa nos leva a crer que vê com bons olhos o papel da escola e da EJA em apoiar os alunos que precisam voltar a estudar.

Finalizando nossa atividade, foi perguntado a Leandro: "Como você pensa em uma proposta para a escola ser mais atrativa para o aluno da EJA?" Colocamos na íntegra a fala de Leandro: "Uma proposta para a escola? Infelizmente, né? É a questão financeira, é esse Bolsa Presença, nosso Bolsa Presença que tem resultado perigoso, eu acho. Infelizmente, por causa do benefício e não porque as pessoas gostam de estudar, e é muito triste essa realidade. Tem gente que faltou esse ano só para poder vir no outro ano só por causa do benefício, sendo que está atrasando a vida, está atrasando o futuro" (Reis, 2024). Ele faz uma crítica aberta ao benefício da Bolsa Presença, que, na visão dele, atrapalha mais do que ajuda os estudantes.

Percebe-se uma certa consciência na fala de Leandro quanto ao benefício da Bolsa Presença, pois acaba viciando os estudantes. Mais uma vez perguntamos: "Então você vê que o benefício é necessário, mas ao mesmo tempo ele acaba também prejudicando o aluno?" Ligeiro e firme em sua resposta: "Sim, pode atrasar o aluno aqui para um emprego lá fora. Tem colegas que não querem se formar para ficar só recebendo a Bolsa Presença. Deveria fiscalizar melhor os alunos com a Bolsa Presença. Outra coisa: a escola deveria ser um pouco mais cedo" (Reis, 2024). Leandro pede que haja mais fiscalização quanto ao direcionamento da Bolsa Presença. Em sua fala, ele disse que a escola deveria começar mais cedo, às 18 horas, e não às 19 horas. Ele insistiu em voltar à questão do benefício: "Sim, pode atrasar o aluno aqui para um emprego. Tem colegas que não querem se formar para ficar só recebendo a Bolsa Presença. É preciso estabelecer uma ordem que não prenda o estudante à ilusão de ficar recebendo uma bolsa que não vai mudar a vida dele" (Reis, 2024). Trocando ideias,

levamos Leandro a pensar sobre os inconvenientes dos horários, as questões de trânsito, do engarrafamento, do trabalho dos estudantes. Você acha que esse horário daria certo? Leandro refletiu melhor e acabou aceitando o horário estabelecido pela SEC.

Entrevista 6

Ao iniciar a entrevista com Dona Maria Ana, percebemos seu nervosismo e, para tranquilizá-la, fizemos uma pequena explanação, diferentemente dos outros entrevistados, sobre qual a intenção ou propósito da entrevista. A partir daí, Dona Maria Ana ficou mais serena e começou sua narrativa se apresentando. Disse que se chama Maria Ana Tereza dos Santos, de 61 anos, casada duas vezes, tem três filhos, mora no bairro da Santa Cruz e veio do interior de Santo Antônio de Jesus nos anos 70. Começou a contar sua história de vida narrando ter vindo do interior ainda jovem, provavelmente mocinha, de família muito pobre, trabalhando como doméstica, “em casa de família”, como afirmou na entrevista. Porém, diz não aguentar mais e deseja sair do trabalho de doméstica. Afirma também que gosta de ir à escola e de estudar.

Disse também que conheceu seu primeiro marido em Salvador e tiveram um filho, mas que, por conta da bebida dele, brigavam, e, numa dessas brigas, ele a ameaçou de morte. Por medo, ela saiu de casa e do trabalho, levando o filho para não morrer. Conseguiu outro trabalho como doméstica, que também acolheu seu filho. Conheceu outro rapaz com o qual convive até o presente momento, e com ele teve dois filhos.

Na segunda pergunta, sobre se recebia algum benefício do Estado e qual sua fonte de renda, ela respondeu que só possui o Bolsa Família; porém, antes, fez um desabafo sobre seu trabalho, dizendo que “não mais trabalhará como doméstica em virtude de receber pouco para as muitas exigências do emprego.” Afirmou também que irá trabalhar de faxineira, por entender que assim terá mais tempo para organizar sua casa. Então, pergunto se ela tem carteira de trabalho assinada neste trabalho de doméstica. Dona Maria, com um ar de tristeza e um riso, responde negativamente, que foi feito um “acerto” e que “eles”, seus patrões, dizem que não podem assinar sua carteira de trabalho. Daí a repetição em sua fala de que vai deixar de ser trabalhadora doméstica, ou seja, deixar de ser explorada!

Na terceira pergunta, "Qual o sentido da escola para a senhora? Por que a senhora se mobiliza para ir à escola todos os dias e qual o sentido da EJA para a

senhora?", ela declarou que se sentia muito sozinha à noite porque seus filhos estão independentes e seu marido, quando faz "bico", chega tarde da noite. Diante desse fato, uma vizinha que estuda no colégio Manoel Devoto a convidou para estudar. De início, Dona Maria achou que, por conta de sua idade e da labuta do dia a dia, não conseguiria estudar, mas se descobriu gostando e vendo uma oportunidade de "melhorar de vida frequentando a EJA." Vê na EJA muitas vantagens, como: amizades, companheirismo, um refresco para a mente. Além da amizade, a escola tem muitas atividades, muito movimento, festas, quadrilha de São João, tem tudo...

Acreditamos que esse "melhorar de vida" frequentando a EJA, para Dona Maria, representa a oportunidade de mudança de vida, qualificando-se para o mercado de trabalho. Insistindo no que a mobiliza a ir para a escola todos os dias, Dona Maria Ana responde que "gosta do contato com as pessoas, de conversar (fazer amizades) e, principalmente, 'de aprender muitas coisas que no seu dia a dia ela não vê', pois no curso da EJA os professores trazem muita 'novidade pra gente'" (Santos 2024). Na fala de Dona Maria Ana, entendemos, pela sua empolgação ao falar, o quanto a EJA a tem ajudado no seu desenvolvimento. Mesmo tendo uma certa idade, ela tem boas expectativas com o curso, como veremos mais adiante. Dona Maria Ana responde que a EJA é uma "porta" que se abre não só na questão da aprendizagem, mas também na oportunidade de ter um certificado, que ela chama de "diploma", para a possibilidade de melhorar na vida, conseguindo um trabalho melhor, nas suas palavras.

Na categoria de pensar numa proposta para que a escola seja atrativa para os alunos da EJA, Dona Maria Ana aposta na profissionalização, ou seja, que além da formação geral oferecida pela EJA, também se qualifiquem os estudantes para o mercado de trabalho. Ela mesma apresenta uma possibilidade, como um curso para cuidador de idosos, alegando que atualmente "muitos idosos precisam de acompanhante e companhia para as atividades do cotidiano" (Santos, 2024)

Como podemos observar, Dona Maria Ana vê, cursando a EJA, a oportunidade de melhoria de vida, tornando-se "uma pessoa melhor" (2024) e mais preparada para a vida e o mercado de trabalho, apesar da idade que possui. Vê a EJA como algo que dá sentido à sua vida, pois a partir da EJA percebe o mundo um pouco melhor.

Considerações Finais

Nesta seção, foram apresentadas considerações acerca do estudo realizado, refletindo sobre os objetivos traçados e os resultados alcançados. A análise abrange os elementos investigados ao longo da pesquisa, bem como a relevância das descobertas para compreender os fatores que influenciam a permanência dos estudantes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A seção também busca avaliar se os objetivos gerais e específicos foram atingidos, contextualizando as informações coletadas no processo de pesquisa e destacando suas contribuições para a valorização e fortalecimento do curso. A seguir, cada objetivo foi abordado detalhadamente, com uma análise reflexiva dos dados e das percepções que emergiram ao longo do estudo.

O colégio estadual Manoel Devoto, instituição tradicional da cidade do Salvador que desde a década de cinquenta presta relevantes serviços à sociedade soteropolitana no campo da educação pública, e desde 2019 implantou o curso da EJA, etapa Conclusão da Educação Básica. A (EJA) é considerada uma modalidade da educação básica que se caracteriza como educação pública para pessoas com experiências diferenciadas de vida e de trabalho, garantindo a jovens e adultos (a partir de 15 anos) o direito à formação, e assegura-lhes a permanência e a continuidade dos estudos. Como o título **REVISTA DIGITAL: ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA NA EJA DO COLÉGIO ESTADUAL MANOEL DEVOTO**, esta pesquisa possibilitou estudar a realidade do CEMD bem como, dos estudantes da EJA.

O principal objetivo deste estudo foi compreender os fatores que contribuem para a permanência dos estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual Manoel Devoto, a partir das percepções dos alunos entre os anos de 2022 e 2024. A pesquisa foi guiada pela questão central: Por que os estudantes das turmas da EJA permanecem na escola?

Para responder a essa pergunta, foram definidos objetivos específicos que poderiam ter sido alcançados por meio de estratégias que conectam o ambiente escolar às experiências e necessidades dos alunos. O mapeamento das razões e circunstâncias que levam à evasão poderia ser aprofundado através de entrevistas e questionários sensíveis às vivências dos estudantes. A análise das histórias de vida teria como foco

valorizar a individualidade dos participantes, permitindo uma visão mais humanizada sobre as motivações e os desafios enfrentados.

A identificação dos fatores que incentivam a permanência, como o apoio institucional, a relevância dos conteúdos e a construção de vínculos, poderia ser realizada por meio de grupos focais e observações do cotidiano escolar. Por fim, a apresentação de uma revista virtual, reunindo histórias inspiradoras e propostas atrativas, seria um instrumento potente não apenas para valorizar a trajetória dos alunos, mas também para engajar outros jovens e adultos a se aproximarem do curso da EJA, consolidando uma ponte entre suas aspirações e a educação formal.

Com a pesquisa participante, foi possível inferir que a mobilização dos sujeitos educandos em seu processo educativo na escola foi se constituindo a partir dos vínculos que foram se construindo ao longo do desenvolvimento desta situação de prática educativa — prática de pesquisa. Vínculos foram construídos, baseados na relação de confiança, que foi exercitada no dia a dia do chão da sala, e no fortalecimento da comunidade escolar, no diálogo horizontal entre professor, estudantes e gestão. O caso de gestão estudado buscou compreender os motivos que levam os alunos da EJA a permanecer no Colégio Estadual Manoel Devoto, uma das muitas escolas públicas da cidade de Salvador, situada no Rio Vermelho que atende aos estudantes da comunidade do complexo do Nordeste de Amaralina. A pesquisa transcorreu entre os anos de 2022 a 2024 nas salas de aula do Colégio Estadual Manoel Devoto nas turmas: 6a, 6b, 6c e 7a, 7b e 7c no turno noturno, onde desenvolvemos: aulas expositivas, júri simulado, assistimos e debatemos sobre filmes, documentários, promovemos mesas redondas, seminários entre outras atividades pertinentes para se aplicar em uma sala de aula.

Também foram desenvolvidos ao longo do tempo dois (2), questionários nas turmas contendo três (3) perguntas de forma direta no primeiro questionário. No segundo (2) questionário, foram desenvolvidas cinco (5) perguntas mais intimistas. Cerca de 167 questionários respondidos. E por fim realizamos seis (6), entrevistas com os estudantes. Acreditamos que um ponto alto e inovador nesta pesquisa foram os depoimentos dos estudantes acerca da EJA, de como eles se percebem na escola, na comunidade escolar, o que gostariam de mudar, como eles percebem os ensinamentos introduzidos no curso da EJA, e toda pesquisa se desenvolveu a partir do vários olhares dos estudantes dando vida e voz a estes que se percebem excluídos da escola e da sociedade. No seu imaginário ninguém quer ouvi-los ou saber dos seus problemas.

Assim, culminamos este trabalho com a produção final de uma revista digital que traz justamente a fala dos estudantes, seus sonhos, seus desejos, o que acreditam, o que criticam, enfim uma revista a partir de suas perspectivas. A inovação está na construção participativa e integral dos estudantes pois foram eles que escreveram a revista, e a dissertação é sem dúvida um diálogo contínuo e profícuo entre o pesquisador e os pesquisados. A escolha da técnica de História de Vida, busca ouvi-los deixar que fale as suas emoções e visão de mundo, suas perspectivas de vida, suas intenções profissionais, suas angústias e alegrias que estão contidas em cada página desta dissertação e na revista: RED — Revista EJA Devoto que é o produto final deste Mestrado Profissional do Programa Mpeja – UNEB.

Outro ponto de destaque é o fato da pesquisa trabalhar com o conceito de permanência com os estudantes da EJA do Ensino Médio a partir dos seus próprios relatos de vida construindo e demarcando o que a escola deve oferecer para que a permanência ocorra plenamente. A inovação também está relacionada com a Linha 3 do programa MPEJA – UNEB — Área de Concentração Gestão Educacional e Tecnologias da Informação e da Comunicação Edital 117/2021 Seleção 2022.2, que busca incluir os estudantes da EJA no mundo digital pois a dissertação teve como um produto final a elaboração e publicação de uma Revista Digital feita por várias mãos e produzida nas salas de aulas da EJA com seus estudantes e pesquisador.

Elementos pedagógicos que foram se incorporando ao cotidiano da prática educativa nas turmas da EJA como grupo focal, em especial nas entrevistas, discussões, bate papo, roda de conversa, questionários, e todos os arranjos metodológicos que se constituíram em dois (2) anos de preparo e pesquisa participante nas turmas 6 a, b, c no primeiro ano e 7 a, b e c no segundo ano que se refletiram na participação efetiva dos sujeitos, Nesta experiência de pesquisa fomos conduzidos por caminhos de construção coletiva, de partilha de saberes, ressignificações, ampliações, aprendizagens novas. E também de resistências. Resistências compartilhadas por passageiros da noite, sujeitos educandos e sujeitos professores, em sua viagem de ensinar e aprender, de aprender e ensinar, mesmo lutando contra o cansaço do dia, o peso das dificuldades econômicas e sociais.

Ao longo do desenvolvimento dessa experiência de pesquisa tendo como fundamento a nossa prática pedagógica, foram surgindo diversas questões, às quais não puderam ser respondidas neste trabalho, nem era nossa intenção trazer soluções e respostas prontas como receitas. Mas conseguimos de certa forma conhecer um pouco a

realidade dos estudantes da EJA, seus sentimentos, seus sonhos, seus desejos e um pouco das suas histórias de vida, narradas por eles mesmos, coletiva e em particular.

Dois (2) questionários foram desenvolvidos, sendo o primeiro com (3) perguntas objetivas e o segundo (5) perguntas de cunho mais intimista sobre vida, infância, família, etc, 169 questionários foram respondidos, e seis (6) entrevistas coletadas. Mas antes de tudo, essa experiência só foi possível pela entrega e abnegação dos sujeitos educandos, que a partir da tomada de consciência de suas realidades adentraram à escola em busca de sonhos, de futuro, de esperança de dias e de vida melhor.

O universo da pesquisa se deu CEMD nas turmas 6a, 6b e 6c e 7a, 7b, e 7c onde havia cerca de 300 estudantes matriculados, entretanto frequentando de forma estável contamos um resultado de duzentos e quarenta (240) estudantes aproximadamente, com frequência regular inicialmente.

No nosso entendimento, a pesquisa sofreu algumas lacunas, por exemplo: os questionários não tiveram a participação de todos os estudantes da EJA, por diversos motivos que podem ser notados pela evasão crescente com o passar dos meses, pela descontinuidade da presença física na escola, ou seja, muitas faltas, o não querer participar da pesquisa, não se comprometer, não comparecer mesmo dizendo que queria participar, deixar as respostas em branco, enfim um conjunto de fatores que influenciaram na construção e resolução dos dois (2) questionários que juntos somaram cento e sessenta e sete (167) questionários respondidos pelos estudantes. Uma soma que entendemos ser uma lacuna enorme em relação aos números de matriculados e dos estudantes frequentes.

Também construímos uma Revista Digital, onde inicialmente convidamos cerca de trinta (30) estudantes a participarem e que se comprometeram em dar as entrevistas, mas o tempo foi corroendo as nossas expectativas, as faltas foram se avolumando, as inconstâncias cada vez maiores, estudantes que apareciam uma (1) semana e desapareciam (3) semanas, além dos diversos motivos, mencionados pelo próprios estudantes como: vergonha, não querer participar da entrevista, medo de se indispor com a comunidade escolar, não querer se expor, etc. Quando do final só seis (6), estudantes fizeram as entrevistas

É de bom tom salientar que os estudantes da EJA buscam na escola um acolhimento diferenciado que nem sempre acontece, fortalecendo assim um ciclo de descontinuidade dos estudos, ou seja um abandono forçado pelas contingências da vida, pelo desinteresse governamental em atender de forma adequada ao público da EJA,

enfim, um interminável ciclo de frequência e infrequências, casos de abandono por motivos de trabalho, família, violência e sobrevivência.

Nesse caminho, as categorias de análises que utilizamos para apreciar os dados de nossa pesquisa, para entender as contribuições que mantêm os estudantes presentes, assíduos, determinados a estudarem e terminarem o curso da EJA no CEMD. Foram atentamente utilizadas as categorias da esperança, do trabalho, da discussão, do sentido da escola, bem como foram analisados os saberes escolares e saberes da vida, os saberes populares das comunidades dos sujeitos educandos poderiam contribuir na (re)construção e na permanência destes sujeitos da EJA.

Percebemos que, a permanência, está atrelada a um bem maior, um desejo, um sentido que orienta o se fazer presente na escola, por entender que a educação que lhe foi negada antes, é o que poderá mudar as suas vidas – por isso falas como ser uma pessoa melhor, ter um futuro, ser alguém, conquistar algo, ser um exemplo para a minha família, dar um exemplo para os meus filhos. Assim foi a nossa rotina composta de reuniões periódicas coletivas para avaliação do processo educativo contribuindo para que juntos refletirmos não só a prática de forma sistematizada. Mas, que os sujeitos da EJA se enxergassem parte deste processo educativo de forma compartilhada com o professor e seus amigos, reforçando seus elos e se tornando mais fortes e decididos a cada dia.

A pesquisa participante permitiu que vislumbrassemos que o processo de construção da autonomia dos estudantes enriqueceu as suas vidas lhes dando poder de sustentar os seus desejos independente do que a realidade lhe obrigavam, estudantes que não se renderam e não vão se render as agruras da vida.

Esse movimento, na compreensão dos sujeitos educandos, os impulsiona à mudança, materializada em seu entendimento, na melhoria de atuação no trabalho, na progressão do emprego, na satisfação pessoal, na melhoria de vida, na conquista de sonhos, na capacidade de ser seguido como um bom exemplo em sua comunidade, no sentido de atrair pessoas para a escola e no crescimento social.

Realizar esta pesquisa, da forma como foi se desenvolvendo, em partilha de saberes, em relações horizontalizadas, pensando a partir do lugar da escola, mas em confluência com o lugar acadêmico, foi um desafio e uma experiência ímpar, singular. Vivenciar os vínculos que foram sendo construídos, observar e presenciar a mobilização dos sujeitos participantes ao perceberem suas capacidades, contribuiu para compreendermos que a EJA é por si só um lócus de resistência e enfrentamento social.

A potência desta pesquisa é revelar ao grande público que os estudantes da EJA podem e devem ser incluídos como cidadãos sujeitos de direito e participantes ativos da cidadania e que devem ser respeitados na comunidade escolar, bem como em toda a sociedade. E que as suas histórias de vida e experiências devem ser percebidas como um elo aglutinador para o fortalecimento da escola e que as suas vozes podem ecoar pela revista e serem ouvidos por muitos ouvidos.

Como é uma revista digital, pode ser acessada por um simples celular, a escola Manoel Devoto pode incluí-la no seu blog, pode levá-la para a SEC – Secretaria de Educação da Bahia e transformá-la em um portal que várias pessoas possam ter acesso e conhecimento, e se verem na Revista. A RED – Revista EJA Devoto tem esse intuito de ser levada aos quatro (4) cantos da Bahia como um farol para iluminar o retorno destes estudantes da EJA no Estado da Bahia, sem custo para quem acessa.

Esta pesquisa nos deixa como legado a visão de que a EJA é um processo revolucionário constante e profícuo e que a concepção norteadora das suas práticas aplicadas na EJA vão configurando e substancializar um processos de democratização dos saberes, do crescimento dos estudantes e centrando um lugar de lutas único que só a escola públicas pode oferecer ao verdadeiro povo brasileiro pois não vemos a presença do povo em outras instituições como vemos nas escolas e em especial na EJA.

Outro sim, podemos dizer que o objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, pois notadamente a pesquisa chegou ao resultado que os motivos que contribuem para a permanência na EJA do CEMD são os explicitados pelos estudantes nos questionários e nas entrevistas – que são a crença na educação como o facilitador de uma futuro melhor, o conhecimento adquirido na EJA como uma porta aberta para os estudos superiores e, condições para alcançar um emprego formal e melhores salários, entre outros elementos norteadores como uma escola inclusiva, uma pedagogia atenta às suas necessidades; como ponto alto da pesquisa evidenciado nas entrevistas, a questão da merenda escolar. Chegamos à conclusão que boa parte da permanência se dá pelo acesso à merenda escolar, que, espera-se, seja de qualidade e quantidade. Ou seja, os elementos que geram uma comunidade escolar forte e acolhedora.

Referências

ARAÚJO, Flavia Lorena de Souza. *Educação, Juventude e Agricultura Familiar Agroecológica: O Caso do Território de Identidade de Irecê*. 2012.

ARROYO, Miguel. *Formar educadoras e educadores de jovens e adultos*. In: SOARES, Leônicio. *Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD/MEC/UNESCO, 2006.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

BRASIL. *Constituição 1988*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Gráfica do Congresso Nacional, 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 11/2001 e Resolução CNE/CBE nº 1/2000*. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. *Emenda Constitucional nº 59*, de 2009.

_____. LDB. *Lei 9394/96*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 30 ago. 2015.

CELLARD, A. *A Análise Documental*. In: POUPART J. et al (orgs). *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológico e metodológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERVO, A; BERVIAN, P.A. da Silva, R. *Metodologia Científica*. 6º ed. São Paulo: Pearson, 2006.

DOMINICÉ, Pierre. *A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos*. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias. *O método (auto)biográfico e a Formação*. Natal: EDUFRN.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Sandra/Entrevistas%20em%20pesquisas%20qualitativas.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

FERRARROTI, Franco. *Sobre a autonomia do método biográfico*. In A. Nóvoa, y M. Finger. *O método (auto)biográfico e a formação (17-34)* Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

FERRARROTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais*. Natal: EDUFRN, 2014.

- FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José Eustáquio. *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar um Projeto de Pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HADDAD, Sérgio. *Tendências Atuais na Educação de Jovens e Adultos*. Em Abertos, Brasília, ano 11, nº 56, out/dez, 1992.
- JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Revista Educação, 2007. p. 413-438
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Revista Educação, ano XXX, p. 413-438, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da Metodologia Qualificada*. São Paulo: Atlas, 2003.
- LÉVY, A. (2001). *Ciências Clínicas e Organização Sociais*. Belo Horizonte: Editora Autêntica
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MIRANDA, Alair dos Anjos Silva de. *Educação de Jovens e Adultos no Estado do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2003.
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias. *O método (auto)biográfico e a Formação. Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida)*.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões*. In: PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis: DP&A, 2009. p. 97-107.

PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês B. de Oliveira. *Educação de Jovens e Adultos*. Petrópolis: De Petrus, 2009.

PEREIRA, Antônio. *Pesquisa de Intervenção em Educação*. Salvador: Eduneb, 2019.

RIBEIRO, Vera Maria Mosagão. *Educação de Jovens e Adultos: ensino fundamental proposta curricular*. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

SAVIANE, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino. *Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida*. In: Salto para o futuro: histórias de vida e formação de professores. TV Escola. Boletim 01, mar. 2007.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. *Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 37, n. 2, p. 119–126, jun. 2003.

STRECK, Danilo; SANTOS, Karine. Educação de Jovens e Adultos: *Diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular*. EccoS – Revista Científica, [S. l.], n. 25, p. 19–38, 2012. DOI: 10.5585/eccos.n25.3215. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3215>. Acesso em: 5 maio. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução e Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

IBGE. *Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*, 2019. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.ogr.br/em-debate/abandono-evasao-e-scolar/>.

ANEXO 1 — Revista EJA Devoto (RED)

ANEXO 2 — DOCUMENTAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto?

Pesquisador: JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79818923.2.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Educação- Campus I

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.950.776

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Mestrado em Educação de Jovens e Adultos da UNEB de Salvador.

Resumo informado pelo autor:

"A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio Estadual Manoel Devoto (CEMD), acontece no turno noturno e sua introdução data do ano de 2019, devido ao fechamento do turno noturno do EJA no Colégio Estadual Euclides de Matos, cujos alunos foram transferidos para o colégio Estadual Manoel Devoto, que hoje conta com seis turmas distribuídas em EJA 6 e EJA 7, sendo 4 turmas do EJA 6 e 2 turmas do EJA 7, assim distribuídas e correspondem EJA 6 ao primeiro e segundo ano do ensino médio e o EJA 7 ao terceiro ano do ensino médio. A composição das salas tem em média 40 alunos matriculados, mas efetivamente frequentando uma média de 18 alunos, as salas são distribuídas em: EJA 6: A, B, C e D e EJA 7 A e B".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral: é analisar e propor medidas para entender os alunos que permanecem e contribuem para diminuir a evasão escolar na EJA do Colégio Estadual Manoel Devoto, e ou mesmo tempo buscar entender porque os alunos permanecem no curso diante de tanta evasão e como as ações na Gestão Escolar e seu projeto político pedagógico, podem contribuir para a permanência dos educandos.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 6.950.776

Objetivo Secundário:

Objetivos específicos:

Mapear as razões e circunstâncias que provocam a evasão e encontrar nos relatos elementos que permitam tratar a situação formativa, no contexto do ensino de história, para mobilizar projetos pedagógicos de permanência escolar; Construir estratégias de formação, a partir dos relatos autobiográficos, que, utilizando a memória de si na EJA, revelem os problemas que levaram à evasão, para mobilizar estudantes para a permanência; Promover a difusão das estratégias formativas pela memória e história de si, entre os professores de História do CEMD, para que contribuam no projeto de permanência dos estudantes; Apresentar uma cartilha ou revista física e virtual com histórias e propostas para a aproximação dos jovens e adultos da EJA, dos professores e da Gestão Escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados dentro da eticidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 ✓ Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;
- 2 ✓ Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 ✓ A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;
- 4 ✓ A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 ✓ TCLE: É preciso retirar a foto do pesquisador do lugar da datiloscopia do participante da pesquisa;
- 7 - Termo de Concessão: Dispensado;
- 8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Dispensado;
- 9 ✓ Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 6.950.776

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.79818923.2.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2168769.pdf	04/07/2024 14:45:17		Aceito
Outros	TERMO_INSTITUCIONAL_DA_PROPONENTE.pdf	04/07/2024 14:27:03	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	TERMO_INSTITUCIONAL_DA_COPARTICIPANTE.pdf	04/07/2024 14:26:10	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	09/04/2024 21:43:25	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA.pdf	09/04/2024 21:41:27	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	09/04/2024 21:36:18	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_.pdf	09/04/2024 21:33:43	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

**UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB**



Continuação do Parecer: 6.950.776

Ausência	TCLE_.pdf	09/04/2024 21:33:43	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PREPROJETOUNEB.pdf	02/07/2023 15:47:40	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	02/07/2023 15:44:20	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/07/2023 15:34:21	JOAO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 16 de Julho de 2024

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o (a) pesquisador (a) João Augusto Lima a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto? O qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

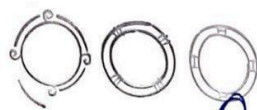
Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 12 de abril de 2019.

Romero Day Santos
Assinatura e carimbo do
Responsável institucional

Carimbo institucional

Avenida Engenheiro Oscar Pontes, s/n 3º andar, sala 1 - Antigo prédio da Petrobras
Água de Meninos | Salvador - BA CEP 40460-120
Telefone: +55 71 3216-1330
e-mail: cepuneb@uneb.br
<http://portal.uneb.br/comitedeetica>



D S T Q Q S S

Questionário no 1

- 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola E.E.M.D?
- 2) Do que você gosta no E.E.M.D? E se você pudesse, o que mudaria nele?
- 3) Quais os motivos que contribuíram para sua permanência no ~~colégio~~ curso do EJA?

Questionário 2

- 1) Relate sobre sua infância
- 2) " " a sua adolescência
- 3) Memórias de família
- 4) " de Escola
- 5) " do Trabalho

S.O.



Feito OK

Colégio Estadual Manoel Devoto

Disciplina – história

Professor - João Augusto Lima de Oliveira

Aluno

Elias EJA 7B

Turma da EJA

Atividade

No segundo momento vamos intensificar com perguntas de cunho mais intimista onde pedimos para que se identifique, e que façam relatos sobre sua:

- a) Relate sobre sua infância
- b) Relate sobre a sua adolescência
- c) Memória da família
- d) Memória da escola
- e) Memória do trabalho

A) Tive uma infância disertida, brincava muito com minha família e amigos.

B) Tive uma adolescência humilde e conturbada por problemas de convivência familiar.

C) Minha memória é uma família desunida e agressiva

D) Nos últimos anos foram ótimos, mas no início foi perturbador, não recomendo kkk

E) Meus trabalhos sempre foram ótimos, cansativo porém disertido e com bastante vivência

Atividade pontuada II unidade - EJA ME

ENSINAR o aluno a pesquisar, questionar e refletir sobre conceitos sociais, pessoais e políticos, edificando suas próprias opiniões, para a vida em sociedade, como também promovê-lo para o campo acadêmico e profissional, socializar, humanizar, além das muitas funções, permite-nos afirmar que: assim como a família, a ESCOLA é essencial para a formação do indivíduo.

Responda as questões abaixo:

- 1) 1) Qual a sua opinião sobre a sua escola - Colégio Estadual Manoel Devoto? Não muito boa!
- 2) 2) Do que você gosta no Colégio Estadual Manoel Devoto? E se você pudesse, o que mudaria nele?
- 3) 3) Quais os motivos que contribuem para sua permanência no curso da EJA?

Resposta:

1º) Não gosto de nada. Mudaria as salas das aulas - um português que dar a impressão de 3º ano (coisa que se aplica no fundamental). Mudaria a gestão da secretaria pois demora horas para resolver coisas dos nossos documentos.

3º) Nenhum! Pretendo terminar logo e sair daqui.

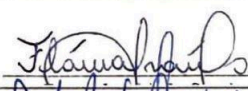
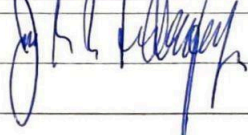
Aluna: Luciana Rodrigues



**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO
DO PROJETO DE PESQUISA**

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado: **jovens e adultos na escola. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto?** vinculado à instituição **Colégio Estadual Manoel Devoto**, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, 04 de janeiro de 2024.

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Flavia Lorena de Souza Araújo	
João Augusto Lima de Oliveira	

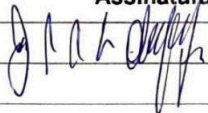


TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada **JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto?** cujos dados serão coletados através de **questionários e entrevistas, no Colégio Estadual Manoel Devoto**, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no Instituto de Educação Setor MPEJA, da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a **João Augusto Lima de Oliveira**. Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, ...de.....de 20.....

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
João Augusto Lima de Oliveira	



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado: **jovens e adultos na escola. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto?** vinculado à instituição **Colégio Estadual Manoel Devoto**, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, ...de de 20.....

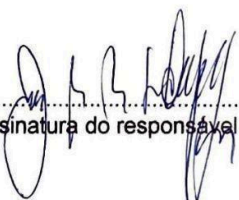
Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Flavia Lorena de Souza Araújo	
João Augusto Lima de Oliveira	



TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado **JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA. Por que os educandos permanecem na EJA no Colégio Estadual Manoel Devoto?** sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade. Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Salvador, ...de.....de 20.....


.....
Assinatura do responsável pelo projeto

Perguntas referentes ao Mestrado em Educação Profissional em EJA para o Colégio Estadual Manoel Devoto – direcionada a cinco (5) alunos da EJA.

Perguntas:

- 1) Como você se apresenta, ou seja, quem é você?**
- 2) Você trabalha, recebe algum benefício estatal? Qual a sua fonte de renda?**
- 3) Qual o sentido da escola para você e por que você se mobiliza para ir à escola todos os dias? O que é a EJA para você?**
- 4) Como você pensa numa proposta para que a escola seja atrativa para os alunos da EJA?**

ANEXO 3 — Entrevistas na íntegra

ENTREVISTA: 01

Entrevista com a aluna da EJA CEMA em 13.05.2024 sala 7 A

Bruna Carolina dos Santos Luz

João — Boa noite. Estamos aqui com Bruna Carolina dos Santos Luz. Boa noite, tudo bem?

Bruna — Boa noite — tudo bem.

João — Tá tranquila?

Bruna — Tudo tranquilo.

João — Pronto, pode falar com tranquilidade. Bruna, você poderia se apresentar para a gente? Quem é Bruna Carolina?

Bruna — Eu sou Bruna Carolina. Tenho 31 anos, sou mãe de dois filhos, sou batalhadora, corro atrás dos meus sonhos e meus ideais e vou à luta.

João — Você trabalha no momento?

Bruna — Eu não, sou autônoma. Eu tô trabalhando como eu posso, porque como eu tô estudando, a maioria dos trabalhos que eu acho no momento sempre tem que deixar o estudo de lado. Eu tô dando prioridade aos estudos.

João — Joia. Você trabalha com que tipo de atividade?

Bruna — Manicure.

João — Interessante. A Débora, sua amiga, também é manicure. Beleza. Bruna, você recebe algum benefício do Estado?

Bruna — Graças a Deus, eu recebo o Bolsa Família e o Bolsa Presença também, somados com a Bolsa Presença aqui do colégio Manoel da nossa presença.

João — Você tem uma outra fonte de renda?

Bruna — É o meu trabalho. No final de semana eu faço unha, às vezes à tarde eu faço também.

João — Beleza. Bruna, minha querida, me diga: qual o sentido da escola para você? Você acredita que a educação é importante? E o que é educação para você?

Bruna — No momento, para mim, o sentido é... para mim no momento, eu tô priorizando a escola. Tô apostando todas as minhas fichas porque eu acho que a educação é a base de tudo, né? A educação é a gente se tornar uma pessoa melhor. Eu

acho que você não consegue nada na vida, construir nada sem os estudos. Então, para mim, a educação é tudo.

João — E o que lhe mobiliza, Bruna? O que é que faz você ter força depois de um dia cansada, de um dia duro de batalha? Você vir para a escola de noite? Porque o que é que mobiliza você?

Bruna — O que me mobiliza é que eu tenho uma mocinha de doze (12) anos e tem um rapazinho de cinco (5) anos, que é o que me dá força. Eu quero que eles olhem lá na frente, olhem e digam assim: "Eu quero ser igual a minha mãe, eu quero conseguir como minha mãe conseguiu." Eu quero que eles olhem para mim e vejam que... e sintam orgulho, sabe, de mim. Como mãe, eu sou mãe solo, viu? Sozinha. É isso que me mobiliza: meus filhos.

João — Você ficou um pouco emocionada?

Bruna — Sim. É por eles que eu tô aqui, eu quero dar uma vida melhor a eles.

João — O que é a EJA para você, Bruna?

Bruna — Boa área. Para mim, é uma oportunidade, é uma oportunidade boa, legal. Eu acho muito bom a EJA, talvez a gente estivesse um pouco atrasado nos estudos, né? Eu acho que o EJA ajuda muito a gente alcançar os objetivos de completar o ensino médio mais rápido.

João — Finalizando o nosso bate-papo, como você pensa numa proposta para que a escola seja mais atrativa para os alunos, em especial da EJA?

Bruna — O que imagino que a escola poderia fazer para atrair mais alunos no momento... Eu acho que poderia ter mais organização. Eu acho que assim, poderia diminuir aulas que eu, no meu ver, acho que não são necessárias, não acrescentam em nada para a gente, e aumentar outras que acrescentam e não estão tendo as aulas como era para ter, sabe, para a gente evoluir. Mas é organização, um conforto assim em relação à merenda, que às vezes tem pessoas que vêm do trabalho, tem pessoas que não tiveram tempo. Como eu não trabalho de carteira assinada, mas eu tenho uma vida muito corrida e às vezes não dá para comer em casa, a gente chega aqui e tá ruinzinho. Como hoje, eu acho que essas coisas poderiam ajudar, né?

João — Então você acha que oferecendo uma merenda melhor, poderia ser mais atrativa para o estudante?

Bruna — Sim. O principal que eu acho que desanima, como eu já me senti desanimada, é que às vezes eu vejo pessoas que não estão assim correndo atrás para passar, não estão correndo atrás dos objetivos. Vêm no dia que querem, um dia que não

querem não vêm, fazem atividade quando querem e mesmo assim essas pessoas conseguem passar. Então eu acho que isso deveria ser cortado para que quem tá na sala de aula se sinta mais motivado, ver justiça, ver tudo certinho, entendeu?

João — Então você acha que essa aprovação de qualquer jeito acaba desestimulando o aluno que quer estudar?

Bruna — É como eu tô falando, senhor. Eu tenho duas pessoas que eu quero dar orgulho, então eu coloco isso à frente, mas isso é o principal que me deixa muito desconfortável. Eu acho que deveria ter um modo de cortar esse tipo de coisa, então uma maneira de atrair os alunos é aumentar o rigor. Isso é, aumentar o rigor para que o aluno seja mais responsável. É bom quando você tá na sala de aula e você sabe que ali tem leis que, se não forem cumpridas, a pessoa não consegue, né? É ruim quando você tá no lugar que você acha assim: "Ah, pode ser de qualquer jeito." Isso é ruim, né?

Eu, no meu ver, acho que pode ser de qualquer jeito. A pessoa que faz consegue e a pessoa que não faz consegue igual a quem faz. Eu acho isso ruinzinho, eu não me sinto à vontade.

João — Muito obrigado, a sua participação foi importante.

Bruna — De nada, professor.

ENTREVISTA: 02

Entrevista com a aluna da EJA CEMD – em 13.05. 2024 - turno Noturno

Aluna – Debora Maria Santos Santana EJA 6B

João — Boa noite, estamos aqui entrevistando a aluna da EJA 6B — CEMD turno noturno. Debora, tudo bem? Está tranquila?

Debora — Tudo sim!

João — Está tranquila agora? Nervosa? Você poderia se apresentar, por favor?

Debora — Sim, sou Debora Maria Santos Santana, moro aqui em Salvador, nasci e fui criada em Salvador, tenho vinte e quatro anos (24), e fui nascida e criada aqui na Bahia com muito amor e carinho.

João — Joia, joia. Debora, você trabalha?

Debora — Sim, sou manicure, faço sobrancelhas e sou maquiadora também.

João — E você trabalha para você?

Debora — Infelizmente não, trabalho para outra pessoa, aqui no Rio Vermelho.

João — Você recebe algum benefício do Estado?

Debora — No momento, só recebo Bolsa Presença e estou aguardando o Bolsa Família e até hoje nada, tô na espera.

João — Qual a sua idade? Você tem outra fonte de renda além do salão e da Bolsa Presença?

Debora — Tenho 24 anos, no momento só essas que falei.

João — Certo. Debora, qual o sentido da escola para você? O que você acha que a escola representa para você?

Debora — Olha, no momento a escola está representando muita coisa para mim, é um esforço que eu tô fazendo pois tô trabalhando e não tenho muito tempo e estudando para daqui pra frente ter minha casa, ter o meu sonho, né, ter minha casa pronta para sair do aluguel e a escola tá sendo essa oportunidade pra mim.

João — Certo. Outra coisa, Debora, o que lhe mobiliza vir para a escola todos os dias? Você falou que trabalha o dia todo e vem cansada para a escola, o que lhe atrai?

Debora — Me atrai que eu quero concluir os estudos, como eu falei, quero concluir os meus estudos pra ser uma pessoa melhor e, quem sabe, possa fazer uma faculdade, ser outra profissional.

João — Então você acredita que a educação ainda é um caminho viável?

Debora — Sim, ainda existe para quem quer, para quem tem força, e eu sou essa pessoa que está aqui lutando sempre no dia a dia.

João — Joia. E o que é a EJA para você? Como é que você pode falar da EJA para a gente?

Debora — Oi, a EJA é boa, porque acelera um pouco para quem se atrasou e tá com a idade um pouco avançada, então a EJA é boa e acelera um pouco... (Emoção, choro)

João — Calma, tá ótimo. E você gosta dos ensinamentos, da maneira como a EJA é aplicada na escola?

Debora — Eu gosto, mas tem algumas atitudes de professores que tipo vão passando coisas e não estão corrigindo, tipo, não tá sabendo o que é o certo e o errado, só colocam no quadro e não tá corrigindo. Os professores tão tipo passando coisa, não tão corrigindo, tipo não tá sabendo o que é certo e o que é errado. Eles não param, enchem o quadro e tá bom, é isso aí.

João — Então você vê algumas deficiências no ensino da EJA? Uma delas é o retorno do professor para você?

Debora — Sim, porque eles pegam o caderno, mas não olham, não corrigem, não dizem "isso aqui está errado". Na aula, eles botam o visto e tá bom.

João — Para finalizarmos, como você pensa uma proposta para que a escola seja mais atrativa para os alunos da EJA? O que você pensa que poderia melhorar na escola para atrair mais colegas seus?

Debora — O colégio tá precisando de mais comunicação, que não tá tendo, mais informação também. A merenda tá precisando muito melhorar, como a educação e na melhoria das coisas e muita reforma. E de aprendizagem tá precisando muito. A escola é... é isso aí! Mais comunicação. Cada vez mais que passa, fica muito mais difícil.

João — Comunicação que você fala é da direção da escola com os alunos?

Debora — Sim, da direção da escola.

João — Você acha que a direção se comunica pouco com vocês?

Debora — Sim, com certeza.

João — Então deveria ter mais reuniões?

Debora — Deveria.

João — Joia. E como é que é a comunicação dos professores com vocês?

Debora — Oi, tem alguns que falam, tem outros que tanto faz como tanto fez. Como aconteceu ontem mesmo, tem um professor que nem deu satisfação, saiu do colégio e nós ficamos esperando. Quando fomos procurar, não achamos mais, acabou não tendo aula dele.

João — Ele estava na escola e depois não estava mais? E nem comunicou a vocês?

Debora — Sim.

João — Isso acontece muito, Debora?

Debora — Oi, geralmente não, mas no caso de ontem aconteceu.

João — Certo. Debora, sobre a merenda, o que você acha que é ruim? Pouca? Qual o problema?

Debora — A merenda é boa, mas no momento tá vindo sem sal, as coisas sem açúcar também. E hoje teve cuscuz com ovo, mas sem tempero, nada, nem uma manteiga, só o ovo sem sal ainda por cima. Uma falta de respeito. Era para ter feijão direto. Tem dias que dá feijão sem suco, só café.

João — Debora, você acha que deve melhorar?

Debora — Sim, é boa, mas pode melhorar mais.

João — Debora, muito obrigado pela sua participação. Vamos agora assinar o termo de consentimento que você permite publicar sua entrevista para o mestrado. Debora, obrigado!

Debora — Obrigado a você também.

ENTREVISTA: 03

Entrevista com a aluna da EJA 7A em 14. 05.2024 às 19:40

Aluna – Josie Maria dos Santos

João — Boa noite, Josie, tudo bem?

Josie — Tudo, professor.

João — Josie, você poderia se apresentar, dizer quem é você?

Josie — Sou Josie, mãe solteira, tenho um filho de treze (13) anos e no momento estou desempregada.

João — Certo! Josie, você é daqui mesmo da capital ou é do interior?

Josie — Eu sou daqui mesmo, da Bahia.

João — Certo, então você é de Salvador? É isso?

(Josie acenou com a cabeça afirmativamente.)

João — Você trabalha, Josie, ou recebe algum benefício estatal? Qual a sua fonte de renda?

Josie — Recebo o Auxílio Brasil.

João — Ah, o auxílio do governo federal? E aqui na escola você recebe algum benefício?

Josie — Eu recebo... é... Bolsa Presença.

João — Ah, é?

Josie — É, R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) pela presença do aluno.

João — Joia, e o governo está pagando certinho?

Josie — Tá.

João — Você tem outra fonte de renda? Você trabalha em alguma atividade?

Josie — Eu cato reciclagem de manhã.

João — Ah, você cata reciclagem nas ruas. É de que tipo? Latinhas?

Josie — Papelão, plástico, latinha...

João — Joia. Vamos para a nossa terceira pergunta: qual o sentido da escola para você, por que você se mobiliza para vir à escola todos os dias? O que é a EJA para você, Josie?

Josie — Eu vou te ajudar. É porque eu quero ter uma fonte de renda melhor, ter um futuro melhor, fazer uma faculdade, ser alguém.

João — Joia. Então você acredita que a escola pode lhe possibilitar ter uma vida melhor?

Josie — Sim.

João — Joia. E o que significa a EJA para você? Como é que você vê a EJA oferecida aqui no CEMD?

Josie — Eu vejo o curso muito bom, porque a gente que trabalha de dia não tem condições de frequentar a escola e, de noite, tem a oportunidade de aprender um pouco, né, de ser alguém, né, né.

João — Certo... e qual o sentido da educação para você, Josie? Como você vê a educação?

Josie — Um futuro melhor.

João — Melhor? Joia. Você não está nervosa, né? Está tranquila... e como você pensa em uma proposta para que a escola seja mais atrativa para os alunos da EJA? Eu estou lhe perguntando isso porque eu conversando com muitos alunos, muitos falam que a escola poderia ser melhor, ter mais atração, porém não falam como deveria ser. Não falam o que pensam! Qual a proposta que você tem para a escola e, em especial, para os alunos da EJA, para que seja mais atrativa para os alunos da EJA?

Josie — Uma merenda melhor, a que tá não é muito boa não...

João — Ah, você vê que a escola pode melhorar se tiver uma merenda melhor?

Josie — Sim, uma merenda melhor sim, porque às vezes a gente trabalha o dia todo, fica sem se alimentar... chega aqui é só uma besteirinha... um suquinho que não enche nossa barriga. Se fosse jantar todo dia, seria bom, se tivesse jantar.

João — Certo. Se fosse jantar todos os dias, seria melhor para o aprendizado? Para além da merenda, você tem outra proposta, uma outra visão para atrair alunos?

Josie — Deveria ter curso de computação...

João — De computação?

Josie — Sim, curso de artesanato... essas coisas assim. Pra gente distrair a mente, esquecer o estresse.

João — Certo... Então a escola deveria profissionalizar, você fala no sentido de dar curso profissionalizante?

Josie — É... quando a gente termina, deveria ter um curso aqui que encaminhasse a gente pro trabalho.

João — Hum. Eu sei. Então você acha que deveria ter os dois anos e um a mais, é isso?

Josie — Sim, é isso.

João — Esse terceiro ano seria algo que desse um certificado profissional?

Josie — É... isso.

João — Você tem ideia do quê?

Josie — Eu queria aprender a mexer no computador...

João — Computador. Joia. Você tem algum ensinamento para deixar para os seus amigos da EJA?

Josie — Não desistam dos seus sonhos, nunca é tarde.

João — Joia. Querida, muito obrigado. Viu, foi tranquilo. Boa noite para você.

Josie — Professor, foi um prazer, muito obrigado.

ENTREVISTA: 04

Entrevista com a aluna da EJA 7B em 14. 05.2024 às 19:40

Aluna – Michele Santos Fonseca

João — Olá, Michele, podemos começar? Michele, gostaria que você se apresentasse, falasse quem é Michele?

Michele — Sou Michele Santos Fonseca, nasci na Bahia, moro no Nordeste de Amaralina... quem eu sou... eu sou uma pessoa que estou procurando uma melhoria, estudando para procurar uma melhora, porque minha mãe lutou muito, uma guerreira, para hoje ela ser técnica de enfermagem, e eu estou aqui procurando uma melhora.

João — Joia. Michele, você trabalha?

Michele — Não... faço um estágio na UFBA, na Universidade Federal da Bahia.

João — Joia, um estágio de quê?

Michele — É iniciação científica.

João — Você recebe bolsa, algum benefício do governo?

Michele — Recebo a bolsa da UFBA.

João — Ah, bolsa da UFBA. Aqui no Devoto você recebe algum benefício?

Michele — Só o benefício do cartão presença.

João — Do cartão presença... joia... você tem alguma outra fonte de renda?

Michele — Não.

João — Beleza, você tem família ou mora com os seus pais?

Michele — Não, moro com os meus avós.

João — Michele, qual o sentido da escola para você? Qual a sua visão da escola para você?

Michele — Procuro um futuro... Se formar... o que eu tô procurando para lá na frente procurar um futuro melhor, uma faculdade, para se formar para algo melhor, uma vida melhor para a minha mãe.

João — Então, você acha que a escola é o caminho... beleza. Michele, o que mobiliza você a vir ao Devoto todos os dias, você tira força de onde para frequentar o Devoto todos os dias?

Michele — A minha vovozinha, acho. Eu não sei de onde eu tiro essa força, né, tenho que vir, porque eu sei que eu quero o melhor para mim.

João — Mas... você gosta da escola?

Michele — Gosto!

João — Gosta. Michele, o que é a EJA para você? Fale da EJA um pouco.

Michele — Rapaz, eu faço a EJA, gosto dos professores, gosto do ensino, e tô caminhando pra frente... estou no meu último ano e vou sair.

João — Você não vai parar?

Michele — Não.

João — E você pretende continuar com seus estudos? Michele, para a gente terminar, como você pensa em uma proposta para que a escola seja mais atrativa para os alunos e em especial para a EJA?

Michele — Mudar um pouco, eu acho. Eu acho que é a questão... um tipo de disciplina e é desnecessário que tem muita disciplina e muitas foram retiradas que era pra gente ter e que a gente não tem, o modo de ensino, com professores que ensinam de um modo que eu não gosto.

João — Certo.

Michele — Só isso.

João — É a forma como alguns professores fazem as práticas deles?

Michele — É.

João — Você tem alguma ideia de como seria uma prática melhor dos professores para com os alunos?

Michele — Tem que ter disciplina de informática. A gente não tem computador e quando tem, não usa.

João — Por exemplo, a escola oferece a disciplina na teoria, porque não tem as máquinas, é isso?

Michele — Pois é.

João — Então, você acha que o curso deveria ter aulas práticas de informática?

Michele — Isso.

João — Joia... Michele, você quer deixar alguma mensagem para seus colegas da EJA?

Michele — Professor, no momento, nada.

João — (risos) Tá nervosa?

Michele — Não...

João — Muito obrigado e boa noite.

ENTREVISTA: 05

Entrevista com aluno da EJA 7 A turno noturno no dia 21.05.2024

Leandro Nascimento dos Reis.

João — Boa noite. Estamos aqui no Colégio Manoel Devoto entrevistando Leandro Nascimento dos Reis, aluno da EJA 7A. Essa entrevista é para fazer parte da pesquisa que estou realizando para o mestrado em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Estadual da Bahia. Como está você? Tá tranquilo? Podemos começar? Lembra que eu gostaria que você se apresentasse. Quem é Leandro?

Leandro — Tenho 29 anos. Gosto muito de ajudar as pessoas, por isso fiz o curso de bombeiro civil. Gosto de ajudar...

João — Leandro deu uma longa pausa e parecia estar nervoso, olhando para o vazio.

João — Bom, tranquilo. Posso te ajudar. Tá nervoso, não, né? Não fique nervoso, Leandro.

João — Qual o trabalho que você desenvolve hoje? Ou se você ganha algum benefício do governo federal ou estadual, se você ganha algum benefício aqui no Colégio Manoel Devoto, e se você tem uma fonte de renda?

Leandro — O trabalho que eu desenvolvo hoje, pessoalmente, como eu gosto muito de ajudar as pessoas, eu entrei nessa área de saúde. Sempre tem uma pessoa para ajudar, seja em questão de saúde, de um abraço, de um socorro.

João — Você falou que se formou em quê mesmo?

Leandro — Bombeiro civil.

João — Joia, é bombeiro civil. Joia. Faz parte da área da saúde?

Leandro — É. Eu me identifico certo, mas atualmente estou fazendo outra coisa.

João — Trabalha com quê?

Leandro — Entrega no iFood.

João — Ah, delivery de moto ou bicicleta?

Leandro — Bicicleta. Eu não gosto, e é bastante cansativo e perigoso, mas é o que tem agora para mim.

João — Joia. Para além de delivery, você recebe algum benefício do Estado?

Leandro — Infelizmente, não.

João — E aqui no Manoel Devoto você tem bolsa, algum benefício?

Leandro — Fiz o meu cadastro certinho, mas não tenho benefício. Nunca recebi nada, esse governo não presta, muito desorganizado.

João — Ah, você se cadastrou, mas não foi contemplado.

Leandro — Isso. Gente que nem precisa, como eu conheço, recebe e ainda fica tirando onda, risos, risos...

João — Então, só a renda do delivery. Joia. Leandro, qual o sentido da educação para você? Como é que você enxerga a educação?

Leandro — Sem educação a gente não consegue nada. Sem educação, eu não estaria onde cheguei. Sem educação, talvez eu não estaria onde estou nem teria chegado.

João — O que é que mobiliza Leandro Nascimento dos Reis a vir todos os dias para o Colégio Manoel Devoto, depois de um dia de muito trabalho? O que lhe mobiliza?

Leandro — Você sabe que eu vou chegar, vou concluir o ensino médio, construir o meu castelo, digamos assim, meu futuro. Graças a Deus, esse ano é meu último ano e estamos aí.

João — Certo, Leandro. E o que é a EJA para você? O que é a Educação de Jovens e Adultos para Leandro?

Leandro — A educação de jovens eu vejo com tranquilidade.

João — Eu vou repetir. O que é para Leandro a Educação de Jovens e Adultos?

Leandro — Na minha opinião... eu acho muito importante a inclusão de pessoas que abandonaram a escola lá atrás, seja por causa do filho, seja por causa do trabalho, e não conseguem mais voltar. Mesmo com um tempo de sobra, não conseguem voltar e eu acho isso muito importante para essas pessoas. Muito bom.

João — Leandro, finalizando a nossa atividade, como você pensa em uma proposta para a escola ser mais atrativa para o aluno da EJA?

Leandro — Uma proposta para a escola? Infelizmente, né, é a questão do financeiro, esse bolsa presença. Eu acho perigoso. Infelizmente, por causa do benefício e não porque as pessoas gostam de estudar, é muito triste essa realidade. Tem gente que faltou esse ano só para poder vir no outro ano, só por causa do benefício, sendo que isso está atrasando a vida, tá atrasando o futuro.

João — Então você vê que o benefício é necessário, mas ao mesmo tempo ele acaba também prejudicando o aluno?

Leandro — Sim, pode atrasar o aluno aqui para um emprego lá fora. Tem colegas que não querem se formar para ficar só recebendo a bolsa presença. Deveria fiscalizar melhor os alunos com a bolsa presença. Outra coisa, a escola deveria começar um pouco mais cedo.

João — Cedo como?

Leandro — Começar às 18 horas, não às 19 horas, e sair às 22 horas...

João — Leandro, mas as questões de trânsito, engarrafamento, trabalho dos estudantes, você acha que esse horário daria certo?

Leandro — Sim.

João — Então você vê que o benefício é necessário, mas ao mesmo tempo ele acaba também prejudicando o aluno?

Leandro — Sim, pode atrasar o aluno aqui para um emprego. Tem colegas que não querem se formar para ficar só recebendo a bolsa presença.

João — Meu querido, muito obrigado. Sua participação foi muito importante para o meu trabalho.

Leandro — Tranquilo, professor.

ENTREVISTA: 06

Entrevista com a aluna da EJA 7C em 10/05/2024

Aluna: Maria Ana Tereza dos Santos

João — Olá, dona Maria, tudo bem? Como vai a senhora?

Maria — Vou bem. Como Deus quer.

João — Dona Maria, eu tenho quatro perguntas para fazer à senhora. Eu gostaria que a senhora me ajudasse e falasse de forma espontânea, tranquila.

Maria — Tudo certo, pode perguntar. Pode sim, professor.

João — Ok! Vamos lá! Dona Maria, como você se apresenta, ou seja, quem é Dona Maria? Dona Maria, fale da senhora para a gente.

Maria — Meu nome é Maria Tereza, eu tenho 61 anos, sou casada pela segunda vez, tenho três filhos, e... hoje moro na Santa Cruz. Eu... desde nova vim do interior pra tentar melhorar a vida aqui porque lá onde eu morava era muito seco, muito difícil as coisas, e aí eu vim pra cá, pra Salvador. Chegando aqui, arrumei emprego em casa de família e comecei a trabalhar. Conheci um rapaz. A gente teve uma história e dessa história nasceu um menino, e... eu fui morar com ele... ele começou a ter umas bebedeiras, né? E... dessas bebedeiras a gente tinha sempre brigas e numa dessas brigas, ficou muito difícil, porque ele queria me matar... então eu fugi com meu filho, saí e fui procurar onde ficar. (Longa pausa) Consegui outra casa de família, porque na outra não quis ficar mais porque ele sabia onde era. Então, eu consegui uma outra casa de família, nessa casa de família fui criando meu filho e encontrei outro rapaz com o qual vivo até hoje, que é meu esposo. E desse convívio, a gente teve mais dois filhos, então... hoje eu continuo trabalhando em casa de família como doméstica, mas não tô aguentando mais, tô querendo sair... mas assim, eu gosto de vir pra escola, gosto de estar aqui e estudar.

João — Ok, dona Maria, muito obrigado. Bonita história de vida. Dona Maria, uma segunda pergunta: a senhora trabalha, a senhora recebe algum benefício estatal, qual sua fonte de renda?

Maria — Como eu disse ao senhor, professor, eu trabalho em casa de família, mas não vou trabalhar mais porque... fica muito difícil a gente trabalhar e... vê tanta exigência e o salário é tão pouco. E eu parti também pra faxina, porque a faxina me deixa com mais tempo pra organizar a casa, né? E recebo sim, recebo um benefício que é o Bolsa Família, mas só tenho esse, esse e as faxinas que eu faço, e o outro que já tô saindo, não vou ficar mais trabalhando como empregada doméstica.

João — Sim, senhora. Dona Maria, a senhora tem carteira assinada nessa casa de família?

Maria — (Risos) Não, professor, não tem. O pessoal lá fez um acerto comigo e não tenho, então... eu já tô cansada... tentei, mas eles dizem que não pode, então pra mim tá difícil, não dá mais pra continuar.

João — Entendo. Dona Maria, uma terceira pergunta: Qual o sentido da escola para a senhora? E por que a senhora se mobiliza para ir à escola todos os dias? E qual é o sentido da EJA para a senhora?

Maria — Ó professor, eu vim parar na escola porque meus filhos já tão criados, né? O marido, ele faz bico, então... às vezes, à noite ele chega muito tarde, então eu fico muito sozinha. E aí uma vizinha minha, que estuda aqui na escola, me chamou pra vir pra poder estudar também. Aí eu disse: mas eu já tô cansada, foi que eu consigo aprender? Ela fez: não... vamos, vamos, vamos, a gente se matricula, vamos lá... e aí ela me trouxe aqui, né? Eu comecei e... tenho gostado, viu, professor? Tenho gostado muito. E... eu tenho vindo porque tenho visto muita coisa que no meu dia a dia não vejo, na minha lida com o trabalho, né? Então aqui eu vejo uma oportunidade de... melhorar de vida, né? Estudando, aprendendo coisas que eu não... há muito tempo que deixei de estudar, então eu já não lembro mais nada ou quase nada, e aí a escola, né? A EJA está me ajudando muito nisso.

João — E o que mobiliza a senhora, dona Maria? O que lhe faz verdadeiramente vir para a escola todos os dias?

Maria — Ah...

João — O que lhe motiva?

Maria — Esse contato com as pessoas. Eu gosto muito de conversar, gosto também de aprender muita coisa que eu não sei e os professores aqui trazem muita novidade pra gente. Então... falar um pouco melhor, eu ouço histórias, né? Que o professor de história fala, que eu gosto muito, e também eu gosto da aula de ciências, que fala de umas coisas interessantes. Então, além do convívio com os colegas, das amizades que eu fiz, né? A gente vem junto e volta junto, então isso me ajuda, né? A... ficar mais assim, mais próxima da escola e também porque tem pessoas que fazem a gente sentir um pouco melhor na vida.

João — Joia, dona Maria. Finalizando, nossa quarta e última pergunta. Como a senhora pensa em uma proposta para que a escola seja atrativa para os alunos da EJA?

Maria — Assim, eu... acho que a EJA poderia formar a gente em um curso que a gente pudesse ganhar dinheiro lá fora, melhorar um pouco o salário, tipo assim, professor, como tem aí, né? Um curso que profissionalizasse a gente, botasse a gente

como profissional, como cuidador de idoso. A gente sabe que tem muito idoso, né? Que fica sozinho, porque a família não tem como ficar com ele durante o dia porque trabalham, então eles precisam de uma companhia, de alguém que fique com ele até os filhos chegarem. Então, a gente pode fazer esse curso; a escola podia botar a gente pra fazer esse curso, fazer durante o período que a gente tá aqui, dar matérias que a gente pudesse se formar e aí ter esse diploma e poder usar.

João — Então a senhora acha que a EJA poderia, ao mesmo tempo que fornecer o conhecimento necessário para a formação geral, também oferecer uma formação profissional, é isso, dona Maria?

Maria — Isso, professor! Isso... isso! Eu tenho certeza que isso aí traria mais gente pra estudar aqui no Manoel Devoto.

João — Ô, dona Maria, sua entrevista foi maravilhosa, muito obrigado. Que Deus lhe ilumine, felicidades pra senhora.

Maria — Muito obrigada, professor. Muito obrigada!